

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM NARRATIVAS, IMAGENS E
SOCIABILIDADES.

VINÍCIUS LARA DA COSTA

América como um todo: o pensamento e as relações de Waldo Frank com a América Latina
em sua obra “América Hispana” (1931)

Juiz de Fora

2014

VINÍCIUS LARA DA COSTA

América como um todo: o pensamento e as relações de Waldo Frank com a América Latina em sua obra “América Hispana” (1931)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em História.

Orientadora: Beatriz Helena Domingues

Coorientadora: Sônia Cristina Lino da Fonseca

Juiz de Fora

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Costa, Vinícius Lara da .
América como um todo. : O pensamento e as relações de Waldo Frank com a América Latina em sua obra América Hispana (1931) / Vinícius Lara da Costa. -- 2014.
102 p.

Orientadora: Beatriz Helena Domingues
Coorientador: Sonia Cristina Lino da Fonseca
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2014.

1. História da América. 2. Waldo Frank. 3. Ensaísmo. 4. América Hispana. 5. Americanismo. I. Domingues, Beatriz Helena, orient. II. Fonseca, Sonia Cristina Lino da, coorient. III. Título.

Vinícius Lara da Costa

América como um todo: o pensamento e as relações de Waldo Frank com a América Latina em sua obra “América Hispana” (1931)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em História.

Apresentado em 26/08/2014.

Banca Examinadora

Prof. Dr^a. Beatriz Helena Domingues – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr^a. Sônia Cristina Lino da Fonseca – Presidente
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes – Membro Titular
Universidade Federal de Ouro Preto

*Dedico este trabalho a todos, vivos e mortos, que
fizeram parte de sua concepção e planejamento.
A eles, minha gratidão.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar sinto-me feliz pela oportunidade de apresentar esta dissertação de mestrado sendo o primeiro membro de minha família a alcançar este título em sua formação. Para que este objetivo pudesse ser alcançado agradeço a meus familiares e minha esposa que apoiaram minha trajetória durante toda a graduação e também dividiram comigo as dificuldades encontradas por mim na execução deste trabalho.

Agradeço à professora e amiga Sonia Lino que faz parte desta banca e foi a grande incentivadora – e coorientadora – deste projeto a respeito de Waldo Frank e sua obra. Lembro-me de quantas vezes conversamos sobre os mais inusitados assuntos durante as aulas e também das conversas mantidas nos corredores da faculdade a respeito de tantas outras coisas e detalhes das disciplinas, da vida, da espiritualidade.

À minha orientadora Beatriz Helena Domingues, agradeço pela paciência e pela acolhida durante a realização desta pesquisa. Nos encontros que tivemos ao longo do tempo percebi, como sempre, sua disposição em ampliar os horizontes de sua visão sobre temas e objetos diferentes, e também em somar às discussões propostas no texto sempre alguma consideração pertinente e “antropofágica”, capaz de tornar minha mente mais refinada em suas leituras e reflexões.

Aos amigos que dividiram comigo o tempo restrito, o sono inconstante e as melhores disposições de trabalho na conquista deste ideal, também agradeço.

À minha esposa, que soube entender os períodos de maior intensidade na produção deste trabalho. Também são dela muitas palavras, muitas ideias e parte da motivação destas páginas e de tantas outras que escrevi. Sua companhia, seu desvelo, seu companheirismo e boas ideias fizeram com que eu ingressasse no mestrado, enfrentasse seus desafios e chegasse até aqui.

Agradeço a Waldo Frank e à sua insistência em ser idealista. Através da leitura de suas páginas, pude entrar em contato com facetas de minha personalidade que até então jaziam desconhecidas. Seu texto, carregado de espiritualidade e desejo de experiência foi um sedutor caminho pelo qual alegro-me ter caminhado.

Por fim, respeitando as crenças espirituais a que me entrego, não posso esquecer a gratidão que carrego pelos amigos invisíveis que, certamente, somaram a essas páginas algumas ideias através da inspiração. Certo da conexão entre os mundos visível e invisível, também a eles dedico meu trabalho.

*“Vejo tua luz iluminando e tua sombra sombreando
como se fosse abarcar o globo inteiro,
Mas não me encarrego de definir-te, mal posso
compreender-te,
Digo apenas teu nome, tua profecia, como agora,
Apenas profiro-te!”*

Walt Whitman

RESUMO

Este texto analisa a obra “America Hispana”, publicada pelo escritor e ativista político norte-americano Waldo Frank em 1931. Os objetivos do trabalho englobam o pensamento de Frank em relação às origens e aos destinos da América Latina, bem como os processos através dos quais a obra foi redigida e pode ser considerada como uma espécie de descrição da trajetória do próprio Frank enquanto intelectual engajado ansioso por reconhecimento. Segundo as palavras do autor, “America Hispana” pretende escrever “a história de um povo e não de personagens ou grupos de personagens ficcionais” como fizera em trabalhos anteriores. Por isso agrupou-o com outros três volumes sob o título de *El nuevo mundo*, e nos quais buscava reescrever a história do continente. Partindo da mitologia em torno da formação do continente americano busca identificar as características comuns e complementares entre os povos que habitam a América e construir uma grande narrativa épica em torno deles. As obras de Waldo Frank tiveram grande repercussão no meio intelectual e político da América espanhola até a década de 1950, quando suas ideias entraram em ocaso.

Palavras-chave: Waldo Frank, América Hispana, Nuevo Mundo, Ensaísmo, América Latina.

ABSTRACT

This text analyzes the work “America Hispana”, published by the writer and political activist American Waldo Frank in 1931. The objectives include the thought of Frank in relation to the origins and destinations of Latin America as well as the processes by which the work was written and may be regarded as a kind description of the trajectory of Frank himself while engaged intellectual eager for recognition . In the words of the author, “America Hispana” want to write "the story of a people, not characters or groups of fictional characters" as he had done in previous works. Therefore grouped it with other three volumes under the title *El nuevo mundo*, and in which he sought to rewrite the history of the continent. Starting from the mythology surrounding the formation of the American continent seeks to identify common and complementary characteristics between people who inhabit America and build a big epic narrative around them. The works of Waldo Frank had great impact on the intellectual and political landscape of Spanish America until the 1950s, when his ideas went into decline.

Keywords: Waldo Frank, América Hispana, Nuevo Mundo, Ensaísmo, América Latina.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
2 - APROPRIAÇÕES E SIGNIFICAÇÕES...	25
2.1 – Transcendentalismo e Poesia entre os ícones norte-americanos: Henri Thoreau, Waldo Emerson e Walt Whitman.....	26
2.2 – Relações Latinas: amizades, Américas e ambições.....	29
3 - AMÉRICA HISPANA.....	46
3.1 – As origens do mito americano.....	48
3.2 – Os destinos do continente segundo Waldo Frank.....	60
4 - CONCLUSÃO.....	69
BIBLIOGRAFIA.....	79
ANEXOS.....	83

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Cronologia de Waldo Frank

ANEXO B – Carta a Waldo Frank (Victória Ocampo)

ANEXO C – Correspondências: Waldo Frank, Samuel Glusberg e José Carlos Mariátegui

1) INTRODUÇÃO

Início este trabalho com a proposta de uma biografia e, desde já, abraço um problema referente à construção desta trajetória e também à validade do método como definidor do objeto da pesquisa. Elaborar uma biografia referente a “acontecimentos marcantes” na vida de alguém é algo difícil, porque como o viés do observador é tendencioso a hierarquizar fatos arbitrariamente, é possível dizer de todos praticamente qualquer coisa.

Sob o ponto de vista teórico, parto das reflexões de Bourdieu acerca da biografia, que para ele seria algo absurdo em sua forma tradicional. De fato, é bastante insólito “compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constante não é senão aquela de um nome próprio¹”. Waldo Frank, por ter sido ele intelectualmente muito ativo e ter participado de vários movimentos políticos e culturais ao longo de sua vida demonstra como a ideia de “coerência” e “incoerência” biográfica apresentada por Bordieu pode ser relevante à compreensão intelectual de sua produção. Como relacionar o papel de sua participação na criação da revista argentina *Sur*, fato amplamente difundido, com algumas fotografias em que posa ao lado do poeta esotérico Kahlil Gibran², por exemplo? Ou pensá-lo como um tipo de marxista, quando a mística de sua experiência com o outro e com o mundo estão sempre tão presentes com uma inocência quase pueril? Aparentemente Waldo Frank foi uma grande contradição – talvez como todos nós – e a elaboração de sua biografia intelectual levará em conta uma chave de interpretação que transparece em seus escritos: a expressão do indivíduo em busca de si no mundo.

Waldo David Frank (1889-1967) atualmente é um autor esquecido em seu próprio país e praticamente desconhecido no Brasil. Suas obras, no entanto, circularam por vários gêneros literários, do romance ao ensaio historiográfico e filosófico, passando por inúmeros artigos em periódicos sobre temas variados, marcadamente sobre a política e as artes³. Escreveu catorze romances, dezoito volumes de ensaios de história social e mais de cem artigos sobre literatura e política. No campo político, teve atuação não só como escritor, mas também como ativista, apoiando o partido comunista norte-americano nos anos 1930, e presidindo a *League of American Writers* (Liga de Escritores Americanos), associação que no período anterior a

¹ Bourdieu, Pierre. A Ilusão biográfica . in: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

² Trachtenberg, Allan. *Memoirs of Waldo Frank*. The University of Massachussets – 1973. Fotografias

³ *Seven Arts, Smart Set, New Yorker, New Republic, New Masses, entre outros*.

Segunda Guerra, lutava pela promoção da liberdade intelectual e política ao redor do mundo, participando ativamente em favor da esquerda espanhola durante a Guerra Civil e em movimentos pelos direitos civis e pela paz.⁴ Segundo Lewis Munford⁵, no prefácio que apresenta à autobiografia póstuma do amigo, a formação educacional de Frank, associada à sua inquietação com os padrões sociais vigentes nos Estados Unidos das primeiras décadas do século XX, fizeram de Waldo Frank uma das “figuras literárias mais vitais” da sua geração.⁶

Waldo Frank nasceu no dia 28 de agosto de 1889 em Long Branch, New Jersey. Durante os primeiros anos de sua vida permaneceu junto à confortável situação da família em uma propriedade razoável. Entre os anos de 1902 e 1911 ele ingressou nos estudos secundários em Nova York, mas não chegou a graduar-se por discutir com a professora sobre alguns itens acerca de Shakespeare. Segundo Frank o ensino era insuficiente e superficial, o que se negava a aceitar acreditando saber mais do que a mestra. Esse comportamento questionador é presente em toda sua produção a respeito de si mesmo. Não é possível verificar o motivo exato de sua não conclusão na graduação, o que se destaca é a autoafirmação de Waldo Frank a si mesmo como alguém, desde a juventude, diferente dos outros de sua idade. Também foi neste período que realizou sua primeira viagem para a Europa, retornando do velho mundo encantado com o que conhecera. Havia ido estudar em Loussane, onde aprendeu o idioma francês e se apaixonou por aquela literatura, mas foi forçado por um irmão - mais velho e autoritário na opinião de Waldo Frank - a completar seus estudos em Yale onde ganhou alguns prêmios literários. Tornou-se então crítico teatral no jornal *The New Heaven Courier* e também produziu sua primeira obra: *The Spirit of Modern French Letters*, que lhe rendeu os títulos de bacharel e mestre em literatura, mas não chegou a ser publicado por pedidos dele mesmo. Desde cedo, é notório o esforço que faz para manter-se no caminho literário. No curso de sua vida, enquanto procura ressignificar sua produção, Frank parece sempre reforçar o distanciamento de si em relação aos demais. Não seria exagero identificar a escrita que faz e si mesmo como aquela da trajetória do herói, sempre

⁴ FOLSOM, Franklin. *Days of anger, days of hope. A memoir of the League of American Writers. 1937-1942*. 1994, University Press of Colorado. 376p.

⁵ Lewis Munford (1895-1990) foi um historiador estadunidense que pesquisou sobre vários assuntos dentre os quais destacam-se a arte, a saúde, a tecnologia e o urbanismo. Foi também jornalista e crítico literário. Manteve amizade com Waldo Frank durante toda a vida deste e foi convidado a escrever a introdução de suas memórias póstumas.

⁶ MUMFORD, Lewis. “Introduction”. In: TACHTENBERG, Alan.(ed.) *Memoirs of Waldo Frank*. (1973). Massachusetts Press.p.XV.

solitário e incomodado com o mundo que o cercava e que se diferenciava dos colegas de classe, todos anestesiados pela vida da universidade:

Supongo que estaba poco preparado para el “viejo y querido campus”. Mis compañeros estaban embargados por el fútbol, no por ideas; por fraternidades pornográficas, no por clandestinas organizaciones revolucionarias. Se embriagaban con cerveza y cantaban cantos sentimentales, mientras los más amigos em Europa sobían sus licores sobriamente y se emborrachaban de Nietzsche. Gente buena, indecisa, seria, mis compinches de Yale eram para mi como niños. Fui en el “College” um rebelde bastante arisco. Para distraerme escribí críticas teatrales em un periódico local, sin perder ocasión de mofarme de la lamentable “falta de cultura em América”; interpretaba Bach; escribi un libro sobre literatura francesa moderna, y mis ojos seguían siempre vueltos a Europa, a través del Atlántico.”⁷

No ano de 1913, Waldo Frank retornou mais uma vez a Paris e desta vez pôde viver mais detidamente sobre o núcleo cultural que tanto admirava. Estudou a filosofia de Bradley, de Nietzsche e travou seu primeiro contato com a obra de Freud. Também foi neste período que estreitou suas ligações com outros intelectuais franceses como André Gide, Jules Romain e Romaim Rolland. Do contato entre eles, surgiam novos esforços por produzir uma síntese cultural humanística ao mundo moderno e estes trabalhos despertaram profundas inquietudes no jovem Frank.

É possível perceber a constante “falta” vivenciada pelo autor sendo “canalizada” ao seu continente à medida que se aprofundava na filosofia e na metafísica do Velho Mundo. As experiências que viveu em seu próprio país, seja por considerá-las inferiores ou por não serem capazes de atender aos seus desejos e caprichos de juventude, não lhe bastaram, de modo que foi buscar fora dos EUA alguma orientação. O primeiro componente do pensamento waldeano já se mostra durante sua segunda viagem à Europa: o espaço ocupado pelo constante sentimento da falta.

Ainda imerso no mundo que desejava, a vida na Europa lhe despertou para uma realidade sociológica: estava solitário, estrangeiro em terras nobres, mas que não as de suas origens⁸. Este sentimento foi o início de seu retorno aos EUA e de certa forma da primeira peregrinação empreendida na busca por se encontrar. Sua descrição deste movimento de retorno é marcada por expressões místicas que acompanham o autor desde sua estada em

⁷ Harpers CLD (Janeiro 1926), p.p. 204-210.

⁸ Cf. Frank, Waldo. **Primer Mensaje a la America Hispana.**

Paris até seu reencontro com a América. Aqui seu discurso sobre si mesmo aproxima-se ainda mais da trajetória do herói conforme apresentada por Joseph Campbell⁹. O herói incompreendido desde a infância já possuía características transcendentais que o diferenciavam das demais crianças e jovens; após sentir-se deslocado recebe o chamado para viajar a terras distantes onde enfrentaria desafios e provações capazes de iniciá-lo em conhecimentos ainda mais transcendentais e também investi-lo de sua missão derradeira. Após o retiro, há o retorno para sua terra natal em circunstâncias desafiadoras, para finalmente alcançar sua posição de vencedor. Esta é a trajetória de vida que Waldo Frank empresta a si mesmo através de seus escritos. Seu enamoramento pela Europa e a apropriação que faz dos pensamentos e pensadores europeus são a longa viagem de aprendizado, porque a ele convinha voltar para os Estados Unidos e transmitir sua autoproclamada mensagem de salvação. Eis o que diz em um de seus discursos proferidos na Argentina:

Em Paris había encontrado unos pocos individuos que no eran europeos. Venían de países extranjeros y desconocidos, situados AL Sur del mio; de países que yo imaginaba por vagas referencias y de los que nada sabía. Venían de México, de la Argentina, de Venezuela. Com estos hombres sólo pude hablar em francés; yo ignoraba su idioma e ellos, em su mayor parte, el mio. Extranjeros eran, me pareció, com suas lenguas extrañas y sus extraños fondos nacionales, raciales y geográficos. Y tuve entonces la primera sugestión de lo que había de ser em mi vida uma gran aventura. Sentí que esos extranjeros eran americanos, eran también americanos.¹⁰

Waldo Frank retornou aos Estados Unidos – 1914 – e se estabeleceu no bairro nova-iorquino de Greenwich: “*Alquilé un cuarto en Washington Place. Contemplé sus súcias paredes y me pergunte que locura me habia arrastrado hasta aqui. No importaba. Estaba donde me correspondia estar!*”¹¹ Seu retorno foi seguido de aprendizado literário no qual escreveu algumas narrações e peças de teatro somando aproximadamente quinze obras, nenhuma delas publicada no período. Foi também neste momento que iniciou ele a escrita da novela *The Unwelcome Man*, publicada em 1917. Pouco depois de seu desembarque nos Estados Unidos engajou-se na Revista *Seven Arts*, uma publicação gerenciada por intelectuais e artistas inconformados com a situação cultural americana. Entre seus fundadores e articulistas, estava Waldo Frank. A revista teve duração efêmera e chegou ao fim em 1917. Foi também em dezembro do mesmo que Frank casou-se pela primeira vez, com Margaret

⁹ Campbell, Joseph. O Herói das Mil Faces. São Paulo: Pensamento, 2007.

¹⁰ Ibid. p. 251

¹¹ Harpers CLD (enero 1926), P. 204-210.

Naumberg. Margaret foi psicóloga e educadora de destaque, sobretudo por ter sido a primeira a associar ao tratamento psicoterápico a contribuição das artes. Escreveu seis livros sobre educação e foi também fundadora da Walden School, em Nova York, onde aplicava diversas teorias pedagógicas de modo experimental.

Em 1918, intelectualmente mais maduro e deslumbrado pelo que acabara de descobrir acerca de seu país, iniciou a escrita de uma obra sobre a origem histórica e cultural de seu povo, redigindo *Our America*, que seria publicada em 1919. No texto, um ensaio sócio-histórico, Frank parte de uma reflexão acerca das crises sociais e morais da sociedade de seu tempo e vai gradativamente reconstruindo a história em ordem cronológica inversa, na busca por encontrar os equívocos que teriam gerado a situação contemporânea dos EUA. Também argumenta, em verdadeira profissão de fé, que seria possível reerguer a cultura e a sociedade na América, desde que esta missão fosse entregue à nova geração: a sua geração. Se não fossem os únicos capazes de compreender a urgência desta mudança, seriam verdadeiramente aqueles que possuiriam vigor físico e mental para efetuar-la. O tipo de escrita utilizado neste livro já marca o estilo de organização intelectual e formal de sua argumentação. O mesmo modelo de trabalho ele repetiria em obras posteriores. Mesmo baseando suas obras em fatos históricos, sobretudo no campo da história política, discutindo problemas de intenções nacionais, exploração popular ou má administração do estado, Waldo Frank se autodenominava um artista e se utilizava conscientemente da história como meio para atingir seus objetivos. Na função de ensaísta ou de conferencista, a manipulação do tempo histórico-social – sua estratégia mais utilizada – juntamente com a autoassimilada missão de reestruturação cultural americana foram os tons de sua propaganda.

A década de 1920 foi a mais importante para Waldo Frank no que tange a sua aproximação em relação ao tema América Latina, e ao amadurecimento de seu "mundo novo". Foi entre 1921 e 1930 que, além de publicações e viagens, ele travou contato com intelectuais latinos e espanhóis. É deste período a maior parte de seus relatos de viagem¹². Acima de tudo, destaca-se o “método” de sua relação com o mundo: a experiência demarca sentidos para Waldo Frank, é ela que conduz suas ações. O caráter apaixonado e por vezes inconsequente de suas atitudes é limitado unicamente pelo valor dado às suas próprias experiências.

¹² Cf. OGORZALY, BORCHADT, BERNADET

Em 1921, viajou pela primeira vez para a Espanha e o primeiro ponto de fascínio narrado por ele foi à descoberta da literatura ibérica¹³. A leitura de Dom Quixote, de Cervantes, em espanhol lhe causou forte impressão a respeito da perda de dimensão da obra quando lida em inglês. Esta dimensão de vida somou-se à rejeição de Frank pela cultura ocidental de seu tempo, uma espécie de fuga romântica do mundo “capitalista, político democrata, mecanizado e científico”¹⁴. A busca pela completude e pelo que se poderia fazer pela supostamente falida cultura ocidental iluminou-se de sentidos quando conheceu a cultura e o povo ibéricos. E ao mergulhar no mundo espanhol ele vivenciou um tipo de experiência mística:

Spain, in my first encounter, had made manifest an incompleteness in myself. (...) This, precisely, was what Paris could not offer. The western European had a completeness... articulate... that left something out; something I had felt live, in however obsolete a form, in the Spaniard; and something I needed in order to live and that America needed. The Hispano-Americans I had met also did not have it, and its lack, like mine, was their positive incompleteness.¹⁵

Sua identificação com a Espanha parece ter sido muito intensa, além do objetivo de sua viagem. O povo espanhol demonstrou a Waldo Frank a possibilidade da articulação entre vida, cultura e sentimentos de modo nunca visto, e esta totalidade talvez seja a maior apropriação objetiva efetuada por ele no país. A sua falta foi preenchida por uma experiência íntima de presença no território ibérico. Em 1925 ele publicou seu relato de viagem na Espanha (*Virgin Spain*) e então uma revisora do *New York Times* estampou de modo irônico em uma resenha: “*Speaking of Spain Here is Waldo Frank*”¹⁶. Ele foi acusado de escrever sobre si mesmo através de sua subjetiva visão da Espanha, projetando lirismo ao invés de informação. Em resposta, nas reflexões de suas memórias, Frank confirma a revisora dizendo: “*She was right. The book was a self-expression of its author*”. O modelo de unidade fora encontrado; aos poucos a “missão” de Waldo parece se tornar mais clara perante suas contradições. A busca por prestígio e projeção, somadas à negação do mundo Norte Americano somam-se a um modelo diferente de relação com a vida. Longe do pragmatismo, estar na Espanha parece ter despertado a atenção de Frank para a cultura e a língua ibéricas, visto que lá ele se interessou pela primeira vez em conhecer todo o seu próprio continente.

¹³ Harpers CLD (enero 1926), P. 127.

¹⁴ Ibid. PP. 128

¹⁵ Ibid. PP 128.

¹⁶ Ibid. PP. 130.

O sentimento de completude foi o coroamento da busca de Waldo Frank desde quando se sentiu responsável por ampliar os horizontes culturais dos Estados Unidos em suas primeiras viagens à Europa. A postura de Frank, diferente do que alguns contemporâneos chegaram a dizer, não foi a da ruptura com a cultura de seu país. A busca por algo capaz de projetar sentido na sociedade em que cresceu e viveu fez com que descobrisse a Espanha tanto quanto descobriria em seguida a América Latina. Ele não renegou sua nacionalidade, antes, buscou despertar nos EUA novos intelectuais e artistas capazes, tanto quanto ele, de identificar os problemas de seu tempo e lutar por dar novo sentido à cultura Americana:

My Idea was not that Spain be imitated or emulated... of course not! It was simply that if the Americans saw the perpedicular vigor of the Spaniard, as I had seen it, they would sense what was needes and missing in their own way of life. How could the Americans become a New World (rather than “the grave of Europe”) unless they produced new men?

This was what I meant when I incribed my new book to (America Hispana).¹⁷

Em 1922, Waldo Frank assiste ao nascimento de seu primeiro filho, e em 1923, após várias crises conjugais, o casamento com Margareth Naumberg termina, e junto com ele os traços do herói que sofre, como se fosse testado, aparecem ainda mais fortes no seu pensamento:

My marrige had failed (I realized how unconscious-deliberately I had sabotage it) because I was not ready, not willing, for its burdens of responsability, absorbed as I by the problems of my career as a writer. I faced long absences from my son, and my notebooks reveal how I suffered from the separation.

This cross of Will, not giving itself and not losing itself wholly in the emotion of father, I was to carry with me through the decades. The normal conflicts of the creator confronted by complex personal relations, biological and social, were emblems of the contradictions within the role os artist and husband, father and citizen with a social conscience. All this was already explicit in the year of Darien, before de home broke up (September, 1923): mother and son going West to Reno for the divorce she wanted; I sailing again (October, 1923) for Paris.¹⁸

Consumado o divórcio, Frank viajou novamente à Europa indo primeiramente a Paris e em seguida rumando para a Espanha. O período da primeira metade da década foi marcado

¹⁷ Ibid. P. 180.

¹⁸ Cf. *Memoirs of Waldo Frank: Don Quixote: Man os Letters*. PP. 140.

por várias crises em relação a sua função como literato, pai, ativista. A série de decepções, desde o fracasso da *Seven Arts*, passando por seu casamento e pelos jogos editoriais em que se envolveu, reforçou seu pessimismo com o “american way of life”. A crise dos anos vinte foi o período de desencantamento perante o mundo; período no qual mais uma vez a trajetória do herói solitário ganha vulto, agora na figura de Dom Quixote, combatendo ao léu vários gigantes, porém muitos deles frutos de sua própria indignação interior:¹⁹

All the groups, it seemed to me, suffered from illusions. The liberals were deluded thinking they knew more about the mystery of life beginnings than the poets Who wrote Genesis. The democrats were deluded, sure the majority is always right; and deluded were the oligarchs, sure the majority is always wrong. The America firsters and race supremacists were deluded deeming themselves humanly superior to the dark-skinned; and the highbrows Who purged themselves of America in the cafés of Montparnasse were deluded laughing at the old home in Grand Rapids and Little Falls, and convinced they had escaped it. The champions of capitalism were deluded thinking their system guaranteed freedom and the benefits of competition. The Marxists were deluded in their belief that the nationalization of industry meant necessarily its genuine socialization and their blind faith that the proletariat must win the world virtue. And the neo-orthodox of all religions were deluded assuming that their great myths and ancient methods could again work in a world utterly changed from the one the myths spoke for.²⁰

Sua viagem pela Espanha e o fascínio que o povo espanhol lhe causou despertaram seu interesse pelos outros países que compunham a América, países filhos da colonização ibérica. Após os estertores da crise de 1929, Waldo Frank realizou sua primeira série de viagens pela América Latina. Ao chegar ao México, em julho de 1929, realizou uma primeira palestra, em espanhol, no *Gran Salon de Actos*, da Universidade do México. A fala foi direcionada para a necessidade de que o Novo Mundo fosse criado, e, já no dia seguinte, as notícias de vários jornais tratavam do yank diferente que havia falado na noite anterior. Ao invés do monótono evento acadêmico esperado pela maioria, Waldo Frank discursou apaixonadamente sobre as afinidades entre norte e sul do continente, se identificou como artista e acima de tudo como americano. Sua jornada de seis meses pela América Latina foi posteriormente enfeitada em pequeno título contendo os discursos pronunciados e publicada como “*Primer Mensaje a America Hispana*”, redigido pelo próprio autor em espanhol e publicado em Madri, Buenos Aires e Santiago.

¹⁹ Ibid. PP. 146.

²⁰ Ibid. PP. 144.

Partindo do México, Waldo Frank retornou para Nova York e de lá seguiu viagem de navio com direção à Argentina. No caminho, à medida que a embarcação ancorava pelo trajeto, conheceu também o Brasil. Desembarcou no Rio de Janeiro, conheceu a cidade e foi de trem a São Paulo, retornando depois ao Rio, de onde seguiu ao sul do continente, passando, antes de atingir seu destino, em Buenos Aires pela cidade de Montevidéu, no Uruguai. Durante este trajeto Frank foi acompanhado por uma equipe de intelectuais latinos, ao mesmo tempo parceiros e fiadores de suas ideias. Entre eles estavam Alfonso Reyes, Coriolano Alberini – deão da Faculdade de Letras de Buenos Aires, responsável pelo convite para a primeira palestra realizada por Frank durante a visita – e Eduardo Mallea – Editor literário do jornal *La Nación* e também o tradutor de Waldo Frank durante sua viagem. Foi através de Mallea que Victoria Ocampo foi apresentada a Frank e, juntos, fundaram, em 1931, a Revista Sur.

O objetivo que Frank deu às suas viagens foi o de difundir os ideais de sua visão messiânica de uma Nova América, unida pelo espírito de solidariedade no hemisfério. O caminho para esta entidade americana seria a luta por um todo espiritual e orgânico coexistente em harmonia e coabitando as melhores características materialistas do Norte e passionais do Sul. Esta postura de conciliação entre os dois extremos do continente foi o sucesso de sua empreitada, porque enquanto a maioria dos latino-americanos esperava apenas mais um representante dos interesses pragmáticos dos Estados Unidos, Frank fez-se solidário e entusiasta do papel destinado à cultura ibero-americana na reconstrução de uma ordem política e cultural. Sua maleabilidade pessoal e sua capacidade em adaptar-se ao outro foram aliadas decisivas em sua primeira série de palestras, enquanto estava na Argentina. Um de seus discursos dizia:

Estoy aquí, amigos míos, en primer lugar porque soy un artista. No He venido a predicar, ni a escudriñar. Vengo aquí porque lo que más me importa em el mundo es la creación: la creación estética, espiritual. Y hace tiempo que vengo sintiendo la necesidad de crear algo ahí, entre vosotros, com mis propios médios y a mi humilde manera. América es un organismo potencial: un todo latente. Hasta ahora apenas puede decirse que sea algo más que una palabra. Y América tiene que ser creada por los artistas. Quiero decir artistas de todo orden: artistas del pensamiento y de la palabra, de la arquitectura, de las formas plásticas, de la música; y también artistas de la ley, de la concórdia y de la acción.²¹

²¹ Primer Mensaje a America Hispana - PP 16-17.

A popularidade de suas ideias inusitadas fez do escritor uma celebridade relâmpago entre os intelectuais argentinos. Após palestrar em Buenos Aires, continuou suas conferências pelo país visitando as cidades de Rosário, Córdoba, Bahia Blanca, Solta e Jujuy. Voou através dos Andes até Santiago do Chile, onde conheceu o poeta peruano exilado José Santos Chocano. Se interessando por conhecer o Peru, Frank recebeu autorização do ditador Augusto Leguía para entrar no país. Em sua viagem até a capital ele travou o primeiro contato com a revista *Amauta*, de José Carlos Mariátegui. Já em Lima foi condecorado com o título de doutor *honoris causa* na Universidade de São Marcos e aproveitou a oportunidade para conhecer pessoalmente o marxista diferente.

Segundo Waldo Frank, os dois decidiram-se por trabalhar na construção de uma visão compartilhada da América, mas como a saúde do peruano estava muito fragilizada, Frank o sugeriu descanso em Buenos Aires. Entretanto, após este encontro no período em que Waldo permaneceu em Lima, não voltaram mais a se encontrar, pois Mariátegui piorou seriamente, falecendo em 1930. Saindo do Peru, Frank ainda viajou para a Colômbia e para Havana, atraindo cada vez mais a admiração de seus amigos latinos.

Segundo M. J. Bernardete, em “*Waldo Frank in America Hispana*”²², Frank foi “primeira página” nos jornais de todo o continente. Um editorial mexicano do jornal *El Universal* dizia: “Sua verdade é... nossa verdade”; Coriolano Albertini no jornal *Síntesis* de Buenos Aires escreveu: “[...] não se esqueçam de que a partir de nossa própria esperança e da qualidade de nossa pesquisa, o futuro da América irá nascer, e Frank é o seu profeta”; Mariátegui, através do periódico *Varietades*, de Lima, compara Frank ao ministro inglês, Benjamin Disraeli; em Havana, o editorial da revista *Avance* publicou: “Homens como Waldo Frank [...] podem, através da retidão de suas palavras e da grandeza de sua arte, dizer a medida de nossa tragédia e forçá-los a dizer *seu mundo* para a América do Sul”. Além dos elogios, no entanto, também houve rejeições – em menor quantidade, ou ao menos não publicadas –, como a de Francisco Dutra na revista *Crítico*, de Buenos Aires. No periódico conservador de orientação católica, Dutra criticou a não originalidade na argumentação de Frank sobre o problema do mundo não ser econômico, mas antes religioso e humano, e citou Proudhon como argumentação. Ele também questionou a opinião de Frank a respeito do catolicismo como uma religião antiquada, e defendeu a Igreja como parte integral da

²² BERNARDETE, M. J. *Waldo Frank in America Hispana*. Hispanic Institute in United States, 1930.

sociedade latino-americana; por fim, acusou duramente a falta de método para a criação do tal “Novo Mundo” nos discursos de Waldo Frank.

Além de editoriais, o resultado da projeção waldeana sobre o mundo latino foi condizente com o momento de autodescoberta e valorização das próprias culturas nacionais. Por onde passou, Waldo Frank dialogou no idioma do momento histórico pelo qual passava o continente. As marcas de sua paixão pela América como experiência orgânica foi concentrada na publicação da obra *America Hispana* (1931). Através deste ensaio histórico-cultural, Waldo Frank apresentou de forma organizada sua teoria de unidade continental, sua busca pela integração, e construiu, com suas experiências de viagem pelo continente, o conceito de sua América Utópica.

O foco deste trabalho é a elaboração waldeana de um pensamento americano embasado por suas viagens através do continente, item que será estudado debruçando-se na obra mais representativa do autor sobre o tema. Minha base de análise será o livro “América Hispana” (1931), – para este texto utilizaremos uma edição posterior, de 1937, na qual Waldo Frank redigiu novo prefácio avaliando sua trajetória desde a primeira publicação do texto sete anos antes – na qual o autor sistematiza na forma de ensaio seu pensamento a respeito das Américas, conforme as entendia em sua formação cultural, social e histórica diferentes, e o futuro do continente na descoberta da totalidade de sua natureza. A respeito da América Latina, trata-se da obra mais representativa produzida por Waldo Frank ao longo de sua vida. Assim este trabalho seguirá Frank até a data de 1931, ano de publicação do último livro em estudo, reservando para outros momentos futuras reflexões acerca de outras facetas de sua vida e produção. As demais obras escritas por ele servirão para enriquecer a análise desta e deverão ser entendidas, ao longo das citações e referências do texto, como lentes capazes de aumentar e ou produzir foco naquilo que parece mais interessante à sua trajetória de apropriações e ressignificações intelectuais a respeito do continente sulamericano.

No trato com o texto, uma chave de leitura para a produção de Waldo Frank se destacou. Mesmo na breve biografia apresentada nesta introdução é possível observar, em meio à movimentação intensa do autor por entre lugares, gêneros e experiências, a presença do vazio como articulador de sua produção. Como boa parte dos intelectuais latinos na primeira metade do século XX, Frank também sofreu com uma falta de identificação com a realidade em que se inseria. Seja por sua autoafirmada missão, por sua incompatibilidade com

o modelo sócio-político de seu país ou pelo desejo de se tornar conhecido e adorado como escritor, o que transparece à leitura de suas obras é a presença do vazio. Na tentativa de completar a falta constante, surge o profeta, o regenerador, o messias de uma nova geração, a meu ver sua própria geração. Sob esta ótica, então, suas apropriações e significações constantes a respeito da América são a forma de se definir perante si mesmo e a obra “America Hispana” seria a materialização deste caminho, sobretudo em sua edição de 1937 para a qual o autor escreve novo prefácio contabilizando sua trajetória dos últimos 15 anos. Esta a hipótese deste trabalho.

Visando alcançar meu objetivo, o texto desta dissertação foi organizado de modo que, além desta introdução, que pretende funcionar como um mapa para que aqueles que nunca conheceram Waldo Frank possam criar uma base de entendimento, haverá ainda outros dois capítulos e a conclusão. No capítulo um, está relacionada a movimentação intelectual do autor ao longo da década de 1920, período no qual inicia sua aproximação com a cultura ibérica e também com seu ideal americano. Igualmente importante, estão destacadas as conexões e apropriações feitas por Frank durante sua formação intelectual, com quais autores dialogou, através de quais meios, com quais objetivos explícitos ou não. Suas memórias, cartas avulsas e também textos de outros intelectuais que conviveram com ele serão manipulados com esta finalidade.

Já no capítulo dois, as reflexões estão voltadas para a obra “América Hispana” em sua materialidade e teorias. Está é a obra na qual Frank sistematizou seu pensamento e é também por ela que ele se posiciona como intelectual para a latinidade. Sua estrutura textual, as maneiras da escrita e as idéias básicas que o autor apresenta para seus leitores serão discutidas neste capítulo. O objetivo será o de entender a complexidade da mobilização linguística feita por Waldo Frank com a finalidade de veicular suas teorias e perceber como este processo se deu no tempo em que o autor escreveu e publicou a obra.

O terceiro capítulo ou conclusão será o finalizar dos pensamentos desenvolvidos sob a lente desta dissertação. A chave de entendimento da busca realizada por Frank ao longo de sua vida, somada pela experiência vivenciada na América do Sul, posta por mim no sentimento de vazio e desadequação ao mundo, serão ponderados com vistas à verificação ou não de minha hipótese.

Ao longo do texto, o leitor irá se deparar com alguns conceitos adotados como fundamentais para que se possa adentrar no mundo do autor e, como os conceitos costumam ser fonte de desentendimentos, é também pertinente, nesta introdução, explicitar os pontos de partida nos quais me embaso para que, ao longo da leitura, as ideias fluam de forma esquemática. O primeiro destes itens refere-se à função profética muitas vezes adotada por Waldo Frank em sua produção. Seus textos estão repletos de referências mitológicas, filosóficas, mas sobretudo são cravados por uma espécie de mística bastante característica. Esta mística na qual ele se articula não possui relação direta com a mística religiosa no sentido estrito do termo. Waldo Frank se aproximaria daquela definição apresentada por Willian James²³ a respeito da experiência com algo superior e sagrado na visão de quem a vivencia, ainda que o objeto desta transcendência não seja necessariamente religioso, para James inclusive poderia se tratar de qualquer coisa, inclusive uma ideia. Aqui uma definição de James pertinente à vida de Frank:

O fato é que o sentimento místico de expansão, união e emancipação não possui nenhum conteúdo intelectual, seja lá qual for. Ele é capaz de formar alianças matrimoniais com o material fornecido pelas mais diversas filosofias e teologias, desde que elas possam encontrar um lugar em seu arcabouço para seu estado emocional particular. Nós não temos nenhum direito, portanto, de invocar seu prestígio tão distintamente a favor de qualquer crença especial.²⁴

Juntamente com o conceito de mística que perpassa sua trajetória, há também a própria função de profeta já referida e assumida perante os países latinos ao longo de suas viagens na década de 1920. Partindo de sua própria busca, Frank se torna “o profeta da latinidade”. No entanto, a primeira metade do século passado, sobretudo as décadas de 1920 e 1930, foram celeiros proféticos em praticamente todos os países latino-americanos e W.F. se enquadra perfeitamente neste momento cultural do continente. Utilizando as reflexões de Enrique Krauze²⁵ a respeito dos chamados “Redentores”, a história das ideias políticas da América Latina pode ser identificada como verdadeira religião. A construção da vocação

²³ **William James** (1842 – 1910) foi um dos fundadores da psicologia moderna e importante filósofo ligado ao pragmatismo. Nascido nos Estados Unidos teve sua formação em medicina e além das áreas em que mais se destacou, psicologia e filosofia, ele também é muito influente como um dos pioneiros da parapsicologia e no estudo comparado das religiões.

²⁴ James, Willian. **The Varieties of Religious Experience**: A Study in Human Nature. Nova York: Collier-Macmillan, 1961, pp. 333-334 (tradução própria)

²⁵ Krauze, Enrique. **Os Redentores**: Ideias e poder na América Latina. São Paulo: Saraiva. 2011.

revolucionária e do papel que deveria ser ocupado pelo continente se deu de forma apostólica, marcada pelo espírito de sacrifício na obra de alguns dos mais conhecidos intelectuais latinos do período²⁶. A trajetória de Frank como profeta ou messias é também a trajetória destes outros redentores que acreditavam na comunhão do leitor com o autor através da palavra escrita. Religião, profecia, regenerador, são conceitos que aparecerão nas páginas seguintes desta dissertação e, quando isto acontecer, deverão ser compreendidos como esta acepção de um período da história política latino-americana entre seus pensadores e críticos.

Importante também situar a obra de Waldo Frank no contexto do ensaísmo latino. Desde o final do século XIX o modernismo na América Hispânica revelou a pouco e pouco o papel histórico do ensaio. Desprestigiado na Europa pela falta de uma tradição formal, seu estilo serviu à busca das identidades nacionais e à questão identitária da América Latina. O ensaio de José Rodó, *Ariel* (1900), por exemplo, contribuiu intensamente para a construção de um pensamento sul-americano contra o pragmatismo materialista dos Estados Unidos. Por seu caráter de comprometimento com a interpretação da realidade, o ensaio foi a estratégia intelectual latino-americana para promover a busca de uma expressão própria, de uma identidade que atendesse à parte do continente americano de origem ibérica. Nenhum outro gênero de escrita parece ter sido tão efetivo com estas finalidades quanto o ensaio.

A década de 1920 foi rica em número de ensaístas latinos redigindo textos, profetizando e recodificando a realidade através do poder da palavra. José Vasconcelos, embaixador mexicano, publicou neste período sua obra *La Raza Cósmica* (1925), na qual defendia sua hipótese lendária e mítica da América Latina e seu povo. Assim como Vasconcelos, Pedro Enrique Ureña e Alfonso Reyes são exemplos da produção ensaística latina na década de 1920 como forma de expressão identitária. Waldo Frank se embrenhou também por este caminho intelectual, mesmo sendo o ensaio já não tão comum nos círculos norte-americanos de literatura. Ao se inserir no mundo ibérico o ensaísmo foi, sem dúvida, a melhor forma de dialogar com as utopias conscientes do continente e seus desejos por afirmação e espaço frente o restante do mundo. O ensaísmo de Waldo Frank compõe sua busca pela unidade de sua própria trajetória e talvez seja este um dos motivos pelo qual tantas de suas obras foram publicadas em países Ibéricos - com exceção do Brasil, o que poderia ser

²⁶ Ibid. pp.10. Neste trecho o autor se refere especificamente às produções de vida de José Martí, José Rodó, José Vasconcelos e José Mariátegui. Waldo Frank - que se relacionou com os dois últimos poderá ser facilmente anexado às conclusões de Krauze.

compreendido, nesta ótica do papel identitário do ensaio, pelo fato de que, no Brasil, os primeiros textos de gênero são já da década de 1930, quando Frank estava aos poucos fazendo seu movimento de retorno aos EUA - e também o porque de se tornar culturalmente tão marcante para o mundo latino.

Realizadas então as considerações necessárias para situar o leitor no texto e no contexto deste trabalho, passamos agora às apropriações waldeanas ao longo de sua formação e de suas imersões no continente sul americano, rumo à sua América Una.

2) APROPRIAÇÕES, SIGNIFICAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES

Como filho de uma família de classe média alta nos Estados Unidos, do início do século XX, a formação de Waldo Frank transitou entre classes escolares, viagens para o exterior e excursões pelo próprio território dos EUA. Em sua construção biográfica, o autor relata desde sempre sua indignação com o modelo educacional ao qual estava sujeito, pois, em suas palavras, se considerava mais maduro e dedicado do que os demais companheiros de faculdade. Conforme apresentado no capítulo anterior, no entanto, é preciso perceber como Waldo Frank constrói para si toda a trajetória do herói incompreendido, e este caminho passa enfaticamente por suas dificuldades em adaptar-se aos modelos formativos de sua época:

Supongo que estaba poco preparado para el —viejo y querido campus. Mis compañeros estaban embargados por el fútbol, no por ideas; por fraternidades pornográficas, no por clandestinas organizaciones revolucionarias. Se embriagaban con cerveza y cantaban cantos sentimentales, mientras los más amigos em Europa sobían sus licores sobriamente y se emborrachaban de Nietzsche. Gente buena, indecisa, seria, mis compinches de Yale eram para mi como niños. Fui en el —Collegel um rebelde bastante arisco. Para distraerme escribí críticas teatrales em un periódico local, sin perder ocasión de mofarme de la lamentable —falta de cultura em Américal; interpretaba Bach; escribi un libro sobre literatura francesa moderna, y mis ojos seguían siempre vueltos a Europa, a través del Atlántico.²⁷

Sua autoproclamada superioridade em relação aos companheiros de classe e a naturalidade como ele próprio acredita nela, apresentam traços de seu pensamento futuro a respeito da America Hispana. Na certeza que cria a respeito de sua experimentação da vida comum, Frank se tornaria uma espécie de navalha separando de seu mundo o mundo dos outros e se fortalecendo no discurso artístico-social como um enviado superior para novos tempos. Não muito clara estava sua missão particular para os outros como parecia estar para Frank. No caminho para a pesquisa, encontramos pouquíssimas referências, que não as do próprio autor, sobre sua formação e genialidade. Esta condição permite levantar a hipótese de que Waldo Frank foi um jovem bastante auto-centrado e solitário, com dificuldades de se relacionar com os demais jovens de sua idade e sempre em busca de algo capaz de torná-lo destacado e seguro de si. Toda sua produção retratará esta condição.

²⁷ Harpers CLD (Janeiro 1926), p.p. 204-210.

2.1 – Transcendentalismo e poesia entre os ícones norte-americanos: Henri Thoreau, Waldo Emerson e Walt Whitman

Embora não tenha sido frutífero encontrar outras informações a respeito de sua formação institucional, do ponto de vista de suas relações intelectuais, suas apropriações e ressignificações literárias é possível reconhecer um grupo de autores, tanto estadunidenses quanto latinos, que podem ser considerados - seja por sua vida, produção ou pelas duas coisas juntas - modelos para o pensamento de Waldo Frank. Devido ao foco desta dissertação encontrar-se na obra “América Hispana” (1931), darei destaque às relações de Frank até o momento da publicação do livro. Entre seus compatriotas encontram-se nesta condição Henri Thoreau, Waldo Emerson e Walt Whitman.

Através de suas duas obras mais importantes – “A desobediência civil” (1849) e “Walden” (1854) –, Thoreau conferiu uma resposta intelectual para o constante distanciamento do homem em relação à natureza como fruto do progresso da civilização. Walden faz um pronunciamento sobre o desapontamento com a civilização que, já em meados do século XIX, estendia suas ferrovias, telégrafos, e políticas por todos os territórios dos EUA. O oeste estava sendo conquistado e todas as inovações decorrentes deste progresso custavam à nação cruéis matanças de índios e violências contra negros, na busca pelo futuro brilhante, tão esperado, mas que para Thoreau não poderia vir por estes meios. O pensamento de Waldo Frank é muito parecido com o de Thoreau, assim como de uma geração de autores norte-americanos insatisfeitos com a situação de seu país, descrentes do futuro americano. Tanto num quanto noutro, esta luta por um novo direcionamento para a civilização, um novo sentido ao homem, soa tão intensamente que se torna experiência particular e profunda. Em um de seus discursos proferidos durante a primeira viagem que fez à América Latina, Waldo Frank retoma o pensamento de Thoreau a respeito do preço pago pelo homem ao avanço do progresso tecnológico e o ressignifica dentro do horizonte de seu próprio pensamento:

Otro punto quiero aclarar. Yo soy, para mi propio país, un crítico sin transacciones. A tal grado, que algunos extranjeros que sólo conocen un fragmento de mi obra, o unos cuantos trozos traducidos, se han figurado que no le tengo amor a mi país. Y la verdad es que todas mis obras de crítica de la vida en los Estados Unidos han sido inspiradas por el amor de mi país; y, mas aún, por la fe en los altos destinos de mi país. A no ser por este amor y esta fe,

nunca me hubiera puesto a hacer crítica: me siento mucho mas feliz escribiendo cuentos y Novelas.²⁸

Embora suas novelas e seus contos nunca tenham dado a Frank tanto destaque e popularidade quanto suas leituras políticas a respeito da América, ou seus ensaios a respeito do destino unificador reservado ao sul, parece haver certa coerência no que tange ao incomodo sentido por ele em relação às suas origens e às condições de vida agitadas pela velocidade ou pelos excessos dos Estados Unidos. Todo o pensamento de Frank, na verdade, se constrói como tributário desta incompatibilidade entre a felicidade e a mecanização desumana da sociedade. O que se destaca é a busca por uma maneira de viver no mundo sem estar sujeito aos descasos oriundos do progresso, mais característico dos excessos do American way of life. Thoreau situava-se no limite histórico dos crimes, descasos e abusos do mundo moderno que ele condena. Para ele, havia a experiência de algo diferente do que acontecia no oeste americano ou no pátio das grandes fábricas. Frank, por sua vez, já é filho do século XX e parece lutar contra algo muito mais interno do que externo. Já no final de sua vida, ao redigir “Rediscovery of Man” (1958), ele parece se dar conta disto. Durante sua juventude, no entanto, a construção do seu Novo Mundo ideal seria apoiada primeiro na Espanha e depois em seu estrondoso sucesso no mundo latino-americano.

Outra influência importante na formação intelectual de Waldo Frank foi, sem dúvidas, o filósofo e poeta Ralph Emerson, um dos autores ícones do transcendentalismo. Paralelamente ao romantismo estadunidense, surgiu também esta escola que alguns consideram ser a primeira proposta filosófica dos Estados Unidos. Como um movimento de caráter filosófico, político e religioso, o transcendentalismo exaltou o papel da natureza e a relação entre ela e os homens. O grupo transcendentalista incluía pensadores como Bronson Alcott, Margareth Fuller, Orestes Brownson, Convers Francis, James Freeman Clarke, além de Thoreau e do próprio Emerson. De suas reuniões frequentes surgiu a revista literária Dial, que promovia a crítica como atividade de uma sociedade democrática. Esta revista foi a primeira publicação independente do país. Também é através de Emerson que a idéia de Novo Mundo - em se referindo à América - ganha sua aceção positiva e mesmo mística da América, renegando as opiniões contrárias a este como dogmáticas e preconceituosas. Quando

²⁸ Cf. **Primer Mensaje a La América Hispana**, 1929.

for analisado o próprio texto de “América Hispana” esta influência mística do transcendentalismo será melhor explorada.

Nas trajetórias de Emerson e Thoreau cabe destacar as características do período em que viveram e escreveram os dois: uma busca constante por parte dos intelectuais americanos por cortar os laços que prendiam os EUA com a Europa e buscar sinais de identidade capazes de singularizá-los diante do restante do mundo. Econômica e politicamente esta cisão já estava concluída na segunda metade do século XIX, porém, cultural e literariamente, ainda estava por fazer, e neste contexto os discursos e escritos de Emerson, como um importante representante desta filosofia, tiveram forte influência no pensamento dos Estados Unidos ao motivar seus compatriotas a destacarem suas características nacionais próprias.²⁹

A influência de Walt Whitman (1819-1892) na obra de Frank é ainda mais clara, inclusive pela afirmação do próprio autor sobre o que absorveu do poeta em sua formação. O poeta dos versos descompromissados, que circulou entre tipografias e rincões, publicou “*Leaves of Grass*” em 1855 e até sua morte seria responsável por oito reedições do livro, sempre incluindo novos poemas ou refazendo os anteriores. Na obra, os versos eram livres, imitando o ritmo da fala, o que causou incômodo aos contemporâneos conservadores. Seus escritos eram carregados de certo panteísmo e um ideal de unidade cósmica – claramente presente na obra de Waldo Frank – que o EU representa. Segundo Richard Chase:

“Nos ensaios de Emerson, Whitman leu bastante a respeito do íntimo e seu poder antes de tudo autônomo, e as condições e destino do íntimo deveriam tornar-se o verdadeiro tema de Whitman. Menos sereno e isolado da vida do que Emerson, mais instintivamente avisado do poder do inconsciente de através da poesia imbuir o íntimo com essas forças, de forma que o íntimo se tornasse para ele não apenas uma entidade moral ou mística, como tende a ser em Emerson, não meramente um termo no paradoxo político entre o íntimo e a sociedade, mas a parte decisiva de uma metáfora poética cuja outra parte é, entre outras coisas, outros íntimos, natureza ou sociedade”³⁰.

Waldo Frank escreveu um capítulo inteiro sobre Whitman em sua coletânea de discurso, “*Primer Mensaje a la America Hispana*”, entendendo o poeta como aquele que mais profundamente cantou a América em seus versos. Exatamente por cantar a si mesmo, sua história seria a própria trajetória da América como um todo. O valor da experiência como

²⁹ ÁVALOS, Gloria H. El Proceso de recepción de The American Scholar de Ralph W. Emerson. In: Norteamérica. Año 4, número 1, enero-junio de 2009.

³⁰ CHASE, Richard. Walt Whitman. São Paulo: Martins 1960.

construtora de sentidos – fato que marcará toda a escrita de Frank ao longo da vida – é bebida na trajetória de Whitman que exercia verdadeiro fascínio sobre ele. Na obra referenciada, Frank resume seu sentimento pelo poeta de “*Leaves of Grass*” nos seguintes termos:

“A menudo se llama a Walt Whitman el poeta de América. Tengo Fe, creo que lo es. Y sin embargo, pocas de las personas que tan volublemente lo encierran en esa frase, saben lo que dicen. Recordad que su libro es su vida; su libro, que escribió desde que la visión Le llegara hasta que vió el semblante de la muerte. Recordar que era una medianía no lo prueban sus años tempranos, su propia confesión? Era un hombre del tipo médio, que tenía noción de su medianía, que se conocía a si mismo. Y este conocimiento le hizo divino. Esta sabiduría de si próprio, en verdad, es el solo umbral humano que conduce a la divinidad. No existe outro. ¿Queréis conocer a vuestro Hermano?, conoceos a vosotros mismos. ¿Queréis conocer mundos?, conoceos a vosotros mismos!”³¹

O encanto de Waldo Frank pelo trabalho e pela vida de Whitman é claro, a ponto de se identificar abertamente com o poeta em seus ideais de compreensão da vida e da experiência. A unidade ampla que Whitman atribuía ao EU, Frank de certo modo a manterá, porém através da identidade americana.

2.2 – Relações Latinas: amizades, Américas e ambições

Além destes autores que podem ser considerados figuras célebres de suas gerações literárias, e com os quais Waldo Frank não pode conviver pessoalmente devido a diferença temporal entre eles, há também um grande grupo de literatos, artistas e intelectuais com os quais o autor travou contato e manteve mesmo vínculos duradouros, seja através do contato pessoal articulado por visitas e correspondências ou através de apropriações literárias explícitas. O ponto que se destaca deste outro grupo com o qual Waldo Frank se relacionou é mais uma vez a intensidade de sua busca, capaz de dialogar línguas, culturas e idéias bem diferentes, tendo como foco a conquista de seu espaço pessoal. No mundo latino da década de 1920, Frank manteve relações com praticamente todos os destaques culturais e sociais de seu tempo, sendo tratado com prestígio como um yanke tranquilo e revolucionário, mas sobretudo assimilando e se valendo o quanto era possível do destaque destas parcerias. A distância temporal e o contato com as correspondências que circulavam entre este grupo, e

³¹ Cf. *Primer Mensaje a la América Hispana*. pp. 207

hoje estão disponíveis para consulta, torna possível mapear esses movimentos de poder, interesses e prestígio por onde passou Waldo Frank. Após ter conhecido, na Espanha, Afonso Reyes e a partir de então articulando sua intensa aproximação aos hermanos do sul, Frank fez parte de uma elite intelectual que fervia na América Latina, dentre os quais darei ênfase, por motivos documentais e de destaque social, às relações com Alfonso Reyes, Victoria Ocampo, Samuel Glusberg e José Carlos Mariátegui.

Inicialmente, acredito que seja pertinente falar a respeito da relação entre Waldo Frank e Alfonso Reyes. Além de cronologicamente todos os fatos indicarem que tenha sido ele o primeiro intelectual latino a se aproximar de Frank, foi através de seu convite que o autor realizou sua primeira série de viagens por países latino-americanos. Alfonso Reyes (1889-1959) foi diplomata mexicano em vários países durante mais de trinta anos. Primeiramente na Europa, passando pela França e depois pela Espanha; em seguida foi também embaixador na Argentina e Brasil, iniciando sua carreira política em 1913 e se desligando dela em 1939. Ao longo deste período, também se dedicou à literatura e ao jornalismo atuando, como tradutor e crítico literário. De sua produção, destaca-se o estilo plural de escrita sem se prender a gêneros específicos, amplitude de temas abordados e também a erudição. Desde prosa, poesias e ensaios políticos, Reyes transitou por todos estes estilos, tal como Frank o faria em seu tempo, se tornando uma figura de referência para uma geração de pensadores mexicanos e latinos.³²

Durante sua estada na Argentina, Reyes se relacionou com toda uma geração literária do país mantendo estreitos vínculos com Vitoria Ocampo e Pedro Henriquez Ureña. Foi através de Alfonso Reyes que Waldo Frank conheceu Ocampo e se ligou a ela. Do ponto de vista da aproximação de Frank dos efervescentes círculos literários argentinos e sul-americanos da década de 1920, a maior parte do crédito pode ser entregue ao contato que ele manteve com o embaixador mexicano na Espanha, e o perpetuou em seguida. A perceria ideológica entre os dois parece ter agradado a ambos enquanto durou. Ao compilar seus discursos em 1929³³, Frank dedicaria seu livro a “*mi primer amigo de Hispano America Alfonso Reyes*”. No mesmo ano, quando publica sua obra “*Virgin Spain*”, em espanhol, é também Alfonso Reyes quem o prefacia em nome da amizade ao companheiro do norte.

³² <http://www.alfonsoreyes.org/escritor.htm> (visto em 30/06/2014)

³³ Primer Mensaje a La América Hispana. (1929)

Por parte do escritor mexicano, o carinho e o entusiasmo com o jovem americano foram explícitos desde o início de seu convívio, que se deu na Espanha através da apresentação de uma carta de apresentação redigida pelo pintor, também mexicano, Angel Zarraga de Paris para o amigo embaixador, que por hora estava em Madrid. Nela, Zarraga apresentava Waldo Frank como um americano interessado em coletar documentos para a escrita de uma obra a respeito do país e solicitava a Reyes ciceroniar o novo amigo em suas buscas em território espanhol.³⁴

Escrevendo sobre suas esperanças sobre Frank nas páginas de sua publicação “Monterrey”, já anos depois do primeiro encontro, Reyes retoma suas memórias a respeito da amizade entre os dois e também aponta para o foco responsável pela convergência entre os dois:

[...] nuestro afortunado encuentro en Madrid, hace varios años, contribuyó a convencerte - como lo dice en otra dedicatoria manuscrita de otro libro tuyo - de que tu sueño de una mas vasta América era una intuición de realidad. Siento que todas nuestras juventudes están conformes en reconocer que tus viajes al Sur y las conferencias que ahora reúnes son un paso efectivo hacia la realización de esa América potencial, en la que espera la raza de hombres que gocen íntegramente y por igual la misma luz de alegría y belleza. América te parece el terreno más propicio historicamente para heredar y fundir todas las culturas anteriores, con un sentido de universalidad que hasta hoy ninguna ha alcanzado. Y si nunca ha de llegar esa hora, no es menos cierto que en procurarla y solicitarla está nuestra única norma evidente de conducta.³⁵

Também está presente na escrita de Reyes o entendimento da função mística do destino americano: conduzir a juventude para esta consciência de que havia outra América prestes a se revelar através do pensamento e da moralização. Paradoxalmente à sua função de atender os objetivos econômicos e políticos do estado Mexicano frente a outros Estados, em um período de tribulações que se avizinhava da Segunda Guerra Mundial, Alfonso Reyes, à medida que se afastava da carreira diplomática - que encerra em 1939 -, vai cada vez mais dedicando-se à educação desta parcela da população americana a que dava tanta importancia. Quando escreve o artigo citado, o calor de alguma mudança substancial no cenário histórico do continente parecia acenar para a função profética das viagens e palestras de Waldo Frank.

³⁴ Reyes, Afonso. “Guardias de la Pluma”. Monterrey. Correo literário de Alfonso Reyes (Rio de Janeiro), n.2 (Agosto 1930) :118-119.

³⁵ Id.

Falando sobre “*America Hispana*” - que seria publicado em 1931 - Reyes reiterava sua confiança em Frank como o portador da renovação:

Tu primer mensaje en una declaracion de propósitos, una orientación de esperanzas, y por eso digo que es la obra del maestro en facilidades, - palabra que no tiene ironía. Tu primer mensaje viene a ser ele ofrecimiento con que tu te acercas a nuestra América. Tu sengundo mensaje, la obra que prepara con la experiencia de tus viajes, ha de contener tu interpretaci3n y hasta tu objeción ante las respuestas que nuestra América te haya ido proponido. Por eso en este segundo mensaje tendrás que echarde quanto recurso haya en ti para maestro de dificultades.³⁶

Para além dos arroubos de amizade e propaganda entre os dois autores, é possível destacar o ponto de contato mais estreito entre eles. Waldo Frank representava o potencial de arder entre os grupos literários e políticos da América Latina, enquanto Alfonso Reyes, de certa forma, trabalhava na apresentação de uma explicação para este fogo. Enquanto ia aos poucos se distanciando do caminho político e mergulhando mais e mais em sua produção intelectual, Reyes cunharia talvez sua idéia mais relevante no contexto deste trabalho: a responsabilidade da Inteligência. Os escritos de Frank e Reyes coincidiam em uma visão específica da América, como uma criação em curso pela Inteligência americana, que por sua vez estava em consolidação e expansão. Ao comentar o livro “Primer Mensaje a la America Hispana”, Reyes enunciaria sua idéia de Inteligência americana, com a qual também realizaria uma série de conferências em Mantevideo, Buenos Aires e Rio de Janeiro. A relação entre eles foi de construtores da América, supostamente conscientes do que faziam, e do destino que os esperava.³⁷

Além de Alfonso Reyes, Victoria Ocampo foi a mais fecunda, intensa e frutífera parceria de Waldo Frank entre os intelectuais latino-americanos. A través de sua relação, surgiu a revista “Sur” - publicada por incríveis 60 anos ininterrúptos, entre reformulações e mudanças editoriais -, e também foi pela influência da mecenas cultural argentina que estreitou seu contato com outros pensadores que se envolveriam de maneiras diversas em suas viagens e pregações pelo continente.

Filha de uma família aristocrática, Victoria cresceu em um ambiente bastante politizado e voltado para as artes e a cultura em geral. As experiências de uma vida marcada

³⁶ Id.

³⁷ cf. Arciniega, Víctor D. Reyes: Guardia de la Pluma. Secretaria de Relaciones Exteriores: La Universidad Autonoma de Nuevo León y el Fondo Editorial de Nuevo León (2009).

desde muito cedo pelas constantes idas e vindas à Europa, junto com a descoberta da literatura francesa, suas aventuras amorosas e artísticas e pela produção literária abundante, ganharam destaque quando, em 1921, aos 31 anos de idade, Victoria escreve a obra “De Francesca a Beatrice”, que seria publicada e apadrinhada literariamente por Ortega y Gasset. Somada sua projeção no mundo intelectual argentino à fortuna da família, Ocampo foi aos poucos se reconhecendo na posição de mecenas cultural da Argentina e neste período financia desde concertos musicais até a estada do poeta Rabindranat Tagore à Argentina.³⁸ Em 1929, através de Gasset e Reyes Ocampos foi apresentada a Waldo Frank e Eduardo Mallea. Desta apresentação estreitou-se o vínculo de amizade e os horizontes defrontados por todos eles - embora cada um o fizesse de modo razoavelmente particular -, apontariam para o mesmo lugar: o espaço americano na cultura moderna.

Após ser apresentada a Frank em Buenos Aires, Ocampos, no ano seguinte, fez uma viagem aos Estados Unidos onde novamente se encontrou com o escritor. O circuito de palestras e conferências ministrado por Waldo durante sua estada nos países latinos impressionou muito positivamente seus anfitriões, o que o tornou rapidamente uma celebridade entre as elites intelectuais dos países por onde passava. Através de seus discursos ele concitava os artistas e homens de gênio em todas as partes do continente a assumirem sua responsabilidade pelos destinos da história americana. Seria preciso, segundo o pensamento de Frank, criar um meio de tornar estreito o contato entre os pensadores de países diferentes que se aliariam a esta proposta, um meio de difundir a arte americana como capaz de mostrar seus desdobramentos morais e políticos para o restante do mundo em confusão. Diante desta demanda, quem poderia cumprir este desígnio e abrir espaço ao debate ou à divulgação dos textos que conduziram o Sul a seu destino? Quem mais poderia empenhar dinheiro, prestígio e relações na tarefa? Quando de sua visita aos EUA, Victoria Ocampo receberia de seu admirado amigo uma função quase divinatória: a de criar uma revista capaz de unificar a difusão das novas vozes que falavam a respeito da América.

A revista “Sur” seria criada no ano de 1931 como a concretização deste projeto de futuro vislumbrando por Ocampo e Frank e, desde a sua primeira edição, Waldo Frank participou como membro do conselho editorial estrangeiro ou como articulista\ensaísta. A respeito da criação da revista, Ocampo dedica o primeiro artigo do primeiro número da

³⁸ cf. <http://www.villaocampo.org/web/content/cronologia-1924-1934> (visualizado em 01/07/2014)

revista, no verão de 1931, a evocar a importancia do amigo norte-americano na concretização do trabalho até aquele momento em um texto intitulado “Carta a Waldo Frank”³⁹:

Una tarde, hacia octubre de 1929, caminábamos juntos por Palermo. Había en el aire pesadez de tormenta y el olor de las rosas y de la tierra era compacto como niebla; pero atravesábamos sin sentirla esa dulzura. Usted me reprochaba con violencia mi inactividad, y yo le reprochaba, no menos violentamente, que me supusiera usted apta para ciertas labores. Entonces, por primera vez, el nombre de esta revista - que no tenía nombre - fue pronunciado.⁴⁰

A carta aberta que dedica ao amigo é marcada por referências poéticas aos acontecimentos responsáveis pela criação da revista. À Frank, a figura do visionário que desde o primeiro momento teria previsto a importancia e a gravidade de uma revista voltada aos interesses da nova geração intelectual americana. Da parte de Victoria, ela própria se atribui o receio de uma empreitada como esta e vai, à medida que o texto se segue, se convencendo de sua função e dos desafios que deveria enfrentar para atender à ordem recebida, sem, no entanto, romper definitivamente com o mundo europeu. Parte da função da revista Sur deveria ser o de “imponer, efectivamente, armonia entre gentes que se detestan⁴¹”.

Drieu decía: “Frank y Victoria son capaces de pasar a través de todo eso sin inmutarse: son dos inocentes”. Honni soit qui mal y pense. Drieu quería decir que somos americanos, Waldo, y que en nosotros la inocencia es todavía auténtica. Que puede, por consiguiente, hacer milagros.⁴²

Ao longo de todo o texto Victoria apresenta sua declaração de princípios e sua dedicatória ao amigo de forma crescente, a terminar com sua entrega ao trabalho da “Sur”: “Así esta usted, así estamos nosotros enamorados de América”⁴³. O enamoramento de Ocampo pelo continente foi realmente intenso durante toda a sua vida, pelo que continuou a financiar a cultura na Argentina através de sua fortuna. Mas, em relação a Waldo Frank parece ser plausível considerar a passionalidade do envolvimento inicial entre o recém-chegado “reformador” e os “reformadores” já existentes no lugar. As ambições de Frank eram desprendidas de qualquer instituição - e talvez tenha sido assim porque não chegou a se filiar

³⁹ Sur [Publicaciones periódicas]. Verano 1931, Año I, Buenos Aires.

⁴⁰ Id.

⁴¹ Id.

⁴² Id.

⁴³ Id.

a nenhuma delas - e buscavam transformar o autor e a obra na própria experiência de criação. Ocampo pactuava com ele sobre o momento importante para a cultura americana, mas teria sua forma particular de fomentar este espaço. Frank havia iniciado suas viagens pela América Latina pouco tempo antes da escrita da carta, e Victoria acabava de voltar da Europa parando pela primeira vez em Nova York e iniciando de lá sua viagem por uma América do Sul que também desconhecia.

Frank havia tentado incluir Samuel Glusberg, editor e esquerdista argentino seu amigo e de Mallea, junto de Ocampo na tarefa de criar e zelar pela revista cultural, posição que Victoria nunca aceitou e através de sua carta inaugural entrega ao próprio Waldo. À medida que os números da “Sur” eram publicados e acompanhando-se em paralelo as correspondências entre o conferencista norte-americano e a mecenas argentina, é possível perceber o crescimento de algum desconforto entre ambos, relativo aos cuidados com a revista. Outros amigos dos dois queixavam-se a Frank sobre o caráter centralizador de Ocampo, fato a que ele nunca se opôs frontalmente através de suas cartas conhecidas. “No puedo menos de pensar que has hecho bien, Victoria, en no aceptar colaboraciones para Sur que no te agradan. Debe ser *tu* revista, para ser una revista orgánica y ser realmente una revista americana⁴⁴”.

Por outro lado ele iria aos poucos se mostrando insatisfeito com a forma com a qual Ocampo lidava com sua “condição americana.” A partir de 1931, as cartas de Frank continuam a mostrar seu apoio tácito à forma como Victoria lidava com os assuntos editoriais na revista, mas também assinalam estratégias urgentes para resgatar uma espécie de americanismo que estava presente na carta inaugural, mas que a seus olhos estava diluindo-se cada vez mais. Quase como um moralista evangélico Frank tentaria retomar Ocampo para seu projeto: “Tú eres, en efecto, americana, y mas do que Victoria Ocampo o sabe. Yo lo sé.”⁴⁵ O projeto de América de Waldo Frank seguia outros caminhos que o de Ocampo e para tentar dissuadi-la de seguir longe do que ele entendia como a função do grupo Sur, tenta, ainda que à distancia, determinar alianças ou relembrar colaboradores ausentes ou afastados. Também sugere a Victoria contatos pessoais com alguns intelectuais e escritores cubanos, mexicanos ou peruanos - geralmente ligados ao movimento maxista, ligados a Frank através de sua filiação

⁴⁴ Cf. Iglesia, Cristina. Waldo y Victoria en el paraíso americano: Identidades y proyectos culturales en los primeros años de la revista Sur. Universidad Nacional de Buenos Aires

⁴⁵ Id.

e militância no Partido Comunista norteamericano a partir de 1930 - que poderiam ajudar a retomar a função primordial da revista segundo ela entendia.

O tom das cartas de Waldo Frank aos pouco foi se tornando cada vez menos sugestivo e mais autoritário:

Es importante, Victoria, que tengas en Lima, México, La Habana, amigos que sirvan a Sur como esperas que Drieu, Keyserling y Ferrero sirvan a Sur desde Europa... hombres que están en inmediato contacto con lo que es vital en sus países y pueden enviarte el material apropiado. DEBES (o texto original está em maiúsculo) seleccionar estos hombres. Hoy no los tienes.⁴⁶

E o discurso de Frank ainda se tornou mais pragmático e em desacordo com Ocampo sobre os destino da “Sur”. Ao ser afastado das discussões sobre o tom literário e político do periódico, ele ainda pode intermediar a publicação de textos por parte de alguns amigos norte-americanos como Langston Huger e Lewis Mumford, mas de modo amplo o projeto de América orgânica de Waldo Frank não se aproximava do mundo lítero-cultural de Victoria Ocampo. Talvez por sentir-se como um dos donos da revista, ele continuaria a pressionar a amiga de sonhos através de uma matemática estranha e inverificável:

Tu debilidad consiste en que tienes contacto con el 1% bueno de Europa y con la mayoría del vulgar 99% de Hispano-america. Esto es natural y se convertiría en una debilidad únicamente si lo niegas o si tornas permanente. ¿Por qué no admitirlo? Y señalar que, a través de Sur, intentas comunicarte con el 1% creativo de América para el que Sur fue fundada en primer lugar?

Y antes de condenar al vulgar 99% de Sudamerica, contacta el 1% que nos es vulgar, sino creativo. Entonces tu condena del 99% se convertirá en un acto creativo, positivo, no el gusto de un extraño.⁴⁷

Como resposta Victoria nunca se dispôs com o amigo e sempre ao seu modo fazia passar que as coisas seguiam da melhor maneira de ser e que Waldo não precisaria se preocupar porque *seu* - dela - projeto de emancipação cultural americana estava em curso desde o primeiro número da revista e continuaria a seguir. Nos anos setenta, ao escrever um texto em homenagem ao amigo recém-falecido, Ocampo apresentaria uma visão mais madura do companheiro e de sua relação. No artigo que seria posteriormente inserido nos textos de suas memórias, ela escreveria com carinho e tristeza: “¿ Por qué no se dio cuenta Frank de que elegía una persona, no un títere y que esa persona obraría de acuerdo con su concepto de

⁴⁶ Id.

⁴⁷ Id.

literatura?”⁴⁸. Neste fragmento Victoria Ocampo sintetizou sua relação com o conferencista e escritor estadunidense. Em contato, os dois planejavam um modelo de difusão cultural no continente capaz de concretizar as profecias de Frank em relação a uma América orgânica. No calor eufórico do sucesso que ele conseguiu despertar no mundo latino e especialmente na Argentina, entre encontros e desencontros em meio a suas viagens os dois trocariam rosas e espinhos de identidade. De Frank, Ocampo relaciona o prestígio internacional e a condição de visionário e de Ocampo, ele conta com sua fluidez no mundo literário e, porque não dizer, sua condição financeira em manter o projeto vigoroso. Parte dos motivos de Frank ter sido esquecido no cenário cultural latino-americano poderia ser atribuído, como será abordado superficialmente ainda neste capítulo, à sua “cisão” em relação a Victoria Ocampo e seu 1% de intelectuais queridos.

O relacionamento entre Waldo Frank e Samuel Glusberg foi também tão intenso quanto aquele que manteve com Ocampo, embora, à excessão de sua admiração por Frank, os dois escritores argentinos possuíssem poucas coisas em comum. Glusberg manteve-se ligado ao “maestro” do norte desde a publicação de “*Our América*”, através de correspondências que enalteciam o texto como o mais brilhante registro da história dos Estados Unidos. Além do próprio Waldo, Glusberg se correspondeu com todo um vasto grupo de escritores e artistas americanos - entre eles Mariátegui, com quem dividiria sua admiração pelo autor de “*Our América*” – e, sempre articulado entre este grupo, pode prosperar enquanto editor, contista e finalmente ensaísta. Tal como os demais indivíduos no capítulo - e porque não dizer como parte do movimento literário argentino da década de 1920⁴⁹ -, Glusberg vibrava com a difusão do pensamento americano e sua consolidação frente às influências européias.

Samuel Glusberg (1898-1987) foi um escritor e editor judeu erradicado na Argentina. Nascido em Kischinev, na Rússia, emigrou com sua família em 1905 para a Argentina. Desde a infância e durante sua juventude o jovem Glusberg se interessava pelas letras e mesmo escrevera alguns poemas e contos, considerados por ele mesmo de péssima qualidade. Aos vinte anos, autodidata e possuidor de uma ampla correspondência com a maioria dos escritores consagrados de seu tempo, ele se tornaria editor e traria para suas prensas a maioria de seus correspondentes de modo que, em meados dos anos 20, já havia editado mais de sessenta títulos, entre eles as obras de Leopoldo Lugones, Horacio Quiroga, Arturo Capdevila,

⁴⁸ Id.

⁴⁹ Cf. *Salvar La Nación*.

José Pedroni, Alberto Gerchonoff, Ezequiel Martínez Estrada, Benito Lynch, Alfonsina Storni, Roberto Payró, Evar Méndez. Através de sua editora, com o nome sugestivo de BABEL - Biblioteca Argentina de Buenas Ediciones Literarias -, suas produções conjugavam o custo baixo das obras (algo entre 1 e 2 pesos à época) e uma pluralidade de títulos e assuntos à disposição.⁵⁰

Já em 1921, Glusberg se resolveria a converter seus cadernos em uma “revista de livros”, e em abril daquele ano surgiria “*Babel. Revista de arte y crítica*”, uma publicação que se estenderia até o ano de 1928 publicando regularmente textos dos autores citados acima, como também aproximando de seu grupo pessoal outros participantes, como a poetisa chilena Gabriela Mistral, de quem publicaria vários artigos. Em 1924, ele acharia melhor criar um pseudônimo que o acompanharia durante toda a sua vida: Enrique Espinoza. Dos contos esparsos que publicava, surgiu, no mesmo ano, o livro “*La vita gris*”.

O contato entre Samuel Glusberg e Waldo Frank iniciou-se quando este publicou a primeira edição de *Our América*, que teve ampla circulação entre parte dos intelectuais latino-americanos devido a um comentário publicado por Mariátegui sobre o livro. A reflexão do pensador peruano também seria a de Glusberg, que, logo ao imprimir a primeira prensagem de seu “*La vita gris*”, enviou um exemplar a Frank.

Desde entonces datan mis relaciones directas con el maestro, pues éste no tardó en contestarme. Y a pesar de que su primera carta no llegó a mis manos, volvió a escribirme algún tiempo después, reiterándome sus felicitaciones y su pedido de autorización para traducir dos cuentos del libro para The Menorah Journal de Nueva York. Naturalmente, yo le escribí a mi vez reconocidísimo por todo. ¿Qué más podía esperar un cuentista novel?⁵¹

O desejo de manter perto de si aquele que considerava como mestre de ideal fez com que mesmo à distância as correspondências entre os dois autores se tornassem cada vez mais frequentes e sempre bastante intensas, tratando a respeito dos destinos da América, da necessidade de se romper o quanto possível com a influência nociva da Europa nas artes, política e literatura americana e também dos avanços comunistas com os quais ambos simpatizavam profundamente. Foi no ano de 1925 que surgiu então, pela primeira vez, o desejo de que Frank visitasse também a Argentina em sua divulgação profética dos futuros do

⁵⁰ Mariátegui em la Argentina pp. 31.

⁵¹ Espinoza, Enrique. Trinchera. Buenos Aires, Babel, 1932. pp.31 (grifo particular)

continente. Enquanto ele escrevia “Virgin Spain” e mantinha estreito contato com Alfonso Reyes, que também já o havia cogitado sobre viajar ao mundo latino, Glusberg também lhe faz o convite. A viagem efetivamente levaria quatro anos para acontecer.

Waldo Frank estaba escribiendo entonces Virgin Spain y había publicado en la revista antes mencionada “ El milagro del Greco”. Era el año de la visita de Albert Einstein a Buenos Aires y de la inauguración de la Universidad de Jerusalem. El problema de las relaciones entre Oriente y Occidente acababa de plantearse en todo el mundo. Al partir Einstein, fundamos aquí varios amigos un Instituto que tenía entre sus fines costear una cátedra de estudios hispanicos en aquella Universidad. Mientras tanto, empezamos a preparar bajo mi dirección los Cardenos Literarios y Oriente y Occidente. El primer número apareció al poco tiempo, encabezado por “El milagro del Greco”, traducido por el profesor Rubin.

Por este camino y en contacto con este problema, tan semejante al de nuestros pueblos de idioma y formación desigual, comprendí yo la unidad americana, profetizada por Sarmiento y sostenida por Waldo Frank en su Redescubrimiento de América, después de un rápido viaje a Jerusalem, precisamente. por eso a los Cadernos de existencia efímera siguió La Vida Literaria, en cuyo primer número Arturo Cancela hizo la defensa de Sarmiento y Julio Fingerit el elogio de Waldo Frank.

Pero mucho antes de recibir Virgin Spain y los capítulos del redescubrimiento en The New Republic, escribí a Frank, deslumbrado por “El milagro del greco”, proponiéndole una visita a Buenos Aires, tras de la traducción total de su obra, empezando por Nuestra América. Mi propuestahallá eco simpático en Frank, que tan sólo exigía la indemnización indispensable para su traslado.⁵²

A forma como Glusberg se referiu à necessidade de um pagamento da parte de Frank para sua viagem foi, no mínimo, generosa. A “indenização indispensável” referente a uma série de conferências na Argentina tinha o valor de U\$\$ 4000,00 - que em valores locais à época girava em torno dos 10.000,00 pesos -, uma soma não tão baixa assim, e certamente muito além das condições de um editor popular como Glusberg. Foram necessários quatro anos de captação de recursos e financiamentos para se levantar a quantia, que no fim foi dividida entre a Faculdade de Filosofia y Letras da Universidade de Buenos Aires (com a contribuição de \$2.000) e o Instituto Argentino-Norteamericano de Cultura (completando os \$8.000 restantes)⁵³. Esta questão do dinheiro ou dos pagamentos pelas palestras e traduções de suas obras não aparece da mesma forma nas correspondências entre Frank e seus outros parceiros latinos. Quando escrevia a Glusberg ele abordava a questão de suas remunerações

⁵² Ibid. pp.32-33.

⁵³ cf. Mariátegui en la Argentina . pp 34.

de modo constante e sem subterfúgios, sem, no entanto, deixar de dar às suas solicitações pecuniárias uma parte indispensável da missão que lhe cumpria executar. Em uma carta enviada ao amigo e editor argentino ele desfecharia:

Es para mí indiscutible que no debo ir (à Argentina) como “en passant” - como un visitante. Debo ser funcional: debo ir allí a hacer algo, y con los medios para hecerlo. por consiguiente, en este sentido, la seguridad financiera que debo tener cuando vaya es sólo un símbolo de una profunda necesidad. Debo conseguir bastante dinero para ir: el dinero será la expresión exterior de alguna función que debo cumplir en mi viaje.⁵⁴

Seja como tenha sido esta situação de Frank em relação às suas despesas, para Glusberg não parecia ser nada capaz de desabonar o trabalho de seu amigo. Quatro anos após o convite inicial e seus desdobramentos, em setembro de 1929, Waldo Frank desembarcou em Buenos Aires. O contato com Glusberg seria mantido durante toda a vida de Frank. A influência que as conferências que ele pronunciava, juntamente à sua certeza coercitiva, de que era agora - a futuramente sabida complexa década de 1920 - o momento do despertar da consciência americana desde o norte até a Terra do Fogo, foram decisivos para aproximar de Frank todo um grupo de intelectuais latinos também embalados pelos mesmos sonhos de projeção para suas obras e seus países. Especificamente sobre a relação entre Samuel e Waldo, Jesús Méndez⁵⁵ escreveria uma oportuna crítica de sua parceria tão duradoura. Para ele, o primeiro ponto de confluência entre os dois era exatamente o fato de serem ambos judeus, e se viam, mutuamente, como profetas espirituais clamando contra a selvageria do materialismo americano. O segundo aspecto que aproximava os amigos era o fato de professarem um tipo de “nacionalismo” americanista: ambos se indispuseram com a dependência cultural da América em relação à Europa e, como resposta a esta situação histórica, usam suas obras como espaços de ênfase aos valores do Novo Mundo.

Por fim, entre os pensadores latinos ativos durante a década de 1920 e em ligação com Waldo Frank, resta-nos abordar a figura de José Carlos Mariátegui, e seu marxismo heterodoxo. Mariátegui (1894-1930) foi um ensaísta peruano entre os mais influentes de seu país, além de também ter se envolvido em movimentos políticos e fazer parte da fundação do Partido Comunista Peruano. Durante sua juventude sofreu um acidente que terminaria por

⁵⁴ Cf. Mariátegui en la Argentina. PP. 124. Carta de Waldo Frank a Samuel Glusberg

⁵⁵ Méndez, Jesús. The Orogins of Sur. Argentine’s elite cultural review. Revista Interamericana de Bibliografía, vol. 31, nº1, 1981.

afetar decisivamente sua saúde, vindo logo em seguida a se tornar coxo, o que o impediu de continuar seus estudos formais na escola tradicional. Dali em diante seria ele autodidata e para ajudar na manutenção da família, empregou-se em uma prensa onde pretendia seguir carreira de jornalista. Por posicionar-se em oposição ao governo do ditador Augusto Léguia, juntamente com seu grupo de amigos, Mariátegui fora exilado na Europa, onde viveu uma espécie de epifânia a respeito de seu país, sua condição e sua função entre o povo que o viu nascer. Enquanto estava no Velho Mundo, diminuiu o número de suas publicações e parecia tomar fôlego para o mergulho seguinte que faria na vida pública. Na Europa, também travaria ele contato com o marxismo e se tornaria um adepto fervoroso deste sistema, sem, no entanto, manter um comportamento ortodoxo entre seus pensadores. Em 1923, de volta a Lima, Mariátegui retomaria sua luta por sustentar a família, mas também gozaria de projeção entre a juventude peruana devido a seus textos, seu interesse pela cultura nativa e suas ideias incisivas sobre a necessidade de mudanças sociais no país de modo urgente. Sua principal publicação foi a revista “*Amauta*” (que em quéchua significa “o sábio”), tratando de diversos assuntos, mas sobretudo servindo de estufa para seu “marxismo indigenista”.⁵⁶

José Carlos Mariátegui se tornaria conhecido através de sua obra romântica, capaz de aproximar os desígnios revolucionários marxistas de uma ideia de mística e mobilização espiritual. A maneira como ele trafega por este caminho é bastante original por seu contexto latino-americano por excelência. Sua visão romântico-revolucionária do mundo, conforme expressa no ensaio que escreveria em 1925 – “*Dos concepciones de la vida*” – rejeita a “filosofia evolucionista, historicista, racionalista”, em nome de um retorno aos mitos heroicos, ao romantismo e ao quixotismo. Para Mariátegui, a luta revolucionária se configuraria como um reencantamento do mundo. A temática do caráter simultaneamente místico e secular da luta revolucionária estaria presente constantemente na escrita de Mariátegui – e também nos ensaios de Waldo Frank - não sendo possível precisar se toma este padrão de escrita do amigo peruano ou se reforça seu modelo após o contato com aquele. Rejeitando a construção simplista do positivismo e o desencantamento (Ortega y Gasset) do mundo burguês, ele se apropria da alma encantada (Romain Rolland) dos criadores da nova civilização.⁵⁷

⁵⁶ Cf. Krauze, Enrique. Os Redentores, cap. IV

⁵⁷ Cf. Mística Revolucionária: Mariátegui e a religião. In: Estud. av. vol.19 no.55 São Paulo Sept./Dec. 2005

Este comportamento intelectual faria com que o marxismo de Mariátegui fosse rejeitado por grande parte do grupo marxista tradicional de seu tempo. Para além das questões pragmáticas do materialismo histórico, o “*Amauta*” também somaria à discussão dos itens de preponderante importância no cenário latino-americano da primeira metade do século XX: a questão indigenista, o resgate de uma função transcendente da ação política, o dever de redenção ao Novo Mundo diante do aparente colapso do modelo capitalista mecanizador. Waldo Frank será tributário das mesmas ideias e ainda que não vá se aprofundar tão detidamente quanto o amigo nas questões indígenas, o reencantamento do mundo e sua significação transcendente são parte constante da obra de Frank. Em *América Hispánica*, será possível mesmo constatar o tributo de Waldo Frank ao modelo do amigo, quando realiza por várias vezes mergulhos às origens mitológicas do continente e às suas destinações cósmicas.

Em carta enviada a Waldo Frank durante os preparativos para sua viagem à Argentina, Mariátegui sinaliza sua admiração pelo pensador do norte:

Porque he exagerado. Mis labores me imponen limites em La correspondencia, pero no en la amistad. Pocos amigos tiene Ud. probablemente en Sudamérica, tan amorosamente atentos a su voz, a su obra, como yo, aunque mucho de lo que Ud. esciba me escape. En cada página suya, que llega a mis manos, siento íntegra su presencia, encuentro siempre alguna nota entrañablemente suya.

Recebi su magnífica *España Virgen*. La primera impresión de esta lectura consta em uma breve nota, que publique aqui en una revista en que colaboro semanalmente. Envié El recorte a nuestro amigo Samuel Glusberg de Buenos Aires, com el encargo de que se lo hiciera llegar.⁵⁸

O vínculo entre os três, Waldo Frank, Samuel Glusberg e José Mariátegui, se manteria intenso através de correspondências constantes sobre suas obras, planos de viagens e planejamentos de trabalhos. A figura de Frank causava em seus correspondentes latinos uma espécie de fascínio curioso de se estudar. A alcunha de profeta não poderia soar melhor a alguém do que a Frank. Seus textos, e sobretudo suas conferências, despertavam a esperança de que alguém pensava a América de dentro da própria América. O desvelo com que Mariátegui trata Frank e o respeito que este lhe impõe são itens que saltam aos olhos. E embora as correspondências de Frank sejam também sempre cordiais, é ele quem conduz a conversa e dita as condições de sua presença entre pensadores latinos. Mediante

⁵⁸ Mariátegui en la Argentina, PP. 153.

correspondência do amigo peruano, o convidando a palestrar em Lima durante seu circuito de conferências, no ano de 1929, a mesma questão referente aos valores de suas viagens apresentados a Glusberg, Waldo Frank a apresentará a Mariátegui:

No puedo discutir con Ud. Voy sencillamente decirle mi situación y Ud. hará lo que quiere. No soy hombre rico. Al contrario – soy hombre que gana con gran dificultad lo necesario para vivir convenientemente con mi familia. No He venido a S.A. para ganar dinero – pero he tenido necesidad de ganar lo equivalente a lo que ganaría en los EE. UU. Quiero, pues, que mis conferencias sean pagadas lo mejor posible. Pero no aceptaré nada ni de Ud. ni de Amauta. Que personas ricas – ó instituciones – me paguen! Prefiero, además, dar pocas conferencias bien pagadas que muchas con menor precio. Porque? Porque es importante que tenga tiempo – ocio – para ver Lima – para estar tranquilo con Ud. y sus amigos y las conferencias me cansan enormemente. Lo Bueno sería pues, pocas conferencias con lo más dinero posible - y muchas horas libres con Ud. quien es el hombre que amo lo más de toda S.A.⁵⁹

A figura de Waldo Frank empolgou toda uma geração de pensadores latinos, sobretudo aqueles ligados ao ensaísmo cultural da década de 20 na Argentina, México e Peru. Sua amizade com Mariátegui seguia um duplo papel. De um lado, Frank era tratado como figura destacada da intelectualidade moderna e portador das revelações mais preciosas sobre a América Latina em relação ao restante do mundo. Suas conferências, suas obras e a maneira apaixonada enquanto profetizava a respeito de sua América particular, foram instrumentos coercitivos muito fortes frente a seus companheiros de letras latinos, permitindo a ele ser tratado como celebridade por parte de quem o recebia. De outro lado, Waldo Frank pôde apropriar-se do prestígio social e econômico de vários de seus parceiros, através de cartas ou de sua presença em jantares badalados ou auditórios repletos de estudantes, Frank de certa forma sempre foi exímio articulador de prestígio. De cada um de seus correspondentes pôde apropriar-se à sua maneira de aspectos capazes de dar-lhe como homem e escritor o destaque de que se julgava merecedor, e como artista místico, a missão transcendente de revelar os destinos do povo americano por onde passasse. Os custos de viagem, a messiânica soberba do missionário ou a astúcia do articulador, compuseram o retrato intelectual de Frank.

Após complicações médicas que o levariam a um longo período de descanso na Argentina, a morte de Mariátegui em 1930 seria responsável por colocar um fim no contato

⁵⁹ Arch. Mariátegui. Manuscrita. Membrete On Board Grace Liner com sello de la misma. Em castellano en el original. TRanscripta de: Mariátegui, **Correspondencia**, Lima, Amauta, 1984, t.II, PP.689-690.

entre eles. Para Frank a empresa da construção de sua América sofria a perda de um grande colaborador, mas deveria continuar. Em correspondência a Samuel Glusberg, datada de 07 de maio de 1930, ele fala sobre a perda do amigo e retoma o caráter místico de seus trabalhos no continente:

Ayer llegó tu carta de abril 24 con las tristes noticias sobre Mariátegui; por la tarde llegó una carta de [Luis Alberto] Sánchez con lo mismo. Estoy escribiendo una larga carta al New Republic y a The Nation, pidiendo contribuciones para la familia de este gran hermano nuestro perdido: será interesante ver si algún Norteamericano responde. Es imposible hablar ahora de esta pérdida, es demasiado grande, demasiado amarga. El viaje de José Carlos a Buenos Aires tuvo un profundo significado simbólico para mi -muy parecido al de San Martín y Bolívar del Atlántico al Pacífico. Parece que los dioses de la materia y de la muerte tratan de hacer más difícil el nacimiento de nuestra América. Pero, querido hermano, debemos seguir. No debemos cesar en ningún momento de luchar nuestra lucha y de creer en nuestra causa. La muerte no puede quitarnos todo -y así como quede un solo hombre en el mundo, peleando por la verdad y la buena vida -y por América-, esa causa es sagrada y feliz para todos los demás.⁶⁰

A causa sagrada da América não poderia parar, e para homenagear o amigo falecido Frank dedicaria sua obra “América Hispana” a ele, elevando seu nome entre os companheiros latinos e projetando seu próprio trabalho sobre as luzes do *Amauta*.

Relancear os olhos por estes caminhos intelectuais seguidos por Waldo Frank em sua aproximação, significação e difusão dos ideais de América que o caracterizaram, auxilia certamente na leitura da obra básica desta dissertação. “América Hispana” será uma espécie de síntese destas relações e apropriações feitas por Frank no contato com seus interlocutores latinos. O desejo do jovem artista em tornar-se famoso encontrou eco no espaço intelectual disposto à sua frente por uma efervescência cultural nos meios latinos. Sua aproximação com as artes e com a mística, bem como seu flerte constante com os ideais marxistas, foram a oportunidade preciosa para que Waldo Frank pudesse se tornar um ícone de busca para além de sua própria presença ou personalidade. Deste desfecho ele soube valer-se em suas viagens, palestras, publicações e críticas políticas para tornar-se uma figura bastante destacada de sua geração e talvez o primeiro americanista do século XX. A lista de contatos entre Frank e seus correspondentes latinos foi encurtada e poderia ainda conter nomes como Eduardo Mallea e Coriolano Alberini, no entanto os nomes aqui abordados servem para pavimentar o caminho

⁶⁰ Em hoja membretada “Waldo Frank”. Original en Archivo Glusberg. Traducción Del ingles de F. Lopez Trujillo.

de modo minimamente necessário à completar o cenário em que se desenvolverá sua publicação de A.H. e a repercussão de sua obra.

Em 1931, após sua viagem, suas inúmeras correspondências e sua autoafirmada tarefa redentora, cada vez mais clara, vem à público a primeira edição de “América Hispana”, e é sobre ele que me debruçarei em seguida.

3) AMÉRICA HISPANA

Conhecer um pouco a respeito das relações que Waldo Frank estabeleceu durante sua formação, acompanhar suas viagens e alguns dramas particulares bem como entender quais eram os interlocutores para os quais Frank escrevia, sem dúvidas irá tornar mais clara a leitura crítica de “América Hispana” que farei neste capítulo. A obra é em si mesma, um retrato do próprio autor enquanto busca por algo capaz de saciar sua solidão em relação a coisas que não é capaz de precisar. Como a maioria dos ensaístas da primeira metade do século XX, a presença da ausência em Waldo Frank é marcante, alcança os horizontes de suas viagens e vai descansar na sua profecia americana de caráter místico-literário. Através de uma espécie de “antropofagia literária” que engloba todos os seus correspondentes, o momento histórico vivido pelo ocidente, suas ambições como escritor e traços de uma religiosidade secular intensa vem a lume em setembro de 1931 a obra *South of Us*, publicada pouco tempo depois em língua espanhola como “*América Hispana*”.

Logo que termina a escrita da obra, Frank parte para novas viagens – de férias – desta vez tendo como destino a Rússia comunista, a respeito da qual escreveria também um relato de viagem⁶¹. Antes de partir, em suas correspondências com Samuel Glusberg, Frank sinaliza sobre seus objetivos próximos e também faz críticas à postura de Ocampo à frente da revista *Sur*, críticas estas que farão com que Frank pouco a pouco deixe o papel inicial de articulação entre vários grupos intelectuais letinos. De certa forma, *América Hispana* nasce exatamente no momento em que as Américas de tantos pensadores e artistas demonstram mais diferenças do que similitude entre si. A Glusberg escreve Frank em carta datada de agosto de 1931:

Tu carta me hizo feliz. Los contratiempos entre tú y V. O. me dolieron mucho. Conozco sus limitaciones, pero no debo romper lo que es importante entre nosotros por causa de mi hermandad contigo, y más de lo que puedo esperar de ti rompiendo algunas amistades pivoteando sobre algo personal porque no compartí. No es necesario decirte que SUR no expresa nuestra América.(...) Está perfectamente claro para mi que aquel sueño de tú y Mariátegui trabajando con Victoria -educándola e incluso no estéticamente auxiliados por ella, fue imposible. Mi lealtad a ti y a Mariátegui no ha sufrido.(...)

La edición americana (de “América Hispana”) estará lista en el mes próximo. Naturalmente, tú tendrás una de las primeras copias. No estoy enviando casi copias a Latinoamérica, porque quiero protegerme de la piratería hasta que aparezca la edición en español. Por favor ayúdame para que nada sea reimpresso en B. A. Pienso que he escrito un gran libro, todos los que lo

⁶¹ Frank, Waldo. *Dawn in Russia: the record of a journey*. Charles Scribner’s Sons, New York/ London: 1932.

leyeron están entusiasmados. León Felipe dice que es un trabajo superior a *Virgin Spain*.⁶²

No mesmo ano havia nascido a segunda filha de Waldo Frank, Deborah, e por questões de viagens, de família e da dedicação à sua produção literária ele aproveitaria a mesma carta para tratar de vários assuntos misturados – e mesmo pede desculpas a Glusberg por isso. Seu relacionamento com Victoria Ocampo começava já em 1931 a seguir por outros caminhos já que o flerte que ele possuía com o movimento marxista não era partilhado pela mecenas argentina. Em seu plano inicial de construção da América a cada um dos parceiros amealhados caberia parte delicada de serviço e Frank, na sua visão particular já havia determinado a cada qual seu melhor lugar. A revista *Sur* – e isto torna-se claro através das correspondências entre Frank e Ocampo, e também Frank e Glusberg – deveria ser o ponto de encontro entre todas as frentes idealistas da nova América, e para ele, este novo continente passaria necessariamente pelo pensamento de esquerda. Ao tentar aproximar Victoria Ocampo de Glusberg e Mariátegui, o plano parecia abarcar funções estratégicas para cada um deles na edificação e difusão do seu pensamento americano. “*América Hispana*” foi publicada como parte desta perspectiva orgânica de continente que já na década de 1930 ruiaria entre seus idealizadores. Frank de forma mais intensa e Glusberg como seu bom aluno vislumbravam um destino americano um pouco menos cósmico que o de Vasconcelos⁶³ – dialogando com ele em vários aspectos -, e também um tanto menos poético do que pensado por Ocampo nas publicações da *Sur*. Waldo Frank tentaria realizar uma síntese de dois de seus maiores sucessos anteriores, de um lado o largo olhar através do tempo e das relações históricas presente em *Our América* e por outro sua profunda noção de experiência, mobilizada em *Virgin Spain*. Como resultado ele retomaria através de literatura, estética e política a discussão de um século antes em torno do Novo Mundo.

Não foi possível encontrar nenhum título da primeira edição espanhola de A. H., de modo que a edição consultada para este trabalho é uma reimpressão feita em Buenos Aires em 1950, de acordo com os editores trata-se de um fãc símile da edição original espanhola de 1931. O livro é uma brochura de 314 páginas, sem imagens e de leitura bastante fácil já que transita entre o ensaio histórico e as estruturas míticas e folclóricas do continente.

⁶² Cf. Mariátegui em *La Argentina*, pp. 230.

⁶³ Ver José Vasconcelos, *La Raza Cósmica* (1925)

3.1 – As origens do mito americano

A organização da obra se divide em *Gratitut*, *Prelúdio*, *Libro Primero* (Retrato) e *Libro Segundo* (Perspectiva). Também no prólogo Waldo Frank define seu trabalho como “obra de arte”, assim como fez em seus livros anteriores publicados sob a denominação de “História”. Define-o como um trabalho com função estética, cujo objetivo principal era apresentar ao leitor a imagem de “um organismo vivo ao redor do qual se relatam os fatos,” que possibilitarão ao leitor uma “impressão da verdade que este ser coletivo e vivo (América) representa,”⁶⁴ ou seja, apresenta sua perspectiva da História a partir de uma aproximação com a estética nietzscheana. Este estilo marca seus trabalhos não só em *America Hispana* como também nos outros três volumes que agrupou sobre o título de “O Novo Mundo” [*Our America*(1919), *Virgin Spain* (1926), *The rediscovery of America* (1928)]. A relação que o autor estabelece com o conteúdo histórico convencional é explicitada logo no início de suas explicações quando define a história do continente como “*un caos*”⁶⁵ incapaz de apresentar fontes estáveis de informação aos seus desígnios. As conclusões de Frank já pareciam estar elaboradas antes mesmo de se pensar na redação do título, mas foi preciso adequá-las aos contornos históricos minimamente razoáveis de modo a não enquadrar-se o texto na categoria de um romance ou uma novela como outros que escreveu: *America Hispana* deveria ser “*el cuento de un povo*”⁶⁶. Para resolver o dilema Frank pontua que para além de livros sobre o passado do continente, suas reflexões basearam-se majoritariamente em periódicos. Quando seus contatos, livros ou jornais não foram capazes de esclarecer suficientemente a respeito dos assuntos ele deixa aberta sua chave de escrita: “*Para mis conclusiones, sin embargo, he obedecido a la intuición de mis experiencias personales*”.⁶⁷

Através de sua gratidão W.F. lista uma série de nomes que julga terem sido importantes para a construção da obra. Desde os que o receberam durante a sua primeira viagem pela América do Sul, passando por alguns jornalistas, editores e mesmo autores de títulos julgados indispensáveis para a conclusão do trabalho. Mais de uma dezena de agradecimentos podem ser contados, mas já nas primeiras páginas da obra os desencontros

⁶⁴ Cf. Frank, Waldo, *Gratitut*, in: *América Hispana*...

⁶⁵ *Ibid.* “Al revés que en España y que en los Estados Unidos, la literatura histórica en la América Hispana es un caos todavía,”...

⁶⁶ *Ibid.*

⁶⁷ *Ibid.* PP. 11

entre seus interesses e o de alguns de seus companheiros fica estampada. Em nenhum momento o texto se refere a Victoria Ocampo ou a Alfonso Reyes. Sobre a mecenas argentina acredito que já seja possível concluir os motivos, mas no caso de Reyes as críticas e o afastamento se processam do ponto de vista de que estaria ele – devido a suas constantes viagens e serviços diplomáticos – negligenciando a tarefa de cumprir com seu papel de mente latina a iluminar seus conterrâneos tão carentes de orientação. Em uma das correspondências tratando a respeito da revista *Sur*, Frank escreveria a respeito de Reyes de maneira irônica quando questionado por Ocampo se este deveria ocupar lugar na direção da revista: “*Por supuesto Reyes y Supervielle*⁶⁸ *deberían estar en tu comité pero Reyes no está nunca en el México y Supervielle no está nunca en el América*”⁶⁹. Os projetos de América estão claramente separados entre os grupos que faziam parte do mundo waldeano e aqueles que não estavam lá. A experiência autocentrada e controladora de sua relação com o mundo ibérico se tornaria com certeza um dos motivos de seu posterior ostracismo literário.

Outro aspecto a ser ressaltado no prólogo é a explicação do autor para a inclusão do Brasil em uma obra intitulada *América Hispana*. Segundo o autor, “Hispania” era a denominação dada a toda a Península Ibérica, incluindo-se aí Portugal, apesar dos portugueses não fazerem parte do sistema político da Espanha. Desta forma, entende que a América Hispana se estende do México à Terra do Fogo. Mesmo sem possuímos relatos de viagem consideráveis a respeito de sua passagem pelo Brasil antes de sua segunda viagem pela América Latina (1942) o autor teria passado pelo país de forma despercebida, conhecendo Rio de Janeiro e São Paulo durante sua parada entre outros destinos. A diferença linguística entre o Brasil e os demais países do continente não deveria ser motivo de impedimentos à sua identificação no grande projeto americano que estava a se traçar. Além disso, a fama de “amigo do sul” se alastraria rapidamente de modo que em sua segunda viagem ele seria recebido por uma comitiva governamental em sua chegada ao Rio de Janeiro e teria como acompanhante pelo mundo carioca o escritor e diplomata Vinícius de Moraes.⁷⁰

⁶⁸ Referência a Jules Supervielle, poeta francês nascido no Uruguai. Não foi encontrada nenhuma menção de Frank ao trabalho do autor senão as críticas de que fizesse ele parte tão intensamente das decisões da Revista *Sur* uma vez que não vivia no continente americano.

⁶⁹ Iglesia, Cristina. *Waldo y Victoria en el Paraíso Americano: Identidades y proyectos culturales en los primeros años de la revista Sur*. Universidad Nacional de Buenos Aires. PP. 123

⁷⁰ Uma das últimas entrevistas de Vinícius de Moraes aborda também sua relação com Waldo Frank: “Mas em 1942 aconteceu uma coisa muito importante em minha vida, que foi a vinda ao Brasil do escritor americano Waldo Frank. O José Olympio ofereceu um coquetel a ele e todos os escritores compareceram. Começamos a conversar e, lá pelas tantas, ele me confessou que achava coquetel de intelectuais uma coisa chatíssima e

Os prelúdios da unidade Americana concebida pelo autor se dão através do Canal do Panamá e sua “vocação” natural, desde muito malbaratada, de unir e agrupar todo o continente. Dando rasgos   sua mística naturalista e org nica, no Panamá ele evoca a “verdade do ser coletivo e vivo” da América através do mito em torno dos continentes perdidos da Atlântida e da Lemuria. Sugere que aquele país seria o lugar no qual os dois continentes lendários se encontrariam, e alinhava sua interpretação mítica dos acontecimentos, desde as viagens de Colombo e Cort s em busca de um caminho marítimo para o Oriente, até a história da constru o do canal.

Esta abordagem mítica e associativa da história é, sem d vida, conveniente para os propósitos de Waldo Frank de tentar comprovar a unidade estrutural da América. No entanto, por outro lado, esta escrita que mescla mística, imagina o, fatos históricos e geográficos, coloca questões importantes para os historiadores como as do tempo não linear e da subjetividade na história e na historiografia. A busca por perceber traços do passado no presente e interpretá-los como indícios de uma estrutura comum não cronológica, mesclando fatos históricos com geografia física e cultura como faz Waldo Frank, aponta para a questão da compreensão das transforma es e rupturas históricas vistas como meramente conjunturais e não estruturais como enfatizada pela historiografia da primeira metade do século XX. Por outro lado, recoloca explicitamente o historiador/escritor como sujeito da história que conta.

Também é na sua reconstru o lendária dos continentes perdidos e do povo que os habitava que Frank dialoga com outro intelectual latino seu contemporâneo: José Vasconcelos (1882-1959). As trajetórias dos dois intelectuais são inclusive muito parecidas desde sua rela o com o conhecimento, o poder ou a política. Vasconcelos foi o caudilho da revolu o

perguntou se não pod mos sair por a . Saímos, era dia de São Jorge e eu levei o Waldo para ver as putas do Mangue. Havia um delírio l , ele ficou impressionad ssimo. Aliás, a origem da minha “Balada do Mangue” foi esse dia. Depois eu o levei   favela do Pinto, aquela que havia no Leblon. Hoje eu não faria mais uma coisa dessas, não há condi es. Mas foi tudo bem, ficamos l  numa tendinha, pagamos umas cervejas para os crioulos e eles tocaram para nós. Ele achou tudo ótimo, queria mesmo era ver esses ambientes e fugir das cerim nias oficiais. Daqui ele foi para a Argentina, acabou se envolvendo em política lá — era um socialista, mas com uma grande dose de filosofia hindu, bastante maluco. Era um judeu, muito amigo do Hemingway e do Chaplin. Na Argentina, um grupo de fascistas aplicou-lhe uma tremenda surra e ele ficou três meses no hospital. Depois, voltou ao Brasil e pediu ao Oswaldo Aranha, o chanceler da época, que eu fosse indicado para acompanhá-lo na viagem que faria pelo interior do país. Eu ainda não era do Itamaraty, mas o Aranha sabia que eu ia fazer o concurso para ingressar na carreira diplomática e me designou para ciceronear o Waldo. Para mim, a viagem foi maravilhosa, escutei histórias fantásticas dele, inclusive a de quando foi martirizado pela Ku Klux Klan. Foi a primeira vez que andei armado em minha vida, porque chegou a notícia de que uns tiras argentinos tinham vindo matá-lo no Brasil.” In: <http://www.revistabula.com/369-a-ultima-entrevista-de-vinicius-de-moraes/> visto em 16/07/2014.

mexicana, segundo Krauze⁷¹, e sua mística altamente heterodoxa fez de sua produção um movimento de grande penetração social na primeira parte do século XX mexicano. Ao longo das leituras e levantamentos de correspondências desta pesquisa não encontrei material relevante a respeito da relação entre os dois senão algumas curtas notas sobre a recepção de Frank no México ao lado de Alfonso Reyes. O que é improvável, no entanto, é que W.F. não tenha lido ou escutado o pensamento de Vasconcelos e de modo bastante característico se apropriado da popularidade de sua utopia.

José Vasconcelos ao longo de suas crises pessoais realizou incurções ecléticas por diversas frentes filosóficas se apropriando do que soava coerente com sua busca de projeção intelectual e afetiva, e como resultado foi ele também místico-secular, tal como Frank. Ao perder o amor de sua amante, Vasconcelos se voltou para Plotino (205-270) e sua metafísica emanacionista e mística. Para Plotino, a realidade última é “O Uno”, uma eterna unidade monista à qual nenhuma qualidade pode ser atribuída, e apenas através da contemplação é que o homem seria capaz de alcançar estas esferas da unidade e da harmonia. Como professor, reitor de universidade e literato, Vasconcelos levaria estas ideias à prática de sua política educacional e pela efusividade com que abordava as questões relativas à unidade do povo americano e seus destinos recebeu o título honorífico de “Professor da América”⁷².

O ponto alto de sua utopia americanista, no entanto, seria uma obra publicada em 1925, *La raza cósmica*. Segundo sua leitura, caberia aos ibéricos tornarem-se a quinta raça, a raça final no planeta, que fundiria todas as outras. Próximo à Amazônia deveria surgir uma cidade perfeita para todos os homens, que ele chamou de Universópolis, onde os homens viveriam impregnados de amor e beleza.⁷³ Apesar da flagrante utopia fantasista, o fato é que *La raza cósmica*, foi um sucesso editorial tremendo em sua época. E embora não seja possível precisar se, ou qual parcela de seus leitores ambicionavam verdadeiramente este destino, no que tange à popularidade da obra e de seu autor não há dúvidas de popularidade.

Waldo Frank, ao retomar os mesmos signos para compor novos símbolos se diferencia de Vasconcelos exatamente pela razoabilidade objetiva de seus discursos e também pela condição de trafegar e dialogar com diferentes correntes de pensamento sem precisar prender-se qualquer delas, já que a experiência seria o seu método. Na sua elaboração do continente

⁷¹ Krauze, Enrique. *Os Redentores*. São Paulo: Saraiva, 2011.

⁷² *Ibidem*. pp 85.

⁷³ *Ibid*. pp. 95

haveria sim espaço para a tradição transcendente de uma raça superior a pressagiar os caminhos do mundo americano, mas para tal fato concretizar-se, deveria haver um engajamento sério em questões menos diáfanas e capazes de despertar na população americana sua condição auspiciosa aos colapsos da Europa. No cenário pessoal de sua busca de projeção também se destaca o papel de que o próprio W.F. era protagonista: encontrar algo na América que fosse capaz de saciar suas buscas. Para ele tão importante quanto o destino do continente seria a trajetória do profeta que a revelaria e conduziria sem equívocos.

O Primeiro Livro, intitulado “Retrato,” é composto de cinco capítulos que dividem a America Hispana em cinco regiões: os Andes, o Pampa, o Pacífico, a Selva e o Mar Central. Esta divisão que respeita a geografia física e não política é mesclada com a mitologia na descrição das características dos povos que nelas habitam. A influência do espaço na formação da personalidade de um povo é bastante valorizada na perspectiva de Frank, de modo que a síntese estética americana de seu pensamento poderia ser compreendida como um organismo monista harmônico, embora composto por partes distintas. É assim que a mística e a secularidade se fundem, porque o grande corpo americano sempre foi uno em sua essência, manifestando-se circunstancialmente de modos distintos e não excludentes. Nas descrições de W.F. o homem é parte do ambiente e o ambiente se manifesta no homem. Características naturais tornam-se traços de personalidade, e, de modo sempre monista, as partes em separado estariam caminhando para a completude e complexidade em sua integração. São exemplos desta forma de escrita os trechos retirados do livro I:

Em las montañas Del alto Perú, cuyas prolongaciones Del Sur son ahora Bolívia, hay una piedra muy común, de color pardo, con un matiz verde aceituna. Con esta piedra está construída la catedral de La Paz. A la puerta de esta catedral se sientan hombres y mujeres harapientos, con la cara como la piedra misma de la iglesia.

Son índios de los Andes. Hay algo eterno en ellos como la roca, con cuyo color rivalizan. Esta piedra, en tiempos arcaicos, se cortaba en pedazos pequeños, la huaca que el índio adoraba. Con Ella y bloques tan pesados como una casa construyeron más tarde templos megalíticos. Canteros incas la labraron después habilidosamente y sacerdotes españoles la remodelaron luego en la casa de Dios. Es la misma piedra de siempre. Y el índio, que tiene su mismo color y que bajo la superficie de su credo Cristiano aún oscuramente la adora, es el mismo índio también, a pesar de tantos años y tantos câmbios.⁷⁴

⁷⁴ Frank, Waldo. América Hispana. Losada: Buenos Aires, 1959. PP. 37.

O modelo de abordagem seguido para os demais territórios durante a primeira parte da obra será o mesmo, modificando apenas o modo como os traços naturais são assimilados pelo povo daquela localidade. Segue-se um padrão histórico linear nestes primeiros textos, que pode ser padronizado. Primeiro o tempo mítico em que o homem e a natureza não possuíam separação entre si, neste tempo o sujeito parecia completo em sua relação com os outros e com o meio; em seguida surgem as interferências de exploradores europeus em busca de riquezas, prestígio ou fiéis, neste movimento o estado natural das comunidades americanas foi desfigurado e miscigenado dando origem a povos intermediários que sofreram os reveses do tempo histórico convencional e atingiram a crise de suas evoluções histórico-sociais com as revoluções do século XIX e início do XX. O povo ou a raça – conforme expressão em voga no tempo da redação do livro – são as personagens principais e ao colorir este quadro Frank mobiliza suas experiências de viagem através do continente americano e suas relações com indivíduos dos diversos países e condições. Sua meta é a de retratar a alma do povo americano como ele é, embora ignorado pelos próprios americanos. Nestes termos, a primeira metade da obra condensa a maior parte de seu conteúdo histórico, enquanto reserva-se ao segundo livro (*Perspectiva*), o fator profético de sua criação.

Percebe-se ao longo da leitura a maneira como Waldo Frank escreve sobre o sul do continente americano enquanto busca encontrar o seu sentido de pertencimento ao mundo e ao seu próprio país. Entre os parágrafos que discorre sobre a estrutura social dos índios andinos, sobre o gaúcho dos pampas ou sobre os habitantes da selva, Frank desponta críticas aos Estados Unidos e seu modo de vida contemporâneo. Tanto as críticas pontuais quanto o próprio esforço de elaboração teórica de uma nova América ficarão mais claros posteriormente no contexto da produção intelectual do autor quando ele é capaz de organizar seu pensamento, já no final da vida.⁷⁵ A angústia waldeana – para se expressar nestes termos – é fruto do que ele considera como uma simplificação do homem em suas relações com o mundo. A mística monista de seu pensamento está exatamente neste ponto da não divisão ou separação do homem de coisa alguma ao longo de sua vida. Seja o congelamento em um ponto de vista filosófico, religioso ou conceitual, qualquer deles seria uma diminuição do homem por sua fragmentação. Para Frank, que demonstra constantemente sentir-se em busca e, portanto separado de algo maior, o caminho para a superação da angústia deveria ser o da experiência orgânica da realidade, não atomizada e intensamente articulada entre o homem e

⁷⁵ Especificamente conferir *Memoirs of Waldo Frank*(1973) e *Rediscovery of Man* (1958).

o meio na totalidade das possibilidades humanas. Esta é também uma chave para a leitura da obra de W.F: apenas na unidade da fruição seria possível encontrar a completude. Fácil compreender assim, as críticas que faz a seu país.

La cultura material de los Estados Unidos está basada sobre el simple deseo del bienestar. Y puesto que este deseo reside en el ser atómico, instintivamente ignorante de sus relaciones con el grupo, y en el grupo, instintivamente ignorante de la personalidad integral, es un deseo que engendra el caos, la angustia, y que está muy lejos de la ciencia.⁷⁶

Quando escreve sobre o Brasil, o texto de Frank pode merecer o olhar mais detido neste trabalho sob alguns aspectos. Primeiro porque pode ser observado como o modelo de escrita que foi identificado para esta parte da obra, e segundo por ter o autor escrito de modo a “*narrar o conto de um povo*”⁷⁷, sem nunca ter visitado ou conhecido boa parte dos locais aos quais se refere. O Brasil faz parte do continente Sul americano e desde a introdução da obra Waldo Frank justifica sua inclusão do país de língua e colonização distintas dos demais companheiros de hemisfério americano, no entanto o autor, quando da redação de “América Hispana”, apenas havia estado no Brasil de passagem entre outras viagens e quando de suas andanças pelo país seguiu praticamente por si mesmo, sem o recurso de um guia ou acompanhante, o que tornaria seu texto sobre nosso país talvez a visão mais subjetiva das que redigiu na obra. O contato que possuía W.F com Argentina, Peru, Chile e México, ele apenas conseguirá estender ao Brasil quando de sua segunda série de viagens pelo continente, no ano de 1942, quando viria ao Rio de Janeiro para se hospedar com a poetisa Gabriela Mistral e, repentinamente, é recebido por comitiva oficial do governo nacional, tornando-se hóspede do Brasil. Os relatos desta segunda viagem são bastante mais ricos e intensos e estão disponíveis em sua obra *Viaje por Suramerica*⁷⁸. Em 1944 é que Frank visitaria pela primeira vez a selva Amazônica:

Hace años, cuando pasé por Rio, recibí una invitación para visitar de nuevo Brasil.

Respondí: “Cuando pueda pasar por lo menos seis meses en el Amazonas”.

“Pero usted conoce el Amazonas! En su libro “América Hispana”, el capítulo del Amazonas, sobre la manigua, há sido citado muchas veces por nuestros

⁷⁶ Id. PP 51.

⁷⁷ Id.pp 9

⁷⁸ Cf. Frank, Waldo. El Rostro de Brasil. In: Viaje por Suramerica. Cuadernos Americanos: México, 1944.

mejores críticos. Gilberto Freyre, nuestro maestro de sociología, en su libro más importante, *Casa Grande y Senzala*, encomia su conocimiento del norte de Brasil y señala su destino en nuestra cultura naciente”.

Doblé la cabeza: “Yo no He visto nunca el Amazonas”.

“Pero...”

“Como”... Me siento confundido...”cómo pude yo escribir un libr sobre Hispanoamerica, precindiendo del Amazonas? Debo confesarlo ahora. Creo que es la única vez en mi Carrera literária que tengo de acusarme de esto. Yo describí el Amazonas sin haberlo visto nunca”.

“No”, vino la segura réplica brasileña, “algo lo vió usted.”⁷⁹

A despeito da veracidade deste diálogo ou da realidade da existência deste interlocutor que entrega a Frank participações relevantes na produção de Gilberto Freyre e que afirma ter sido ele capaz de captar o espírito Amazônico mesmo sem tê-lo conhecido – uma vez que é o próprio Frank que o descreve em seus relatos de viagem – o fato do autor não ter pisado na Selva que descreve com tantos detalhes em A.H é já indício do quanto a obra se encontrava pronta em sua mente antes de ganhar o suporte do papel. O Brasil e a selva são as estruturas dadas por Waldo Frank a esta parte desconhecida da América Latina, mas que deveria ter seu lugar no plano americano que construía. Quase doze anos após a publicação, circulação e relativo sucesso de “América Hispana” é que ele realmente conheceria mais detalhadamente o país e seu povo. Suas opiniões serão mais complexas e sensatas nesta segunda visita; menos míticas e mais concretas, mas este já será o Waldo Frank da década de 1940 – sob vários aspectos outro bem diferente. Voltemos agora para seu Brasil de 1931.

O capítulo de A.H em que Frank retrata o Brasil chama-se *La Selva*. Nele o autor deposita grande ênfase no estereótipo brasileiro de um país tropical e marcado pela selva amazônica. Em termos de historicidade é talvez um dos textos menos fiéis da obra porque seu enfoque se dá, na maior parte do tempo, em destacar a relação mítica e poética do país com sua floresta e sua natureza selvagem. Logo quando inicia o capítulo Frank descreve o rio Amazonas e parte desta descrição para suas digressões:

El Amazonas es un torrente de sangre que corre por una selva: la selva es el Brasil. El Amazonas es el fluir de la vida en una enorme nación tropical. Su agua es densa por los aluviones de un cosmos. Cascajos de las frias alturas

⁷⁹ Id. pp. 34

rocallosas, marga caliente de la manigua, restos de insectos, de flores y de bestias hacen espeso su fluir. Los cielos nublados le tornan pardo y la nube del trueno lo hace negro. Verticales los rayos de un sol extraordinario, rejonean la opacidad de este fluir y manchan su piel de negro y azul resplandecientes. Mas, desde el rio, el cielo, la selva y el Brasil son invisibles. El hombre es un micro-organismo que flota en la sangre de una criatura inmensa lejos de él.⁸⁰

A maneira como ele mobiliza as informações das quais dispunha para encaixar seu pensamento ao Brasil partem da construção do Amazonas vivo a alimentar e fluir pela essência do país, dando-lhe identidade e sentido. O estereótipo selvagem atenderia muito bem ao que desejava Frank representar, de modo que ainda enquanto contextualiza as origens orgânicas do país, ele volta várias vezes à função preponderante da mata, da selva, do rio, da vida e do calor. Estes itens compõem mais da metade do capítulo, e mesmo quando o autor explora outras facetas do Brasil – como será visto a seguir – o grande destino monista da nação seria o da realização plena da selva em si mesma.

Segundo o modelo de escrita empregado na primeira parte da obra, Frank passa em seguida à sua identificação do estado natural brasileiro ao que ele chama de “*El destino del Brasil*”, capítulo no qual ele apresentará sua leitura a respeito do que deveria se esperar da nação e de como ela fora colonizada e miscigenada ao longo de sua história desde a chegada dos europeus e negros até sua fusão no povo conforme se mostrava, segundo W.F, na atualidade. Mais uma vez o autor mobilizaria estereótipos a respeito do povo brasileiro que deixariam grande ênfase no papel da natureza selvagem como a mãe por direito da nação. Algumas citações explicitam esta questão:

Cuando el sol tropical cae sobre una tierra seca, se produce la muerte, como en el Sahara; cuando cae sobre una tierra bien regada se poduce la vida, como en la selva brasileña. Brasil, al revés que el África, es todo vida.⁸¹

Toda la riqueza de la tierra, la de sus entrañas y la de faz, se acumula aqui para hacer del Brasil la tierra de promisión. Las hojas devonianas, ya podridas, se aprietam para formar el carbón y se licúan para fluir en petróleo. Aquí hay manganeso, oro y acaso la cuarta parte del hierro del mundo. Todas las drogas que la medicina conoce se cultivan o pueden cultivarse aqui, hasta la rara nuez indiana com cuyo aceite se cura la lepra.⁸²

⁸⁰ Id. PP. 163

⁸¹ Id. PP 165

⁸² Id. PP. 166

Aos poucos Waldo Frank desenrola uma série de efemérides históricas a respeito da colonização, dos europeus que vieram para o Brasil, dos escravos trazidos da África e do Império Português que daria lugar à república brasileira. A saga de uma raça a revelar-se pela miscigenação e pela fusão de várias outras é o tema central que perpassa os registros historiográficos gerais e assim como quando escreve a respeito de outros países há um aspecto de seu texto que pode também ser incluído entre aqueles que o ajudariam a ganhar sucesso entre os pensadores latinos: sua escrita era bastante aberta e conciliadora. Não existem vilões nas personagens históricas que Frank descreve porque dentro de seu sistema de crenças a respeito do homem, da sociedade moderna e, sobretudo do Novo Mundo, não se tratava de destruir e reconstruir padrões simplesmente. Cada uma das etapas que conduziram o homem moderno até o século XX teria sua “qualidade” particular que deveria fundir-se ou tornar-se mais ampla e complexa na coletividade. Esta forma de retratar a história fez com que Frank fosse capaz de – durante um período relativamente longo de tempo – atender às demandas de vários grupos distintos tanto dentro quanto fora da América Latina. Eis como ele define o “povo brasileiro”:

Como el negro africano, el brasileño tiene que vivir doce horas seguidas, de día y de noche, sobriamente y sin romantismo, a menos de parecer. Y las puede vivir porque lleva un negro dentro. Su herencia blanca le da además, otra voluntad y la manera de dar realidad a esta voluntad. Tiene las herramientas de que carecieron sus antepasados de África y de Europa. Con ellas há de librarse de la sumisión a la naturaleza. Tiene ya una técnica (que es siempre la articulación de una voluntad específica) para dominar el trópico.(...)El brasileño de hoy tiene las ventajas de Europa y de África para crear en el Brasil un mundo que sea a la vez tropical y nuevo.⁸³

O terceiro aspecto do modelo waldeano de descrição do mundo latino em A.H foi a descrição do povo, segundo a visão de Frank, no tempo da redação da obra. Este tratava-se mais especificamente dos dados coletados durante sua primeira série de viagens pelo mundo latino em 1929, quando ainda estava despontando como um pensador conhecido e respeitado abaixo do equador. Neste período suas relações mais estreitas mantiveram-se no eixo Argentina-Peru – através de Glusberg-Mariátegui – o que não permitiu a ele maior contato com outros países durante a viagem, pelo menos não os contatos mais estreitos e guiados conforme os poderia realizar na década de 1940. Feito este preâmbulo, e no caso específico do

⁸³ Id. PP. 173-174.

Brasil, W.F tomaria como referências para descrever o povo brasileiro moderno as duas maiores cidades – ou mais politicamente importantes – da época: São Paulo e Rio de Janeiro.

Sobre São Paulo Frank apresentaria o modelo da cidade tecnológica e fabril. As indústrias têxteis, o mundo cafeeiro e os industriais gananciosos e limitados. Em suas análises São Paulo corresponderia à Chicago brasileira, sempre célere e movimentada, crescendo em todas as direções e acumulando pessoas de várias origens que buscavam o centro empregador para ganhar a vida. No Brasil, no entanto, tratava-se de uma Chicago latina e este aspecto daria à cidade, segundo o autor, um caráter mais descontraído que a metrópole norte-americana. Até mesmo no centro produtor e comercial do país a presença da “selva” seria visível em uma alegria e ociosidade muito distantes daquelas do frenesi capitalista do Norte:

Las calles en la colina se entrecavan unas en otras. Hay viaductos que extienden su brazo sobre plazas henchidas de viviendas y sobre parques donde las palmas se encaran con el acero moderno. Desde niveles más bajos suben edificios altísimos que se perfilan sobre los viaductos. En las calles abundan el alemán y el italiano; y es raro el hombre de color. Hay muchas cosas que recuerdan a Chicago: la misma virulencia industrial, la misma tolvanera de carbón y de hierro en una vorágine humana... En Chicago, el loop; en São Paulo, el Triângulo. Es un Chicago torcido y apretado en una forma vertical más dramática y más tensamente estilizada, como corresponde a un pueblo latino. Pero bajo el Triângulo, fulgurante en la noche de anuncios luminosos, se agitan los distritos industriales Braz y Moóca. Su gris crudo recuerda el infierno interior de la Ciudad del Lago. Y entre el tizne y la herrumbre se adivina el fango. En Chicago el fondo es la pradera, la abierta pradera del pionero; en São Paulo, la selva. El estrépito industrial de la ciudad es menos compacto; las profundidades cálidas y silentes están más cerca. Las casas de los subúrbios son bajas y de los plurales colorines de las fachadas se desprenden una alegría y un ocio desconocidos en Chicago. La selva es más fuerte que la pradera.⁸⁴

As descrições a respeito do Rio de Janeiro seguem a mesma tendência, mas ao que parece pela forma como escreve ele ou não esteve também na cidade, ou apenas pôde fazer um pequeno trajeto por suas ruas e alguns bairros. Em 1942, quando volta ao Brasil e é acompanhado por Vinícius de Moraes ele faz outra descrição do povo, da cultura e da cidade bastante diferente deste contido em A.H. Este fato serve como mais um indício na comprovação da tese de que a obra em análise foi apenas um suporte para a leitura americana que Frank já havia construído, e por isso nos caso de dúvida, ausência de fontes ou quaisquer outros problemas de caráter pragmático o autor não se furta a escrever sob inspiração ou

⁸⁴ Id. pp. 175.

intuição. No caso da cidade carioca as descrições giram em torno da geografia da Bahia de Guanabara e das montanhas em torno da capital. Sobre o povo o autor destaca a presença massiva do elemento negro na composição não só étnica da sociedade geral, mas também na vida cultural da cidade e na forma de lidar apaixonadamente com a vida. A temática da selva, no entanto, continua sempre presente no diagnóstico waldiano sobre o Brasil:

Caminos fangosos donde el arroyo central hace de cloaca, chozas de adobe. La gente es pobre, pero no pide. Las mujeres caminan con dignidad por el barro; los niños juegan con los perros, y negros corpulentos se abren camino con ternura por entre ellos. En las casas vive también el grusano del trópico que causa terribles estragos en el corpo y en el espíritu de los hombres. Entretanto, Río sigue fluyendo, prodigando su risa y mezclando su placer y sus miserias con las colinas. Río sigue fluyendo, esperando la voluntad que há de alzarse de la selva para crear el Brasil.⁸⁵

É assim que Frank encerra o capítulo a respeito do Brasil. Assim como quando escreve a respeito de todos os outros cenários do mundo latino, as descrições históricas do ensaio servem apenas para conduzir o leitor ao ponto em que será introduzida sua profecia a respeito dos destinos americanos. Não há grandes problematizações em torno que quaisquer questões, a escrita conciliadora a que fizemos menção conduz todos os leitores ao caminho de sua missão. A partir da segunda parte do livro é que o autor deixa explícita o que já se poderia perceber com relativa clareza. De certa forma é possível se afirmar que o livro II de A.H (*Integración*) é uma reorganização em estilo literário diverso, e com alcance editorial mais amplo, da série de discursos que o tornaram popular durante suas viagens de 1929. A leitura comparada de *Primer Mensaje a la America Hispana* (1930) e a da segunda parte de A.H, deixa clara esta formatação do conteúdo bem dito e muito bem ouvido no mundo intelectual latino da década de 1920. As duas partes do livro poderiam facilmente existir em separado ou mesmo a primeira delas poderia nunca ter sido escrita. No contexto da popularidade e fama conquistadas por Waldo Frank e de sua construção ideal a respeito da América não era o passado o que mais interessava. Frank seria durante toda a vida um visionário prático e era o presente como experiência, e o futuro como profecia que o interessavam mais vigorosamente. Passemos ao segundo livro de “América Hispana”.

⁸⁵ Id. pp. 181.

3.2 – Os destinos do continente segundo Waldo Frank

No Segundo Livro, intitulado “*Perspectiva*”, Waldo Frank discorre sobre seu ideal de unidade entre as Américas a partir do que chama de “mundo Atlântico”, cobrindo desde o extremo sul Argentino às fronteiras mexicanas. De certa forma o que o autor faz é ampliar a capacidade da lente com a qual examinou anteriormente o continente desmembrado, agora contemplando não apenas a unidade latina, mas também a América do Norte. Isso significa dizer que o modelo de escrita em torno das origens místicas, dos sucessos históricos e finalmente da síntese “una” destes dois roteiros seria novamente explorado pelo autor agora, no entanto, com outra mobilização temporal não do passado ao presente, mas do presente ao ideal. Esta espécie de teleologia utópica não deixa claro se já no contexto da primeira edição da obra, em que inúmeras cartas foram trocadas com diferentes partes da América Latina, tratava-se de um recurso estilístico para projeção de Frank como literato e intelectual ou se, de fato, entre o grupo que o acolhia entre as efervescências inesperadas da primeira metade do século XX, a ideia de unir o continente foi real. Através do texto é certo que não se pode desde o início dizer de Waldo Frank o que se dizia de Vasconcelos e sua fantasia cósmica, mas por um caminho paralelo ao dele, seu pensamento tangenciaria o utópico quando pensou a respeito da integração americana. Esta segunda metade da obra se divide em dois capítulos: *El mundo atlântico* e *La creación de la América Hispana*.

Buscando retomar o estado básico do que constituiria os mundos da América do Norte e do Sul, Frank elabora uma análise de suas tradições ao evocar o ouro e a máquina como os arquétipos definidores de uma espécie de mentalidade característica de cada matriz colonizadora na América. Ao sul, sob organização ibérica, viveriam os povos organizados política e mentalmente de acordo com o que Frank chama das sociedades do ouro, enquanto as treze colônias, de origem protestante, seriam animadas pelo espírito da máquina. Os primeiros seriam caracterizados pelo autor como o metal, de um valor inestimável, que qualquer um por sorte ou empenho poderia adquirir. Com o ouro seria possível dominar o mundo, mas como o ouro, até então, eles não possuiriam vida própria, senão a que lhe deram ou a dos que queriam possuí-los. Segundo W.F teria sido como o símbolo da coroa espanhola que o ouro de tornaria mais intimamente ligado às origens latino-americanas, como o símbolo de graça em um mundo católico.

Sob a designação de máquina, o autor tenta descrever aqueles que agiriam como tal. Em uma forma de vida individual e física, em oposição à vida do pensamento e da sensibilidade. Sob o pensamento atomístico da Reforma Protestante o povo norte-americano teria se modificado em uma nação pragmática e fria, capaz de dominar o ambiente e retirar de qualquer lugar as fontes necessárias à sua sobrevivência, no entanto sem dispor ao seu redor de qualquer coroa, paixão ardente ou graça disponível como aquela que poderia ser descoberta entre os filhos do ouro. Para Frank a máquina seria o coração do poder, objetivamente isso. Mais uma vez aparece no texto a escrita em busca de síntese:

El católico, al buscar la integridad, cuyo cuerpo tenía que ser la Humanidad entera, se fué dando cuenta de una manera imperfecta y vaga, ya que ningún alma está separada del Todo, de que no había más que una salvación universal. De aquí su frenética y patética voluntad para imponer la salvación, a menudo, por medio del fuego y de la espada. El protestante, al amar su atómica individualidad, quiso ante todo su elección personal, negó la integración más allá de la secta y gradualmente fué convirtiendo su indiferencia por los demás em la virtud de la tolerancia.⁸⁶

O texto de Waldo Frank sempre se apoia na contraposição entre uma sociedade plural, marcada pelo atomismo de suas relações onde os sujeitos se preocupariam apenas consigo e com suas buscas particulares, e outra, complexa e sistêmica na qual todo o corpo social desenvolveria suas potencialidades para o bem coletivo. Sua escrita conciliadora mais uma vez é o meio de articular as construções históricas dos mundos anglo-saxão e ibérico, apontando que vencidas as suas etapas socioculturais de formação, o próximo passo deveria ser o da aproximação gradual, porém constante entre eles para a futura estabilidade Americana. Este será o argumento básico utilizado pelo autor no último capítulo da segunda parte da obra. Embora esta construção possa se percebida permeando toda a obra de modo até mais vigoroso e passional do que neste capítulo, é nele que Frank caminha de modo mais instável entre a arte, a literatura, a política e a utopia. O povo de sua América Hispana deveria ser o povo escolhido para o novo mundo que haveria de se organizar ainda no século XX e o motivo para esta destinação transcendente é construída não apenas através de argumentações místicas. Waldo Frank iria se apropriar do princípio da evolução biológica para dizer que o “corpo americano” estaria agora – década de 1930 – mais amadurecido e complexo para maiores mudanças:

⁸⁶ Id. pp. 260

Este mito de la naturaliza en los cimentos de la vida orgânica tiene semejanza con el problema de la supervivência de la America Hispana. Hace un siglo, al emprender su marcha de las Republicas, aunque el caminho era oscuro y difícil, nada parecia oponerse al lógico resultado de un nacimiento cultural.⁸⁷

O processo de amadurecimento desta evolução não estaria ainda completo e Frank reconhece isto. A grandeza desta América Hispana, no entanto, parece estar às vistas do autor e por isso ele insiste em recomendar nas páginas finais de sua obra quais deveriam ser os caminhos mais rápidos para que o mundo ibérico fosse capaz de se tornar orgânico enquanto partes do continente. A solução para o problema das repúblicas em eventuais conflitos em suas buscas pela autonomia Frank apresenta de modo tão simplificado que sua escrita é quase inocente: a solução para a criação mais rápida desta grande A.H seria o recurso ao sistema de federações. O texto deste ponto em diante é, senão utópico, demagógico. E mais uma vez não fica clara a avaliação que o próprio autor possuía do que escrevia. Suas soluções - ao problema criado também por ele – são muito curiosas e ao contrário do que acontece quando pretende escrever “*el cuento de un povo*”, ao redigir sobre política suas observações são bastante limitadas:

Las naciones de la América Hispana están fuertemente inividualizadas. Hasta aquéllas tan vecinas como el Perú y Bolívia, Uruguay y Argentina, Venezuela y Colombia, Costa Rica y Nicaragua, son diferentes comparadas unas con otras. Muchas son mundos en sí mismas, por tradición y por cultura, como Brasil, México, Paraguay, Argentina... Por esto fué natural que surgiesen tantas Repúblicas. Y si no fuese por la corriente amenazadora bién podían seguir desde su caminho tormentoso hacia la armonía (...)⁸⁸

E reconhecendo as flagrantes diversidades do continente, Waldo Frank aparenta ter alguma consciência das dificuldades em organizar de modo sincrônico sua proposta, e já antes de iniciar o texto com seus modelos de federação deixa clara a impossibilidade de abarcar todas as Repúblicas americanas em seu modelo. Ainda que ele tenha as incluído quando das análises contidas na obra, exatamente no momento de costurar suas observações com aquelas perspectivas de unidade e harmonia coletivas, parece ficar clara a inabilidade política de Frank enquanto articulador prático. Embora ele próprio jamais tenha se qualificado enquanto agente efetivo de qualquer mudança – como no caso de Vasconcelos – o que se destaca aqui é

⁸⁷ Id. pp. 300

⁸⁸ Id. pp. 302-303.

a dificuldade encontrada por ele em estender de modo amplo o suficiente para conter o mundo ibero-americano suas propostas de literato, conferencista e pensador.

Cualquiera unión de todos los Estados es un proyecto imposible. México, que comienza ahora precisamente a darse cuenta de la América del Sur, sólo puede llegar a ella por puertos de los Estados Unidos y de Europa. Los lazos culturales que ligan a las Repúblicas de diferentes niveles geográficos son débiles al lado de los hechos económicos y políticos que las tienen separadas. La premisa de cualquier proyecto de unión debe estar basada en una comunidad inmediata de intereses entre los Estados: una comunidad de propia defensa y de economía. Y el plan no há de aspirar a abarcar demasiado...⁸⁹

Buscando não alargar suas ideias além do que lhe parecia razoável, Frank dividiu a América Hispana em três grandes federações organizadas por padrões culturais, econômicos e geográficos semelhantes. Nem todos os países do continente estão incluídos neste roteiro, como é o caso do Brasil. A primeira das federações é chamada por ele de “*Confederación del Mar Central*”, e seria composta por México, Cuba, São Domingo, Haiti, Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicaragua, Costa Rica, Panamá, Colômbia e Venezuela. Segundo o ponto de vista de Frank – e isto é algo que não fica claro com detalhes – os estados deveriam preservar algumas de suas características fundamentais e não precisariam necessariamente para isso abrir mão de nenhuma parte de sua política externa ou militar de modo específico. O planejamento das federações de Frank é parecido com um texto em uma prova de geografia, na qual o aluno/candidato elenca informações e propostas aparentemente positivas, porém sem desdobramentos e explicações. Isto trás á mostra mais um aspecto da utilidade literária e não política de seu planejamento. O modelo da Confederação do Mar Central:

Uma confederación suelta de todos los pueblos independientes del Mar Central evitaria estos rasgos. El gran poder de México quedaría equilibrado por Colombia y Venezuela, y los Estados antillanos serían un contrapeso efectivo para las repúblicas centrales. Las diferencias individuales entre dos o más pueblos se suavizarían en la soberanía de las Repúblicas, sería sólo defensiva y economicamente constructiva.⁹⁰

As palavras com que Waldo Frank mobiliza sua argumentação são quase em sua maioria termos comuns à redação literária, mas não tão frequentes em questões sociopolíticas.

⁸⁹ Id. pp. 304.

⁹⁰ Id. pp. 305.

Além da citação acima, o texto é bastante curto neste último capítulo, são treze páginas em todas as 312 do livro completo. Dentro destas poucas páginas, cada uma das federações tem pouco mais de uma face de cada página sobre sua construção, membros e funcionamento. Definitivamente esta não era a motivação maior de Waldo Frank enquanto redigia a obra.

A segunda e a terceira federação que o autor propõe à A.H seriam a “*Federación de los Andes*” e “*Los Estados Unidos de la América Austral*”. Na primeira delas Frank se refere a uma união federativa não intervencionista entre as repúblicas andinas do Equador, Peru e Bolívia, alegando que étnica e geograficamente seriam estes países formados a partir as mesmas origens: o povo quéchua e a cordilheira dos Andes. Já suas perspectivas a respeito dos Estados Unidos da América Austral englobariam a união entre Paraguai, Uruguai, Chile e Argentina. Mais uma vez o estilo da escrita e a reflexões a respeito desta federação são muito mais literários do que políticos, de modo que em comparação ao restante da obra, a pouca extensão do texto, somada à sua concisa redação simplista torna difícil a citação de um ou outro trecho específicos. Abaixo segue toda a argumentação de Waldo Frank sobre sua América Austral:

Los beneficios de una federación así serían grandes para las cuatro naciones. Juntas constituirían un poder verdaderamente continental. Chile dejaría de ser otra California desprendida del continente entre las montañas y el Pacífico. Miraría por el Este hacia el Atlántico de una manera franca para desarrollar su emprendedora voluntad, creciendo de una manera cultural y no agrediendo a sus vecinos. Llevaría sus minerales, su carbón, sus vinos excelentes y hasta su fuerza eléctrica a la Argentina y al Uruguay y los cambiaría por los productos de la pampa. Se libtaría relativamente de la servidumbre de le sujeta a Nueva York y a la marina mercante de los Estados Unidos y de la Inglaterra.

Paraguay, que es la San Simeón Estilista de las Repúblicas americanas – fanaticamente celoso de su aislamiento -, se encedería com vida nueva. Sería el pasadizo del río entre la Federación de los Andes, Brasl y la pampa. El Uruguayse beneficiaría también, aunque no de una manera tan espectacular como los otros países, por la prosperidade que adquiriría mediante el comercio entre el Atlántico, la manigua, los Andes y el Pacífico. Sería mucho más de lo que es ahora: seria una Dinamarca latina, llena de orden y de luz, contra la confusión de sus mayores y más ambiciosos vecinos.

La América Austral se convertiría así en un grupo de naciones verdadeiras, en un cuerpo atlántico en oposición a los Estados Unidos y capaz de comerciar, de una manera creativa, con todos los grandes poderes del mundo atlántico.⁹¹

⁹¹ Id.pp. 308.

Esta é toda a descrição sobre a federação e dentre as três a que mais se estende. Devida às relações entre Frank, Glusberg e Ocampo, não é de se estranhar o fato de ter o mundo austral argentino o destino mais brilhante entre todos da A.H. O processo de criação e implementação destes modelos o próprio autor reconhecerá como muito difíceis, graduais e não testamente factíveis sob alguns aspectos diplomáticos, mas é exatamente neste ponto a justificar o projeto quixotesco que ele retoma para si a função do místico ou do expositor. O problema na concretização da América Hispana como um organismo vivo e dinâmico seria o problema da conscientização de um povo a respeito de seus destinos para o futuro. O problema - segundo a perspectiva de Frank - não careceria de tantas explicações sócio-políticas (e talvez ele mesmo não fosse capaz de elaborá-las) porque se tratava de uma trajetória espiritual de descobrimento da verdade. O livro se encerra com esta afirmação e é neste ponto que o looping dado pelo escritor se fecha de modo mais uma vez conciliador, poético e porque não dizer útil às suas ambições de popularidade profética. Nada seria mais relevante do que a busca pela verdade e a busca pela verdade apenas poderia se divisar pela experiência, e Waldo Frank entrega sua obra como uma experiência de América Hispana mais do que qualquer coisa:

Porque la gran promesa de la América Hispana, en esencia, no es la promesa de razas inmensamente potenciales, ni la promesa de tradiciones profundas, ni siquiera la necesidad que tienen los pueblos atlánticos de una redención espiritual como la América Hispana, a juzgar por su genio, parece ofrecer: esta promesa es el reto secillo hecho a los hombres nuevos y a los pueblos jóvenes para que simbolicen con sus vidas el escudriño de la verdad.⁹²

Estas palavras encerram a obra nas mãos do autor e iniciam seu capítulo nas mãos do público em geral, da crítica e dos meios intelectuais latinos. Quando publicado o título em sua primeira versão norte-americana a expectativa fora desde o início algo semelhante à sua obra anterior *Our América*, o que de certa forma se cumpriu satisfatoriamente. O caminho, no entanto, entre sua primeira edição nos Estados Unidos e sua futura publicação em espanhol foi um trajeto interessante. Em correspondência citada anteriormente entre Waldo Frank e Samuel Glusberg, o autor de A.H fala de sua preocupação com as impressões não autorizadas do livro, e pede a Glusberg que guarde sua cópia como algo precioso e sem alardes, para que o valor literário - e logicamente financeiro - do lançamento do título fosse preservado a Frank

⁹² Id. pp. 312.

em sua totalidade. A tradução realizada em seguida, em contraponto às relações entre W.F e seus correspondentes latino-americanos, seria feita na Espanha pelo poeta e republicano León Felipe⁹³, para apenas em seguida ser entregue a Glusberg para a reprodução e distribuição no continente latino.

Sobre a aceitação da obra foi bastante diversificada. Nos Estados Unidos, para além de compreender a obra conforme citamos acima houveram também apreciações bastante variadas. Para além do componente literário de seu conteúdo a reação de seus leitores conterrâneos foi de não entender bem onde Frank desejava chegar com suas propostas.⁹⁴ No mundo latino as críticas que recebeu foram sobre sua visão como utópica e também sobre a maneira com que trata a Igreja católica como uma estrutura arcaica e inferior.⁹⁵ De modo geral, no entanto, a publicação de *America Hispana* foi a chave de entrada para Waldo Frank no mundo latino de modo mais intenso. A partir da publicação da obra ele recebeu outros convites para viajar pelo continente e estreitou laços com intelectuais de várias procedências. Embora correndo o risco de soar anacrônico o que vou escrever, acredito que A.H tenha sido uma espécie de carta de intenções do autor para o mundo ibérico, carta que seria desdobrada nas duas décadas seguintes em que se correspondeu como outros literatos e articuladores políticos e publicou diversos títulos também traduzidos para o espanhol culminando com sua biografia de Simon Bolívar (1951) tida ainda hoje como uma obra de referência sobre a vida do reformador americano.

Foi também a partir da obra que as “Américas” tão semelhantes de toda uma geração de pensadores tornaram-se distintas entre si, e incompatíveis umas com as outras. *America Hispana* materializou a ideia que Frank tinha da América como continente do Novo Mundo. Esta postura de W.F o insere em toda uma tradição de pensadores sobre o mundo americano desde sua descoberta e desvalorização pelo mundo europeu até seu apogeu de prosperidade e progresso.

A tese da fragilidade ou imaturidade do Novo mundo ganhou forma o matemático e naturalista francês Geroges-Louis Leclerc, o conde de Buffon (1707-1788), que, examinando

⁹³ León Felipe (1884-19568) foi um poeta republicano espanhol futuramente exilado no México aonde viria a falecer. De vida atribulada, sua trajetória pessoal foi marcada por divórcios, boemias, militância constante e intensa produção literária. Seus poemas também passaram pela temática da mística natural associada ao republicanismo. Foi também o tradutor responsável por várias traduções, sobretudo do inglês para o espanhol.

⁹⁴ Cf. Ogorzaly. Micahel A. Waldo Frank: Prphet of Hispanic Regeneration. Bucknell University Press: Lewisburg. 1994. pp. 105.

⁹⁵ Ibid.

comparativamente as espécies animais na América e na Europa teria concluído que na América “a natureza viva é bem menos ativa, bem menos variada e bem menos forte”⁹⁶. Hegel⁹⁷ (1770-1831) partindo das considerações de Buffon as encararia como determinações absolutas e assim o dito “Novo Mundo” seria utilizado para definir o continente americano como sinônimo de algo incompleto, imaturo ou infantil em relação ao já amadurecido mundo europeu. Já Schopenhauer⁹⁸ (1788-1860) chegaria a definir os Estados Unidos como um lugar próspero, no entanto, marcado pelo utilitarismo negativo e pela ignorância.

É a partir do transcendentalismo de Emerson e Thureau que a América ganha outro significado. Para o movimento transcendentalista, a A. seria uma entidade mística e fantástica, o futuro de possibilidades para um mundo extenuado e mecanizado em excesso. Em suas produções o “Novo Mundo” americano passou a designar o local do futuro, novo pela prosperidade que carrega em si e amplo em suas manifestações culturais, políticas e filosóficas. Waldo Frank que foi tributário dos dois autores citados pactua desta mesma leitura a respeito do continente americano, mas, para além das questões diretamente referentes aos países de formação anglo-saxã, ele estende este estatuto de promessa ao mundo latino americano sendo talvez o primeiro autor norte-americano a fundir o Novo Mundo fracionado por motivos culturais em um potencial único mundo sistematicamente articulado e virtualmente mais completo que o agora depreciado “Velho Mundo” europeu.

Como um pioneiro do americanismo no século XX o que Waldo Frank faz com muito tato e capricho é a junção de aspetos diversos de várias culturas em um sistema que lhe dá sentido e correlação. Os problemas dos Estados Unidos são em sua produção o pano de fundo de praticamente todos os livros que publicou, ainda que de modo velado. Ao conhecer costumes diversos com abertura suficiente que o permitia dialogar com seus anfitriões ou correspondentes, Frank contribuía para ampliar seu círculo de contatos literários, mas também foi capaz de trazer ao espaço do debate norte-americano e latino as diversas facetas do continente. América Hispana se inscreve na tradição transcendentalista de um “Novo Mundo” posicionando W.F como o mais tardio do grupo, por assim dizer, ou uma espécie de próto-americanista, entre todos os que viriam a seguir no decorrer do século XX.

⁹⁶ Cf. América. In : Dicionário de Filosofia (2007)

⁹⁷ Ibid.

⁹⁸ Ibid.

O livro publicado em 1931 foi uma divisão de águas na trajetória intelectual de W.F, após sua publicação e os convites para novas viagens pelo continente outras alianças seriam concretizadas e sua aproximação com o movimento comunista seria mais estreita. Aos poucos aquele primeiro grupo de parceiros que o havia avalizado na década de 1920 iria se substituindo por outro mais ativo e engajado. Durante os conflitos da Segunda Grande Guerra e, em seguida, com a polarização durante a Guerra Fria, Waldo Frank seguiria uma trajetória de vida e trabalho um pouco diferente daquele da primeira metade do século vinte. Talvez pelo estado de desgaste total vivido pelo ocidente após o conflito, a ideia de uma América Una tornou-se algo cada vez mais distante na produção literária de Frank e em seu lugar, a busca pela síntese ancorou sua perspectiva sob as óticas do indivíduo e suas buscas particulares no seio de uma sociedade plural⁹⁹, mas estes itens poderão ser abordados em outro momento, por agora é a criação, a organização e o diálogo entre A.H e W.F que nos interessa como conclusão deste trabalho.

⁹⁹ Sobre este movimento é possível encontrar referências nas obras *Memoires of Waldo Frank* (1973) e *Rediscovery of Man* (1958).

4) CONCLUSÃO

A citação que abre esta dissertação é parte de um dos poemas de Whitman, em “Leaves of Grass”, que representa forma como Waldo Frank se relaciona com a América. No capítulo intitulado “Sussurros da Morte Celeste”, está incluso um poema evocativo a respeito da América em suas destinações espirituais e humanas a partir dos olhos do poeta. Mais precisamente na estrofe número cinco de “Tu, mãe, com tua progênie à altura”, o poeta americano canta com mais entusiasmos suas impressões especificamente sobre seu país, mas passíveis de serem projetadas de modo mais abrangente para todo o continente, de acordo com o que encontrei durante minhas pesquisas sobre Waldo Frank. Os povos, as riquezas, mas, sobretudo as possibilidades que Whitman pressente são exatamente as mesmas que Frank entregaria à sua América Hispana. Em seus discursos durante o ciclo de conferências de 1929 é como artista e poeta que ele se identificaria, e, portanto trata-se do canto de um poema social, cuja personagem é o povo americano.

Assim como a vida de Whitman, também a de Frank seria uma vida errante. Enquanto o primeiro circulou dentro dos EUA buscando sua inspiração, o segundo circulou por todo o ocidente, enquanto também se movimentava entre pensadores e sistemas culturais que julgava capazes de transforma-lo no modelo de artista que desejava ser: um artista imbuído da missão preciosa de contar aos seus contemporâneos detalhes a respeito do que significava ser filho da América e qual deveria ser o modo de honrar esta filiação. As palavras de Frank seriam evocativas de “Leaves of Grass” e ele uma espécie de Whitman moderno. Waldo Frank foi um artista acima de tudo, um artista da palavra, da experiência e da intuição. E é no eixo entre estes três espaços que a compreensão de sua produção se torna um pouco mais clara. Sobre sua forma de utilizar as palavras, cumpre dizer que seus textos poderiam facilmente ser transformados em conferências, não sendo difícil perceber as entonações emocionais de seus argumentos e também os usos deste tipo de escrita em sua circulação entre os leitores que provavelmente ansiariam por se encontrar com o autor. O texto foi o suporte encontrado por ele para transmitir suas ideias, e mais específico ainda, o texto em prosa foi sua escolha. Sua obra pretende ocupar o espaço da crônica de uma nova organização intelectual e estética da realidade e as ferramentas utilizadas por Frank para isto são as palavras mobilizadas com o máximo de precisão, de modo a levar seus leitores a partilhar com ele alguma parcela da experiência que ele teve com seus objetos.

A questão da experiência, desta forma, é entendida na obra de Waldo Frank como uma das bases fundamentais da produção literária. É produzindo experiência que ele é capaz de articular suas ideias, ainda que não sejam ideais verificáveis ou reais. Não foi preciso que ele viesse ao Brasil para escrever sobre a Amazônia, no entanto a relação que manteve com seus correspondentes latinos e as conferências ministradas pelo continente foi capaz de imprimir em Frank uma espécie de experiência daquilo que ele entendeu como latinidade e que futuramente ganharia contornos de bandeira espiritual. Ao longo da vida do autor são várias as circunstâncias em que exatamente esta experimentação da realidade – não distinguida entre a interna e a externa – imprimem outras direções em seus desejos de modo a lavá-lo por caminhos aparentemente antagônicos, mas que na verdade tratavam-se de caminhos descolados de um sistema específico e baseados a capacidade de Frank em vive-los por meio de suas necessidades. Neste ponto é que a manipulação disto que chamo intuição se torna a marca da mística na produção de W.F. Através da experiência, o autor parece decodificar a realidade e partindo desta decodificação ele intui os movimentos históricos e culturais do futuro. A busca pela verdade é então a busca pela materialização de suas construções internas que ele modela através do texto e constrói pelas vias da publicidade. Não se trata da América de um americano comum a que Frank evoca, nem mesmo de um relato de viagem convencional, é a intuição de seus desejos que ele destaca, por isso sua produção mobiliza signos de espiritualidade e mística, sempre motivados por esta manifestação material de algo já pronto, presente, internamente.

A obra de Waldo Frank e sua vida podem ser encarados de modos diversos e sob inúmeros pontos de vista, devido à sua relação com a experiência pessoal do sujeito no mundo. Sua produção intelectual foi bastante plural e permitiu ao autor trafegar por alguns gêneros e por muitos nichos culturais dentro e fora da América Latina. Sua vida particular, através de suas correspondências e dos relatos de amigos que conviveram com Frank, ajudam a construir uma imagem satisfatoriamente complexa do autor e de sua produção. O editor de suas memórias, Alan Trachtenberg, fez considerações pertinentes sobre ele:

In spite of his abiding sense of failure and of being ‘outside’ the main currents of his times – a feeling abetted in the last two decades of his life by the outrageous neglect he suffered, in no small portion for political reasons, such as his association with the Communist Party in the 1930’s and his support of Cuba in the 1960’s – Frank enjoyed a remarkable career(...) No other of his group I equaled his range of association and friendship, extending to the intellectual capitals of America, England, France, Spain and America Hispana. By virtue of his mobility, his ease with several cultural traditions

and his access to a remarkable variety of experience, Frank's perspective upon his times was unique.¹⁰⁰

A busca de unidade e completude é a questão que perpassa toda a obra de Waldo Frank, num movimento que é ao mesmo tempo intelectual e pessoal. O autor adapta conceitos e definições como “self revolution” e “Cosmos” de forma a embasar intelectual e teoricamente sua imaginação e seu desejo de completude do homem. Para a América, Waldo Frank constrói uma imagem de unidade na diversidade tecendo ligações entre as culturas ibérica e anglo-saxónica; as indígenas, africanas e europeias; entre norte e sul, entre ciência e mito, entre história e ficção; entre as partes e o todo, em busca de demonstrar a grande questão que percorre toda a sua obra. Este “método” ele só sistematizará no ensaio filosófico *Rediscovery of man* de 1958, mas estaria já presente em todos os seus livros não ficcionais, inclusive em “América Hispana”.

Foram as repercussões de suas ideias e de seu entusiasmo com o papel da América no cenário mundial, e dos países ibéricos no continente, que lhe rederam não apenas muitos amigos na América Latina, como também o título de “profeta da regeneração hispânica”¹⁰¹, alcunha que soa muito mais como uma definição estilística ou um título de impacto do que como uma categorização específica de seu pensamento ou sua produção. Sua proposta de valorização da cultura ibérica ecoou com o eclodir de movimentos artísticos e literários por todo o continente e a figura de um estrangeiro reconhecido como figura intelectualmente importante a exaltar a cultura latina certamente lhe renderia títulos apaixonados, sobretudo se este yankee mobilizasse símbolos e signos atrelados à espiritualidade, ou mais precisamente, à experiência espiritual e mística de um povo. Daí provavelmente o título de profeta.

Frederick Pike se refere a Frank como um pensador utópico, herdeiro das ideias contestadoras dos “splendid drunken years”, a década de 1920. Comunidades de intelectuais se aproximaram da América excluída, negra, indígena e latina, para tentar compreender o que acreditavam que os Estados Unidos haviam perdido no caminho do desenvolvimento puritano. A volta às origens e à espiritualidade guiava o pensamento destes jovens que

¹⁰⁰ TACHTENBERG, Alan. (ed.) *Memoirs of Waldo Frank*. (1973). Massachusetts Press. p.viii

¹⁰¹ OGORZALY, Michael A. *Waldo Frank*. (1994). London/Toronto, Associated University Press.

viveram as incertezas do entre-guerras e da crise econômica de 1929¹⁰² e se tornaram símbolos de liberdade de pensamento e ação, inspirando as gerações de escritores que os sucedeu.

“America Hispana” é produto do sonho de Waldo Frank para a América: as duas metades do hemisfério integradas em um só povo, numa nova síntese espiritual através da qual o homem alcançará sua completude. E que foi sintetizada por Michael Ogorzaly: “To simplify Frank’s argument, North America has the means, which South America needs; South America has the ends, which North America needs.”¹⁰³

Embora estas descrições deem conta de alcançar a obra de modo isolado, a proposta deste trabalho é a de encarar obra e autor em sua dialogia. Desde que se considere a impossibilidade da imparcialidade do sujeito em qualquer circunstancia, toda sua produção ou atuação social será carregada de contradições, e suas motivações particulares, seus desejos, sonhos ou falta deles poderão somar-se à compreensão da obra, tanto quanto a obra poderá ajudar a entender o homem.

Waldo Frank, conforme abordado anteriormente no decorrer do texto, se enquadra perfeitamente no estereótipo da biografia do herói. Sua trajetória e relações durante o início de sua formação, o relacionamento com os companheiros de faculdade e as viagens para outros países em busca de conhecimentos futuramente compartilhados com seus contemporâneos, o colocam entre aquele que seria predestinado a encontrar a luz e dividi-la com os demais ainda na escuridão. Suas correspondências e, sobretudo suas memórias demonstram que Frank sinceramente acreditava nisto e fez sua vida algo como uma hagiografia secular, a vida do homem que sabia sobre a verdade e a espiritualidade, e tentou dividi-las com seus contemporâneos. De certa forma Waldo Frank se considerava uma espécie de Prometeu Americano.

It was assumed that students came to Yale to learn success (...) But here was a glowing, intense little fellow who secretly faced failure. You made a contract with Mephisto for success; I had made a compact with a God who was a tougher bargainer than the devil!

I was going to be an author. And authors had rewards. They made money (see Kipling). They made disciples (see Tolstói). They won world fame (see

¹⁰² PIKE, F.B. *The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature*. Austin, University of Texas Press, p.227-259

¹⁰³ OGORZALY, Michael A. *Waldo Frank*. (1994). London/Toronto, Associated University Press.p.105.

Hardy, Meredith, and Shaw). I looked with hunger on these prizes. Well, I was going to give them up. Their loss would be my payment in the bargain. And what would God give in return? God promised exactly nothing of success on any level. He would simply and solely keep open for me while I lived the course of search for truth, the course of an unceasing effort to put words together that summed to revelation of the truth, which was God's Present. I might miss my aim; I might fail by any definition. What I compacted with God was to give up all the guerdons, not for the highest or deepest success but for the chance, while my life lived, to go on trying.¹⁰⁴

O que Waldo Frank escreve sobre sua trajetória não necessariamente representa o que ele fez enquanto caminhou. O problema de sua baixa popularidade a partir da década de 1950 foi resignificado por ele enquanto alguém que possuía e afirmava sua missão intelectual. Na prática, suas correspondências da década de 1920 para Victoria Ocampo, Samuel Glusberg ou Mariátegui demonstram muito pouco desta presença de Deus, e marcadamente uma regular preocupação em manter seus “discípulos” fiéis e dóceis às instruções que ele enviava dos Estados Unidos. Da mesma forma sua relação com o pagamento das conferências realizadas e dos livros editados na América Latina demonstram sua fixação real nestes aspectos que supostamente teriam sido pactuados com a divindade. Durante um curto espaço de tempo o autor realmente conseguiu tudo isto, mas não foi capaz de manter por todo o tempo o prestígio dos anos dourados da década de 1920. Acredito que a busca por estas instâncias de prestígio e promoção tenham sido tão importantes para Frank quanto suas obras em si, somando isto a uma personalidade forte e envolvente será possível refletir mais profundamente sobre a publicação de “América Hispana”, o sonho waldeano de uma América una e as demandas particulares do próprio autor.

O sentimento de falta é algo que perpassa toda a obra de Waldo Frank, oscilando entre a perspectiva de solidão e a inadequação. Provavelmente devido à sua precoce auto-identificação enquanto profeta ou missionário o autor não reconhecia nos EUA o espaço capaz de permitir sua projeção, então seria preciso buscar algo fora dos limites de sua terra – como o herói tradicional. Estes Estados Unidos do qual Frank buscava se afastar estando na Europa era o mesmo do período progressista de Roosevelt, Taft e Wilson. Na transição entre os séculos XIX e XX a economia do país amadurecera, abandonando a juventude pacífica e iniciando suas ações paradoxais entre conquistas e retrocessos políticos e sociais. O destino manifesto, juntamente com o corolário Roosevelt conquistavam espaço na política externa

¹⁰⁴ TACHTENBERG, Alan. (ed.) *Memoirs of Waldo Frank*. (1973). Massachusetts Press. pp. 45

dentro do continente, na luta por novas áreas de influência. A despeito das constantes manifestações anti-imperialistas partindo do congresso, o período progressista foi marcado pela intervenção americana no México, em Cuba e nas Filipinas. Os progressos alcançados pela sociedade pareciam tão positivos no início do século que deveriam ser levados adiante a quase quaisquer custos.

A crença imperialista de que o mundo estaria melhorando a partir destas ações era bastante difundida entre as elites norte-americanas, e ao longo deste período que podemos circunscrever entre a Guerra Hispano-Americana de 1898 e o início do governo de Wilson (1912), falava-se em progresso, porém sem relações diretas com a mudança social do país. Para alguns grupos, sobretudo nos centros urbanos, as coisas eram menos alegres e o disparate entre os trustes, os grandes empresários em suas mansões na Quinta Avenida com seus automóveis e os operários que trabalhavam nas oficinas, em péssimas condições e sem qualquer segurança, contrastavam como nunca. Parece ser desta realidade de “progresso” que Waldo Frank se sentiu descolado. O que buscou, entretanto, fora dos EUA, nos eruditos cafés parisienses, não foi suficiente para atender a todas as suas buscas. Desejava outros cenários sociais atrelados às condições de fazer-se literato e artista consumado. Foi ao conhecer o mundo ibérico que ele encontrou o lugar ideal para seu plano de vida e trabalho. A América Latina foi o universo potencial para que o engajamento e a fama pudessem saciar o vazio de Frank.

Enquanto escritor ou conferencista sua produção foi bastante eclética, baseada na apropriação de seus interlocutores. Na América, os diálogos com Glusberg, Reyes, Mariátegui e provavelmente suas leituras de Vasconcelos podem ser encontradas de modo dissolvido ao longo da obra. De certa forma estes autores sintetizaram para Frank um modelo literário – social que deu certo, e deu certo sob a ótica da popularidade, da aceitação, da circulação. Certamente não é casual a dedicação de A.H à José Carlos Mariátegui, assim como também não é totalmente original a leitura mitológica e espiritual que Frank realiza do continente. Tanto partindo do Amauta quanto de Vasconcelos, o autor foi capaz de elaborar delicada síntese dos pontos citados e que, ao seu entendimento deram certo. Ao aproximar-se de seus interlocutores latinos transparece em suas correspondências e obras a intenção de ser como eles, porém imbuído de uma missão maior.

Acredito que seja razoável dizer que parte desta empreitada – possivelmente não totalmente inconciente – apenas se concretizou devido à maneira como seus textos foram redigidos. Conforme abordado no corpo deste trabalho, a escrita waldeana durante sua primeira etapa de enamoramento com a A.H foi profundamente conciliadora entre diversas perspectivas. No texto, as partes divergentes na cultura, política ou economia dentro da América Hispana, e mesmo da América, seriam apenas partes transitórias carregadas de um sentimento de busca que as fariam reunir em síntese positiva através de suas ideias. É assim que o ouro e a máquina seriam um o complemento do outro, não o oposto; é assim que as federações hispânicas se articulariam em movimentos compensatórios entre comércio, defesa, cultura. É por este mesmo processo que Frank categorizaria tanto os nativos locais quanto os conquistadores europeus enquanto construtores necessários ao Novo Mundo.

O que é interessante é a percepção desta fala amena e fraterna presente na obra de doar do modo como Frank lidaria com seus interlocutores através das correspondências. A ênfase com que pressiona Ocampo para seguir suas instruções na “Revista Sur”, ou o modo como a repreende por contar com colaboradores europeus nas publicações, demonstra o quanto seu texto possuía objetivos bastante claros na arregimentação de seguidores dispostos a executarem seu plano de América. Este aspecto inclusive é uma de minhas hipóteses a respeito do declínio da influência de Waldo Frank no cenário latino pós Segunda Guerra Mundial.

O sonho waldeano de um continente unido e redentor foi capaz de conquistar corações entre as elites intelectuais da primeira metade do século XX. Ao imaginar suas conferencias de 1929 na Argentina ou no México, nas quais ele discursava sobre integração, sobre os vícios dos Estados Unidos ou sobre o valor da cultura ibérica, sempre para auditórios repletos de estudantes e pensadores deslumbrados por uma retórica aparentemente arrebatadora e envolvente, é possível construir mentalmente o quadro da penetração inicial quase instantânea de Frank junto a grandes massas também descontentes com o mundo conforme se apresentava. No entanto o autor não seria capaz de manter entre seus apoiadores da primeira hora – à exceção de Glusberg talvez – a chama do mesmo envolvimento, e devido a seu gênio forte e controlador, aos poucos os laços de sustentação que o faziam circular pelos países latinos foram se afrouxando até a dissolução. Waldo Frank atribuiria sua “decadência” a outros motivos, que não se justificam completamente perante o contato com sua produção:

I had not ceased to be a creative writer. My publications in the 1950s make that clear. *Birth of a World: Bolívar In Terms Of His Peoples* came out in 1951; *Not Heaven*, in which the friends of my work found some of my very best stories – and the world’s – appeared in 1953; *The Rediscovery of Man*, in 1958. Despite the book’s length and difficulties, Editorial Acquilar got out a Spanish edition in 1961. Nevertheless, in regard to my individual career as a man of letters, there were a bad signs. With the cold war and Senator McCarthy my invitations to lecture had shrunk, particularly from institutions with money. Audiences no longer paid to hear the other side. Indeed the rich ones did not want to hear it. My lecture agent, W. Colston Leigh, told me that my western tours were among the most brilliant he had ever managed. But my patrons seemingly had had enough. Also the number of my articles in well-paying weeklies and monthlies began to shrink.¹⁰⁵

Após todos estes aspectos serem considerados, qual teria sido a relação entre o autor e a obra que até agora esteve sob análise? Seguindo a perspectiva construída por Enrique Krauze em sua obra intitulada “Os Redentores”¹⁰⁶, Waldo Frank poderia ser encarado como um dos redentores latino americanos do século vinte. Em sua obra, Krauze estuda a biografia intelectual de onze homens e uma mulher com atuação e produção intelectual determinantes para a construção da identidade na América Latina. O primeiro capítulo da obra – “Quatro Profetas” – é o que mais familiaridade possuía com aquilo que encontrei na “América Hispana” de Frank. José Martí, José Henrique Rodó, José Vasconcelos e José Carlos Mariátegui foram influências que podem ser lidas através dos textos waldeanos nas décadas de 1920-1930, sendo dois deles pessoas da convivência mesma de W.F. Tanto quanto eles, o literato e ativista norteamericano profetizou uma América em seus textos, culturalmente vigorosa para ser capaz de ocupar seu espaço perante o restante do mundo e virtualmente a vanguarda do pensamento social e político no cidente. Talvez este seja o elo mais vigoroso na corrente que ligou Frank ao mundo latino: um estrangeiro empenhado em falar a mesma linguagem daqueles que compuseram gerações de esperanças pelos países sulamericanos.

Tal como os demais profetas de Krauze, Waldo Frank também configurou a vocação revolucionária do continente com um zelo apostólico, e parecia acreditar na comunhão entre o leitor e o autor através da palavra escrita. Este movimento seria uma espécie de religião secular onde o local da salvação agora estaria votado à unidade interdependente, porém preservada em suas bases locais, de todo um Novo Mundo, repleto de possibilidades, que

¹⁰⁵ TACHTENBERG, Alan. (ed.) *Memoirs of Waldo Frank*. (1973). Massachusetts Press. pp. 234

¹⁰⁶ Cf. Krauze, Enrique.

gozava de maior fôlego para entregar-se à luta por seus ideais. Frank foi o porta-voz deste sentimento durante sua passagem pelos países que o receberam como ídolo.

Parte de sua retórica mística parece adquirida através de suas viagens pelo oriente médio em contato com as bases do judaísmo e da cabala, mas outra parte é perfeitamente compreensível como componente do tempo em que escreveu e para os interlocutores que o acompanhavam. O destino americano para ele parecia algo claro, e suas correspondências ressaltam suas conclusões a respeito da função messiânica de suas viagens. Seus espectadores na Argentina, no México ou no Peru estavam também alimentados com este mesmo sonho e o que Frank soube fazer e, porque não dizer manipular, foi a linguagem mais coerente, capaz de projetá-lo enquanto artista.

Sob a ótica pessoal, esta redenção americana pode ser entendida como um processo redentor do próprio autor. A América seria uma espécie de espelho fragmentado que o permitiu reorganizar suas inquietações enquanto gerava uma concepção de corporativismo monista entre os seres humanos – em 1931, expresso através das origens e dos destinos políticos do continente latino. Aos poucos esta concepção amadureceria em sua obra, de modo que mesmo algumas bases de seu pensamento seriam ressignificadas, mas tudo começaria com sua atividade em torno de uma proto-utopia americana. A falta sentida em si, seria preenchida através de um continente e esta é a utilização observada nas páginas de “América Hispana”.

Na trajetória de Waldo Frank, poucas foram as referências específicas a respeito de sua juventude ou de suas passagens pelas instituições que frequentou, resultando em uma dificuldade objetiva na construção de alguma origem razoável para sua inadequação, – se esta origem razoável existir – mas a constante presença deste sentimento em sua vida será sentida até seus últimos anos de existência. Em suas memórias, as experiências que viveu durante a década de 1920 são marcadas por reflexões a respeito dos conceitos que possuía. Mais velho, ao olhar para trás ele escreveria capítulos como “Mexico and Don Quixote”, “Freud and the Shekhina” e “Success and Defeat in Argentina”, nos quais seria capaz de reconsiderar fatos importantes de sua carreira sob outras óticas. Sua derrota não é explicitada no texto como fruto de algo pontual, mas parece se tratar da derrota do sonho de sua América Hispana, de sua unidade externa.

No fim, mesmo tendo escrito inúmeras obras em vários segmentos literários e mesmo realizando relatos de viagem de outras partes do mundo como da Espanha, da Rússia, ou dos Estados Unidos, foi através da América Latina que Frank se manteve mais vivamente presente na história da literatura e dos movimentos sociais. Ao debruçar minha atenção sobre todas estas obras no período de escrita desta dissertação a figura de Waldo Frank transitou em várias situações entre os nichos de santo e profano. Sua irreverente espiritualidade rivalizou com seu egoísmo autocentrado e suas conferências foram antônimas de suas cartas para alguns correspondentes. Sem sombra de dúvidas W.F foi e ainda é uma figura sedutora e aos escrever estas linhas finais chego à conclusão de ter estudado um intelectual capaz de planejar com riqueza de detalhes sua penetração e fama em um mundo ainda desconhecido, mas repleto de contradições como ele próprio. Quando publicou “América Hispana”, Frank já contava com 42 anos e até então não havia conquistado uma posição destacada com sua produção. No início da maturidade ele se tornou, então, um herói para as fileiras da valorização da identidade latina, enquanto a América Latina redimia e dava identidade a seu próprio redentor.

BIBLIOGRAFIA

ABAGNO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AMARAL, Leila; GEIGER, Amir (org). (2008) **In vitro, in vivo, in silício**. Ensaio sobre a relação entre arte, ciência, tecnologia e o sagrado. São Paulo, Attar.

ANDRADE, Oswald. **A utopia antopofágica**. (1995). Rio de Janeiro: Globo.2.ed.

ARCINIEGA, Víctor D. Reyes. **Guardia de la Pluma**. Secretaria de Relaciones Exteriores: La Universidad Autonoma de Nuevo León y el Fondo Editorial de Nuevo León, 2009.

ÁVALOS, Gloria H. El Proceso de recepción de The American Scholar de Ralph W. Emerson. In: **Norteamérica**. Año 4, número 1, enero-junio de 2009.

BARRETO, Paulo C. **As Religiões no Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

BERGSON, Henri. **As duas fontes da Moral e da Religião**. São Paulo: Editora Almedina, 2005.

BERNARDETE, M. J. **Waldo Frank in America Hispana**. Hispanic Institute in United States, 1930.

BITTNER, William. **The novels of Waldo Frank**. Filadelfia, University of Pensilvannia Press. s/d.

Bourdieu, Pierre. **A Ilusão biográfica**. in: Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói das Mil Faces**. São Paulo: Pensamento, 1997.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise**. São Paulo: Autêntica, 2011

CHASE, Richard. **Walt Whitman**. São Paulo: Martins 1960.

Crusoé. Trad. Mário Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

DOMINGUES, Beatriz H; BLASENHEIM, Peter L (Org.). **O Código Morse: Ensaio Sobre Richard Morse**. Belo Horizonte: UFMG, 2010

ELIADE, Mircea. **Mito do Eterno Retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ESPINOZA, Enrique. **Trinchera**. Buenos Aires, Babel, 1932.

FOLSOM, Franklin. **Days of anger days of hope**. A memoir of the League of American Writers. 1937-1942. University Press of Colorado, 1994.

FRANK, Waldo. **Primer Mensaje a la America Hispana**. Madrid: Revista de Occidente, 1929.

_____. **America Hispana**. Buenos Aires: Losada S.A, 1931.

_____. **Arch. Waldo Frank**. Mecanogr. Universidad de Pennsylvania.

_____. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Our America**. New York: Duell,Sloan and Pearce, 1919.

_____. **South American Journey**. New York: Duell,Sloan and Pearce, 1943.

_____. **Virgin Spain**. New York: Duell,Sloan and Pearce, 1921.

FUNES, Patrícia. **Salvar la Nación**. Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos, Buenos Aires, Prometeo, 2006.

HEINBERG, Richard. **Memórias e Visões do Paraíso: Explorando o mito universal de uma idade do ouro perdida**. São Paulo: Paraíso, 1991.

IGLESIA, Cristiana. **Waldo y Victoria en el paraíso americano: Identidades y proyectos culturales en los primeros años de la revista Sur**. Universidad Nacional de Buenos Aires.

JAMES, Willian. **The Varieties of Religious Experience: A Study in Human Nature**. Nova York: Collier-Macmillan, 1961.

JUNG, Gustav. **Arquetipos e o inconsciente coletivo**. Petropolis: Vozes, 2002.

KARNAL, Leandro ET Al. **A História dos Estados Unidos**. São Paulo: Contexto, 2007.

KRAUZE, Enrique. **Os Redentores: Ideias e poder na América Latina**. São Paulo: Saraiva. 2011.

MARIÁTEGUI, José C. **Correspondencia**. Tomo II. Lima: Amauta, 1984.

MENDÉZ, Jesús. **The Orogins of Sur. Argentine's elite cultural review**. Revista Interamericana de Bibliografía, vol. 31, nº1, 1981.

OGORZALY. Micahel A. **Waldo Frank: Prphet of Hispanic Regeneration**. Bucknell University Press: Lewisburg. 1994.

PIKE, F.B. **The United States and Latin America. Myths and stereotypes of civilization and nature**. Austin, University of Texas Press, p.227-259.

REYES, Afonso. “**Guardias de la Pluma**”. Monterrey. Correo literário de Alfonso Reyes (Rio de Janeiro), n.2, Ago., 1930.

SUBIRATS, Eduardo. **A penúltima visão do paraíso**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

SUR [Publicaciones periódicas]. Verano 1931, Año I, Buenos Aires.

TARCUS, Horácio. **Maiategui em la Argentina**. Buenos Aires: El Cielo Por Asalto: 2001.

TOTA, Antonio P. **O imperialismo sedutor**. A americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo, Cia das Letras. 2000.

TRACHTENBERG, Allan. **Memoirs of Waldo Frank**. The University of Massachussets – 1973.

VASCONCELOS, José. **La Raza Cósmica**. Buenos Aires: Espana-Calpe, 1948.

WATT, Ian. **Mitos do individualismo moderno**: Fausto, Dom Quixote, Don Juan, Robinson

WEBER, Max. **A ética protestante e o ‘espírito’ do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. **Rejeições religiosas do mundo e suas direções**. Textos Seleccionados/Max Weber. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ANEXO A – CRONOLOGIA DE WALDO FRANK¹⁰⁷

1889 – Nasce Waldo Frank no dia 25 de Agosto, em Long Branch, Nova Jersey.

1902-1906 – Frequentou o *DeWitt Clinton High School*, em Nova York.

1906-1907 – Frequentou os estudos na escola privada de *Les Chamettes*, na Loisiaania, onde se familiarizou com a língua francesa e a literatura francesa.

1907 – Ingressou na Universidade de Yale.

1911 – Graduou-se em Yale com o título de bacharel e mestre em artes simultaneamente.

1911-1913 – Trabalhou como repórter nos jornais *New York Evening Post* e *New York Times*.

1913 – Entre os meses de fevereiro e setembro viveu em Paris.

1914 – 1916 – Viveu em Nova York e publicou seu primeiro texto de ficção na revista *Smart Set*.

1916-1917 – Entre novembro de 1916 e outubro de 1917 foi editor associado e contribuiu com publicações na revista *Seven Arts*. Foi também em 1917 que se casou pela primeira vez com Margaret Naumburg.

1917 – Publicou sua primeira obra de ficção, *The Unwelcome Man*. A revista *Seven Arts* encerrou suas publicações Waldo Frank se inscreveu na liga de recrutamento para a Primeira Grande Guerra como pacifista.

1918 – Viajou dentro dos Estados Unidos conhecendo regiões diferentes do país.

1919 – Baseado na experiência de suas viagens durante o ano anterior publicou em novembro de 1919 a obra *Our América*.

1920 – Publica a obra *The Dark Mother*.

1921 – Viaja pela Espanha e pela França novamente.

¹⁰⁷ Cronologia baseada nas obras de Alan Trachtenberg (1973) e Ricardo Borchardt (1997)

1922 – Nasce seu primeiro filho. Publica também dois novos livros: *City Bloch* e *Rehab*.

1923-1924 – Visita Algeria e Espanha, conhece Alfonso Reyes e outros escritores em Madrid. Também publica três outros títulos: *Holiday*, *Chalk Face* e *Salvos* (Uma coletânea de ensaios).

1926 – Se divorciou de Margareth Naumberg. Publicou *Virgin Spain* e viajou pelo leste Europeu e pela Palestina na companhia de Adolph Oko.

1927 – Caosu-se pela segunda vez, com Alma-Magoon. A obra *Rediscovery of America* é publica em uma série de textos pelo jornal New Republic.

1929 – *Rediscovery of America* é publicado como um livro. Também neste ano realizou seu primeiro ciclo de conferências pela América Latina, no qual visitou Mexico, Argentina, Bolívia, Peru. Cuba, Chile, Brasil, Colombia e Uruguai.

1930 – Publicação de *Primer Mensaje a la America Hispana*, em Madrid.

1931 – *America Hispana* é publicado em setembro. Entre os meses de agosto e novembro realizou sua primeira viagem à URSS.

1934-1935 – *The Death and Birth of David Markand* é publicado. Visitou novamente Argentina e Chil.

1936 – Ingressou no comitê de escritores em apoio aos candidatos do Partido Comunista dos EUA.

1937-1938 – Foi delegado e expositor no Congress de Escritores Revolucionários e Artistas, no México. Visitou Trotsky. Viajou novamente pela França e pela Espanha. Publicou dois livros: *In the American Jungle* e também *The Bridegroom*.

1939 – Viajou pelo México na companhia do presidente Cárdenas.

1941 – Publicou o livro *Summer Never Ends*.

1942 – Em abril publicou uma edição revisada de *Virgin Spain* e entre abril e setembro realizou seu segundo ciclo de conferências na América Latina. Desta vez foi declarado pelo

regime facista argentino como persona non grata e sofreu um atentado em Buenos Aires no dia dois de agosto.

1943 – Publicou *South America Journey*. Também neste ano se divorciou de Alma Magoon e casou-se com Jean Klemper.

1944 – Publicou uma coleção de ensaios chamada *The Jew in Our Day* e também a obra *Island in the Atlantic*.

1948 – Publicou a obra *The Invaders*. Também viajou novamente por alguns países da América Latina durante a redação de sua biografia de Simón Bolívar.

1951 – Publicou *Birth of a World: Bolivar in Terms of his peoples*.

1952 – Foi eleito membro do Instituto Nacional de Artes e Letras dos EUA.

1953 – Publicou a obra *Not Heaven*

1957 – Publicou a obra *Bridgehead: The Drama of Israel*.

1958 – *Rediscovery of Man é publicado*.

1960 – Visitou Cuba e Fidel Castro.

1961 – Sobre sua visita em Cuba publicou *The Prophetic Island: A Portrait of Cuba*.

1962 – 1967 – Provavelmente foi o período em que trabalhou em sua autobiografia.

1967 – Faleceu em janeiro, em White Plains, Nova York.

ANEXO B – CARTA A WALDO FRANK (VICTÓRIA OCAMPO)¹⁰⁸

Una tarde, hacia octubre de 1929, caminábamos juntos por Palermo. Había em el aire pesadez de tormenta y el olor de las rosas y de la tierra era compacto como niebla; pero atravesábamos sin sentirla esa dulzura. Usted me reprochaba con violencia mi inactividad, y yo le reprochaba, no menos violentamente, que me supusiera usted apta para ciertas labores. Entonces, por primera vez, el nombre de esta revista -que no tenía nombre- fue pronunciado.

Existe la angustia de los que esperan, en plena actividad, que una tregua, que una forzada interrupción los lleve al reposo. Existe la angustia de los que, en plena inactividad, esperan que una tarea, que un deber les sea impuesto por las circunstancias. Tal vez había usted, generoso amigo, leído en mi semblante esta última angustia, tal vez decidió así ser la circunstancia. Nunca se me hubiera ocurrido por sí sola la idea de fundar una revista. Y creo que sin esa constante insistencia suya, capaz de sacudir mis dudas, no habría siquiera consentido en reflexionar al respecto.

Bien sabe usted que no se trataba de falsa modestia. Se trataba simplemente de una disciplina adquirida a golpes de experiencia y que nome permite creerme en condiciones de llevar a cabo algo que no haya intentado nunca.

Usted me acusaba de ser tímida. Es cierto, mi timidez llega hasta el sufrimiento. Pero es una timidez combatida que a veces lo echa a perder todo y que sin embargo no impide nada. Quiero decir que no consigo privarme de mis medios cuando se trata de hacer algo que creo poder realizar a mi manera.

Si me hubiera usted pedido una lectura de poemas en público; si me hubiera pedido que decorara interiores (lo que significa para mí limpiarlos de decorados) o que le escribiera lo que pienso de uno de sus libros, mi timidez no habría contado para nada. Pero quería usted verme al frente de una revista, lo que ya es harina de otro costal. Y esta vez la razón y la experiencia sostenían mi timidez.

Durante la última semana de su estadía en Buenos Aires, el tema de la revista volvió constantemente a nuestras conversaciones. Sus argumentos tenían el aspecto de una ofensiva,

¹⁰⁸ Sur [Publicaciones periódicas]. Verano 1931, Año I, Buenos Aires

y los míos el de una de esas resistencias pasivas que acaban con la tenacidad inglesa en la India. Llegó el día de su partida. Todavía no me había inclinado usted hacia ninguna decisión definitiva. Pero me había llenado, en cambio, de inquietudes, de escrúpulos, de proyectos. Esto era el alba de su triunfo. Le prometí ir a continuar el debate en Nueva York. Después de su partida, quedé en las condiciones de un enfermo cuyos síntomas son todavía vagos y a quien el médico abandona en el período preciso de la incubación. La idea de la revista era para mí, al embarcarme hacia Europa, como esos dolores neurálgicos que no se localizan y que uno siente a veces en la espalda, a veces en el codo o en los dedos.

Las gentes -siempre más enteradas que nosotros de los accidentes de nuestra vida- me interrogaban: «¿De modo que va a fundar una revista?». Y yo los miraba azorada como si hubieran entrado en mi cuarto sin llamar a la puerta. Me chocaba el comentario en alta voz de algo que tenía, para mí, el color y la forma del secreto.

Ya en París, vi que el proyecto de revista me había precedido. Advertí el fantástico y absurdo aspecto que adquirió al pasar por las ajenas esse propósito inarticulado por mi boca. Entonces comprendí que tan grosera caricatura no cedería ante mis explicaciones o rectificaciones, sino ante la revista misma. Digo caricatura grosera al recordar que se me preguntó, con la mayor seriedad del mundo, si mi revista se proponía volverle la espalda a Europa. ¡Sencillamente porque declaré que su fin principal consistiría en estudiar los problemas que nos conciernen, de un modo vital, a los americanos!

¡Volver la espalda a Europa! ¿Siente el ridículo infinito de esa frase? Claro está que nos vemos irremisiblemente obligados, en el sentido físico como en el intelectual, a dar la espalda a alguna cosa si queremos volver la cara hacia otra. Pero eso no implica forzosamente que nos demos vuelta en sentido figurado. Cuando me acuesto para dormir me acuesto boca abajo y vuelvo la espalda al cielo. Cuando sólo descanso me extiendo de espaldas y las vuelvo a la tierra. Dios sabe, sin embargo, hasta qué punto adoro su cielo y su tierra.

Afortunadamente olvidé, riéndome con algunos amigos, el disgusto provocado por esas falsas interpretaciones. Me acuerdo de ciertas comidas, en París. Ramón pronunciaba discursos disparatados acerca de las dificultades que acechan al desgraciado director de una revista como la que yo me proponía hacer. ¿Cómo imponer, efectivamente, armonía entre gentes que se detestan? Y en eso están todas las repúblicas americanas, que se quieren como perro y gato.

Drieu decía: «Frank y Victoria son capaces de pasar a través de todo eso sin inmutarse: son dos inocentes». Honni soit qui mal y pense. Drieu quería decir que somos americanos, Waldo, y que en nosotros la inocencia es todavía auténtica. Que puede, por consiguiente, hacer milagros. Yo pensaba que si América es joven, el mundo no lo es y que nuestro continente se parece a esos niños cuya infancia se marchita de vivir siempre entre adultos. América no cree ya en los cuentos de hadas, pero lleva en sí la eterna necesidad que los hizo nacer. Como necesita creer en ellos acabará por inventarlos de nuevo. Y ése será su milagro.

Quise regresar a Buenos Aires Vía all América. ¿Se acuerda de mi llegada a Nueva York? ¿Se acuerda de su decepción al constatar que ante los rascacielos y los jazz parecía yo olvidada de la revista? Una noche que comíamos en un Child's me dio usted un sermón. Su largo discurso terminaba así: «Pero si la revista le interesa tan superficialmente que cualquier cosa la distrae de ella, abandone su proyecto». Usted vio que los ojos se me llenaron de lágrimas (lágrimas que cayeron en las alverjas de mi plato). Yo estaba fastidiada y conmovida a la vez. Fastidiada por mi propio enternecimiento y conmovida por su amistosa rudeza.

Tenía usted razón. Es decir, habría tenido razón si los resultados hubieran sido los que lógicamente tenía el derecho de prever. Esa misma noche, sin embargo, una vez disipado su resentimiento, me confesó usted que comprendía perfectamente mi avidez de Nueva York y el olvido del resto. ¡Quién mejor que usted para comprenderlo!

Al embarcarme en Brooklyn estábamos los dos seguros de que la revista se haría. Usted, Waldo, me ha impuesto esa tarea. Finalmente vencida, la he aceptado de usted como un don precioso. He creído poderla aceptar debido a los amigos que están en mi torno y en quienes tengo confianza. Gracias a su ayuda todo se hace posible.

Esta revista no será mi revista sino porque es la revista de ellos y la revista de usted. Ella será el lugar constante de nuestro encuentro. No sé, a la hora en que escribo, si conoce ya su nombre. Fue escogido por teléfono, a través del Océano. Por lo visto todo el Atlántico se necesitaba para este bautismo... Teníamos varios nombres en la cabeza, pero no lográbamos ponernos de acuerdo. Entonces llamé por teléfono a Ortega, en España. Esas gentes tienen costumbre de bautizarnos... Así, Ortega no vaciló y, entre los nombres enumerados, sintió enseguida una preferencia: Sur me gritaba desde Madrid.

Volví con ese nombre de mi pesca telefónica y lo clavamos con una flecha en la tapa de la revista. Ahora la revista está en prensa. ¿Qué será Sur? ¿Recuerda usted su carta a Copeau y Gallimard que sirve de prefacio a Nuestra América? Comienza así: «Este libro es vuestro en un sentido exacto. Os diré porqué. Vinisteis a América y nos hicimos amigos. Estabais llenos de la voluntad de comprender y me requeristeis con preguntas acerca de mi país. Yo estaba lleno del deseo de compartirlo con vosotros. De un modo extraño estaba enamorado de él. Y os digo que estaba enamorado de un modo extraño porque las cualidades que yo amo en América estaban ocultas. Todo lo que ella grita al exterior, con voz estridente, son cosas que detesto. América no era un sabroso fruto maduro para ser ofrecido al paladar de mis amigos. América era un oculto tesoro...».

No tengo que cambiar en eso una sola palabra. Eso es lo que quisiera decirle; eso y lo que sigue: «América era un oculto tesoro y para conquistarlo teníamos que derribar muchas jactancias, atravesar los pantanos de muchas mentiras, destruir muchos mitos, muchas simplezas, de modo que no tardé en descubrir que vosotros y yo explorábamos juntos. Nuestras conversaciones se ensanchaban y se profundizaban. Nuestras palabras no eran la mera lectura en voz alta de páginas escritas. Eran un viaje de descubrimiento. Vosotros que veníais de Francia y yo, americano, descubríamos juntos América». Waldo, en un sentido exacto, esta revista es su revista y la de todos los que me rodean y me rodearán en lo venidero. De los que han venido a América, de los que piensan en América y de los que son de América. De los que tienen la voluntad de comprendernos, y que nos ayudan tanto a comprendernos a nosotros mismos. Las cualidades de su América, Waldo, son secretas como las cualidades de la mía. Lo que su América grita con voz estridente no es tal vez exactamente lo que grita la mía, pero nuestro odio va hacia ello por las mismas causas.

Su América y la mía -escribamos para simplificar «nuestra América» ya que el tesoro escondido que buscamos en ella es el mismo o equivalente-, nuestra América es un país por descubrir y nada nos incita más al descubrimiento, nada nos pone más seguramente en el rastro de nuestra verdad como la presencia, el interés y la curiosidad, las reacciones de nuestros amigos de Europa. Su carta a Copeau y Gallimard es, en esse sentido, el ejemplo más patente.

Ha querido usted explicar a sus amigos por qué es América un gigante inquieto pero todavía sin palabras, y ha escrito un libro. Sur testimonia mi admiración por esa obra, mi

absoluta adhesión a lo que la inspiró. Seguirá en cuanto a su orientación un camino paralelo. Cada uno, según las fuerzas respectivas, nos pondremos a la búsqueda de América, de esa América del oculto tesoro. «El hombre tiende a negar lo que no sabe afirmar», declara secamente un gran francés.

Lo que desde ya sabemos afirmar de América es que estamos enamorados extrañamente de ella. Y ese amor, como todo gran amor, es una prueba. Prueba que arroja sobre nuestras incapacidades e imperfecciones una luz resplandeciente y cruel. Este amor se dirige a lo que está más allá de nosotros y parte de lo que está más allá de nosotros. Tener conciencia de ello, sufrir por ello es saludable.

Así está usted, así estamos nosotros enamorados de América.

**ANEXO C – CORRESPONDÊNCIAS: WALDO FRANK, SAMUEL GLUSBERG E
JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI**

DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI A WALDO FRANK¹⁰⁹

Lima, 10 de diciembre de 1928
Washington izquierda 544-970
Señor Waldo Frank.
New York.

Muy admirado y querido compañero:

Hace tiempo que aplazo la satisfacción de escribirle. Vivo acaparado por un trabajo absorbente, entregado a una tarea de responsabilidad múltiple. No tengo casi tiempo que dedicar a la amistad, a la correspondencia. Tengo, en fin, el problema del desequilibrio entre mi trabajo y mi salud. Hoy, la partida a New York del pintor argentino José Malanca, que pondrá en sus manos esta carta. es la más grata invitación a escribirle.

Porque he exagerado. Mis labores me imponen límites en la correspondencia, pero no en la amistad. Pocos amigos tiene Ud. probablemente en Sudamérica, tan amorosamente atentos a su voz, a su obra, como yo, aunque mucho de lo que Ud. escriba me escape. En cada página suya, que llega a mis manos, siento íntegra su presencia, encuentro siempre alguna nota entrañablemente suya.

Recibí su magnífica España Virgen. La primera impresión de esta lectura consta en una breve nota, que publiqué aquí en una revista en que colaboro semanalmente. Envié el recorte a nuestro amigo Samuel Glusberg de Buenos Aires, con el encargo de que se lo hiciera llegar.

Le he enviado últimamente mis 7 Ensayos de Interpretación de la Realidad Peruana, con números de Amauta. Es un documento honrado y leal sobre esta parte de América. Nada más. Pero quizá disponga Ud. de un rato para pasar la vista por sus páginas.

Conforme a su deseo, cesó de aparecer en Amauta toda traducción de su *Rediscovery of America*. Le quiero asegurar que nuestro propósito no era otra que publicar tres o cuatro fragmentos.

¹⁰⁹ *Arch. Waldo Frank, Universidad de Pennsylvania. Mecanogr. Membrete: "Amauta". Transcripta de Anuario Mariateguiano, 11,0 1, Lima, 1989, p. 125.*

Malanca es un mensajero de esa Indo-América que Ud. quiere conocer. En sus cuadros se lleva quizá el más hermoso paisaje de esta parte del continente. Y en él apreciará Ud. Al mismo tiempo que al artista, al hombre, todo pureza, bondad, claridad, impulso. Tiene absolutamente la simpatía de cuantos trabajamos en AMAUTA. Ud. juzgará su obra.

Lo tengo constantemente en mi recuerdo. Algunas notas de mi libro se lo probarán.

Malanca le dirá lo demás. Yo le estrecho la mano con el más devoto afecto de amigo y compañero.

José Carlos Mariátegui

DE WALDO FRANK A JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI¹¹⁰

173 Riverside Drive

New York, hoy 21 abril [de 1929]

Mi querido hermano,

Mi visita a Suramérica está reglada. Estaré en Argentina, hasta el] 5 de noviembre. Traversaré los Andes -tal vez por Chile, La Paz, Cuzco: y deberé encontrarme en Perú a los principios de diciembre. No necesito decirle como me alegra esta ocasión de conocerle personalmente y de poder conocer un poco su país.

Si se puede arreglar en Lima una conferencia o más, pagándome los gastos de mis exploraciones en Perú, seré contento.

Ya puedo figurarme las horas que charlaremos y discutiremos juntos, Ud. y yo! Como tenemos mucho que decidir! Principalmente, como tengo yo mucho a aprender de Ud!

Suyo, enteramente.

Waldo Frank

¿ha recibido Ud. mi último libro?

¹¹⁰ Arch. Mariátegui. Mecnogr. salvo dos frases al final. Membrete "Waldo Frank". Em castellano en el original, en: Mariátegui, Correspondencia" Lima, Amauta, 1984, t. II, p. 547.

DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI A WALDO FRANK¹¹¹

Lima, 30 de abril de 1929.

Muy querido y admirado amigo:

Viajaba hacia Ud. la carta de que fue portador Malanca, cuando Ud. me escribió su carta de enero. Su última de 27 de febrero, me avisa que sólo entonces recibió Ud. la mía. Durante un mes he estado haciendo una cura de sol, aire y mar en una playa. Mi salud ha ganado mucho; pero yo he perdido todas mis tardes y mi contacto con mis amigos. No he dispuesto, en este tiempo, para todo mi trabajo, sino de las cortas horas de la mañana. Por esto, sólo hoy le escribo.

Pero he comenzado ya a ocuparme en la compilación del material que necesita para la antología planeada. He empezado por remitirle los Cuentos Andinos de López'Albújar, Matalaché novela del mismo autor y El Pueblo sin Dios de César Falcón. También Tempestad en los Andes y De la Vida Inkaica de Luis E. Valcárcel, que no son cuento ni novela, pero sí, en parte, relato y leyenda. Falcón tiene un libro de cuentos que no he encontrado en las librerías: Plantel de Inválidos. Pero él mismo se lo enviará de Londres. Escríbale a Londres W.1 - 11 Adam Street, Portman Square. Es un gran valor, sobre todo como ensayista y periodista. Debe ser uno de sus amigos de Hispano-América, si no lo es ya. Escriba también a Valcárcel, a la Universidad del Cuzco. Le será muy útil cuando visite la capital inkaica. En Lima puede ayudarlo en la búsqueda de alguna edición agotada y otras indicaciones, Luis Alberto Sánchez, crítico y catedrático de literatura de América de la Universidad de San Marcos. Su dirección es: Carabaya 960. Le he hablado ya y se compromete a auxiliarle. No habrá suficientes cuentos inkaicos de valor; pero sí cuentos y relatos peruanos. Pida a Ventura García Calderón, a París, sus libros. El plan es magnífico y yo lo secundaré en todo lo que pueda. El prefacio, naturalmente, debe escribirlo Ud.

He hablado con otro de los mejores catedráticos jóvenes de nuestra Universidad sobre su venida y la conveniencia de que ofrezca algunas conferencias en Lima a su paso. Se muestra entusiasta. Creo que se interesarán en conseguir que la Facultad de Letras lo invite otros jóvenes profesores que lo conocen y admiran.

¹¹¹ Arch. Waldo Frank, Universidad de Pennsylvania. Mecanogr: Membrete: "Amauta". Transcripta de Anuario Mariateguiano, n° 1, Lima, 1989, pp. 126-127.

Gracias por su admirable libro. Escribiré algo sobre él apenas mis excesivas ocupaciones actuales me dejen tiempo.

Pronto tendrá Ud. más extensas noticias mías.

Por ahora, no hago más que darle desordenadamente algunos datos.

Muy reconocido a todas las generosas muestras de estimación con que lo distingue. Lo abraza su devotísimo compañero y amigo.

José Carlos Mariátegui

DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUIA WALDO FRANK¹¹²

Lima, 7 de noviembre de 1929.

Señor Waldo Frank.

Buenos Aires.

Muy admirado amigo:

Desde que conocimos los primeros fragmentos de su obra, los intelectuales y artistas del Perú la seguimos con toda estimación y simpatía. Sabíamos que de la América del Norte, cuya más sugestiva interpretación nos ofreció un libro de Ud., su indagación de redescubridor lo llevaría a la América Latina. España Virgen era, después de Nuestra América, la jornada inicial de este viaje.

Su presencia en Buenos Aires, donde queremos que reciba Ud. nuestro fraternal saludo, es una promesa para todos los pueblos sudamericanos. Ambicionamos para el Perú el honor de que sea una de las próximas estaciones de su itinerario. No ignoramos su interés en conocer la tierra y la cultura peruanas. Y si nuestra invitación puede servir para que anticipe Ud. su visita a nuestro país, no debemos demorarla.

Sin compromiso de institución ni de tendencia, suscriben esta invitación catedráticos, escritores, poetas, pintores, y escultores que lo admiran y lo quieren. Venga Ud.

¹¹² *Are/l. Mariátegui. Copia mee. sin firma. Transcripta de: Mariátegui, Correspondencia, Lima, Amauta, 1984, t. 11, p. 665.*

al Perú a decirnos de viva voz su mensaje. En Lima, en el Cuzco, en Arequipa, en todas las ciudades del Perú que Ud. visite, será acogido con amistad y devoción.

Confirmamos el cablegrama que a nombre nuestro le envían en la fecha veinte de nosotros, designados para suscribirlo.

Esperando su respuesta, lo saludamos cordialmente, congratulándolo por la magnífica acogida de Buenos Aires.

DE WALDO FRANK A JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI¹¹³

Santa Barbara [noviembre de 1929].

Querido hermano: saldré de este vapor que le traerá mi carta, á Antofagasta. Pasaré dos ó tres días á La Paz (donde los estudiantes me han pedido a venir -y empujado á su Gobierno á invitarme).

Pues, de la manera más ligera, vendré á Lima. Conversar con Ud... le conocer, si Ud. lo permite, íntimamente... es, tal vez, la acción mas importante de mi viaje á Sud América. Tendré posiblemente á sacrificar, para este, mi visita á Cuzco. He aprendido que una visita á Cuzco de La Paz (á causa del horario de trenes) me haría perder casi dos semanas. *Estoy siempre esperando que una visita será posible, directamente de Lima. Si no, no importa.* Días tranquilos á Lima -conferencias si Ud. las exige- son más urgentes. A propósito de las conferencias: cuando estuve en B.A. el Encargado de Negocios del Perú vino para invitarme á dar conferencias, y saber mis condiciones. Yo dije que vendría con gusto, pero que se debía saber que vendría para hablar como estaba hablando en la Argentina y que además mi mejor amigo del Perú -mi gran y único amigo allí era Ud. Eso fué sin duda la razón del "fracaso" de la invitación. Y me alegro. Si debo dar conferencias en Lima, quiero que Ud. haga las condiciones. No puedo discutir con Ud. Voy sencillamente decirle mi situación y Ud. hará lo que quiere. No soy hombre rico. Al contrario – soy hombre que gana con gran dificultad lo necesario para vivir convenientemente con mi familia.

¹¹³ *Arch. Mariátegui. Manuscrita. Membrete On Board Grace Liner con sello de la misma. En castellano en el original. Transcripta de: Mariátegui, Correspondencia" Lima, Amauta, 1984, t. II, pp. 689-690.*

No he venido á S.A. para ganar dinero -pero he tenido necesidad de ganar lo equivalente de lo que ganaría en los *EE.UU.* Quiero, pués, que mis conferencias sean pagadas lo mejor posible. Pero no aceptaré nada ni de Ud. ni de Amauta. Que personas ricas -ó instituciones - me paguen! Prefiero, además, dar pocas conferencias bien pagadas que muchas -con menor precio. Porque? Porque es importante que tenga tiempo -ocio- para ver Lima – para estar tranquilo con Ud. y sus amigos y las conferencias me cansan énorrmemente. Lo bueno sería pues, pocas conferencias con lo más dinero posible - y muchas muchas horas libres con Ud. quien es el hombre que amo lo más de toda S.A.

Si es posible, haga que pueda sin embargo visitar Cuzco! Tendré que estar en Lima los primeros días de diciembre. He recibido permisión de volar (cómo un pedazo de correo) hasta Miami, Florida. Deberé tomar el avión del 11 o del 18... según mis trabajos en Lima. Mi mujer me necesita. Preferería tomar el del 11 -pero quedaré hasta el 18 si el objeto de mi visita lo necesita.

Mi visita á la Argentina fué una gran triumpho -apesar de la dificultad que hizo mi descubrimiento (all llegar) que fui invitado por hombres conservadores. No necesito decirle que he dicho toda la verdad, aunque todo género de influencia sútilmente obraba para impedirme.

Hasta luego -mi hermano de corazón, de espíritu, de inteligencia. Y saludos á sus amigos.

Waldo

P.S. Recibí una carta de amigos de Arequipa -y la he perdido- y no sé los nombres que la firmaron. Quiere Ud. telegrafiarles/ escribirles que si es posible, daré una conferencia a A. -que debe ser pagada (Es mi regla). Pueden esperarme á Arequipa el 1 de diciembre. Pero no sé si permaneceré. Tal vez me enviará Ud. una carta otra.

DE WALDO FRANKA JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI¹¹⁴

New York, 30 de diciembre de 1929.

Muy querido hermano.

Acabo de llegar; no me he acostumbrado todavía a mi propio país ni a la vida humana que encuentro aquí. Me es difícil hablar, y escribir. Ya está empezando el proceso de digerir todo lo que me ocurrió, todo lo que he aprendido en su América. Vaya dedicarme a esta tarea, y a la de escribir el libro que debe ser el fruto de mi viaje, y justificarlo, en seguida.

Una tarea honda, larga, difícilísima. Todo el año 1930 no bastará, tal vez, a acabarla. Felizmente, he ganado bastante dinero para poder esconderme lo necesario, y para dedicarme sin interrupción a la obra. Procuraré hacer un libro constructivo -un libro de vida y de acción.

Querido José, no sabes -no puedes saber cuánto mi conocimiento con ti me vale- y me nutre. Es el "clímax" de mi viaje. Cuando mi solitaria vida aquí me asuste demasiado, pensaré a ti, a tus amigos, a este conjunto hermoso que tu espíritu ha creado en el Perú.

Mientras tanto, he escrito dos veces a Glusberg, diciéndole la importancia de lograr tu visita a B. A. -la importancia verdaderamente americana. Y he escrito lo mismo (dos veces) a Victoria Ocampo, quien podrá tal vez ayudarnos. Ella se marchó a París: pues mi comunicación con ella, cuando llegue ella, no será tan larga. No puedo escribir una verdadera carta: como he dicho, me es necesario el silencio. Esta vuelta al Hecho Americano, después de mi gran viaje en el país de las ideas, es penosa, naturalmente. Comprenderá, como entiendes todo.

Know, dear friend, that in the deepest sense you are my brother, and that you have my love (also in the deepest sense) forever. Mis cariños a Sra. Mariátegui, a Leguía (el

¹¹⁴ Arch. Mariátegui. Mee., salvo la frase entre la firma y el P.S., manuscrita. Membrete del Cornish Arms Hotel, New York, etc. La frase en inglés hacia el final de la carta significa: "Sabe, querido amigo, que en el más profundo sentido tú eres mi hermano, y que tú tienes mi amor (también en el más profundo sentido) para siempre". Escrita en castellano, se ha respetado la grafía del original. En: Mariátegui, *Correspondencia*, Lima, Amauta, 1984, t. u, pp. 705-706.

bueno), Sánchez, a Sabogal, a Julia, a todos, a todas ... Qué recuerdo maravilloso me han dado, para siempre.

Ti Hermano

Waldo Frank

P.S. 12 de enero. Mucho trabajo en dos semanas! Ya tengo el plan de mi libro sobre América hispana. Esto me espantó lo más -crear una forma que articulara la complejidad viviente de Hispano-América, en sus facetas de cultura moderna, americana y mundial. Creo que esta primera etapa de la obra ya existe. Vaya dar todo el año 1930 (a lo menos) al libro.

DE JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUIA WALDO FRANK¹¹⁵

Lima, 25 de febrero de 1930.

Querido y admirado Waldo Frank:

Gracias por sus gratísimas cartas de 30 de diciembre y 25 de enero, a las que contesto con un poco de retardo por estar haciendo una cura de sol y playa, muy conveniente para mi salud, pero muy perjudicial para mi trabajo y mi correspondencia. La primera de sus cartas debe haberse cruzado con una mía de la misma fecha aproximadamente de la que su segunda no me acusa recibo. Como le incluía una carta de Buenos Aires, llegada para Ud. después de su partida, quisiera estar seguro de que la ha recibido.

Todos sus amigos de Lima -y yo particularmente no necesito decirle hasta qué punto la comparto y la engrandezco- ponen una gran esperanza en el libro que Ud. escribirá sobre la América Latina. Ud. no puede hacer sobre esta América un libro que no sea digno de Nuestra América, de España Virgen y de El Redescubrimiento de América. Todo lo que Ud. Necesite del Perú como información o documento, le será solícitamente procurado. El libro de Basadre, irá enseguida. Si faltaba en los paquetes certificados, ha sido seguramente porque

¹¹⁵ Arch. Waldo Frank, Universidad de Pennsylvania. Mecnogr: Transcripta de Anuario Mariateguiano, 11° 1, Lima, 1989,p. 129.

no estaba entre los libros que Ud. me trajo para su expedición. He encargado ya a Luis Alberto Sánchez el envío de un ejemplar.

Glusberg prepara, según sus cartas, muy afectuosas y solícitas siempre, mi presentación a Buenos Aires para mayo más o menos. En abril espera poder remitirme el dinero de los pasajes. Tengo completamente resuelto, por mi parte, este viaje. El único problema es la organización económica de mi vida en Buenos Aires. Yo cuento, como le he escrito a Glusberg, con algunas colaboraciones pagadas del Perú; pero no sé si podría conservarlas todas por mucho tiempo, ya que se puede aprovechar de mi ausencia para obtener mi proscripción total del país.

Además lo que yo gano por esas colaboraciones no alcanzaría sino a la mitad de lo que necesito para vivir en Buenos Aires. Glusberg estima fácil que consiga en Buenos Aires desde el primer momento, la otra mitad. Si Ud. puede gestionar que The New Republic me pague de vez en cuando alguna colaboración, contribuirá a la seguridad de mi presupuesto. The Nation me escribió hace más de un año, solicitando mi colaboración y encargándome la designación de los escritores del Perú que podrían colaborar en ese semanario. Tradujo y publicó después un artículo mío sobre el problema indígena; pero no he tenido más noticia de su interés en contarme como colaborador. Anita Brenner podría informarlo acerca de la intención de dar más espacio a las cuestiones latino-americanas, tratadas por latino-americanos, en The Nation.

De La Habana me escriben comunicándome impresiones muy simpáticas respecto a la huella que en esa ciudad ha dejado su presencia. Su libro tiene asegurada en toda la América Latina una gran resonancia. Va Ud. a prestar un gran servicio al destino de este continente, de este mundo.

Haber contribuido a que en América Latina se le conozca y ame, es un orgullo para mí. Saludos cordiales de todos los amigos de Amauta. Y un abrazo de su hermano y amigo devotísimo

José Carlos Mariátegui